

CAROLINA MACEDO LOPES

**LIBRAS NAS LICENCIATURAS: ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DE DISCIPLINAS
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Ana Luisa Borba Gediel

**VIÇOSA - MINAS GERAIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

L864L
2023
Lopes, Carolina Macedo, 1997-
Libras nas licenciaturas: análise da organização de
disciplinas e suas contribuições para uma formação crítica /
Carolina Macedo Lopes. – Viçosa, MG, 2023.
1 dissertação eletrônica (112 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Ana Luisa Borba Gediel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Letras, 2023.

Referências bibliográficas: f. 87-93.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2023.498>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Universidades e faculdades
- Currículos. I. Gediel, Ana Luisa Borba, 1982-. II. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Letras. Programa de
Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 22. ed. 419.81


CAROLINA MACEDO LOPES

**LIBRAS NAS LICENCIATURAS: ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DE DISCIPLINAS
E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA UMA FORMAÇÃO CRÍTICA**


Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de abril de 2023.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 **CAROLINA MACEDO LOPES**
Data: 23/08/2023 11:20:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Carolina Macedo Lopes
Autora

Documento assinado digitalmente
 **ANA LUISA BORBA GEDIEL**
Data: 26/08/2023 08:54:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Luisa Borba Gediel
Orientadora

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho só foi possível após um longo processo de desafios e vitórias em diferentes intensidades que contou com a participação de pessoas e espaços essenciais. Por isso, deixo aqui meu agradecimento. Primeiramente, agradeço a Deus por me guiar durante essa trajetória, sei que minha fé foi importante para concluir esse ciclo. Agradeço aos meus pais pelos subsídios propiciados ao longo da vida. Gratidão ao Pedro Lucas pela parceria e afeto, seu apoio foi essencial nesse período. Agradeço especialmente ao meu amigo Carlos por todo apoio antes e durante a pós-graduação, pelos incontáveis momentos em que me encorajou a não desistir, oferecendo palavras de conforto, força e incentivo durante todo o processo, além das potentes reflexões teóricas que foram essenciais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Agradeço também aos espaços que frequentei durante meu processo formativo, ao Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais - CELIB, que me apresentou a Libras, o ensino e a extensão, me constituí professora nesse local; ao projeto Inovar +, que, através do professor Victor, propiciou-me o contato com a pesquisa e me apresentou a potencialidade da Universidade na promoção da inclusão; a disciplina de Libras LET 290, que, por meio da monitoria, conectou-me com a formação inicial de professores e conseqüentemente com meu objeto de pesquisa; ao projeto Surdo Cidadão que me propiciou um contato mais próximo com a Comunidade Surda de Viçosa e região. Reconheço que todos esses espaços me auxiliaram pessoal e profissionalmente, apresentaram-me pessoas que levo para a vida, também desafios e principalmente nesses espaços descobri muitas potencialidades.

Agradeço a minha orientadora Ana Luisa Borba Gediel pela confiança e incentivo desde a graduação, mediando meu contato com a Libras, com a disciplina e com tantas reflexões e práticas que me formaram docente. Agradeço a Elecíntia, pelo carinho e amizade durante o mestrado. Gratidão à comunidade Surda de Viçosa e região, por me abraçar e propiciar meu contato com a Libras e toda dimensão identitária e cultural.

Agradeço aos que verdadeiramente torcem por mim e que de algum modo têm me acompanhado direta ou indiretamente e apoiado minha formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),
pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

LOPES, Carolina Macedo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, abril de 2023. **Libras nas licenciaturas: análise da organização de disciplinas e suas contribuições para uma formação crítica.** Orientadora: Ana Luisa Borba Gediél.

A Língua Brasileira de Sinais vem alcançando espaços cada vez mais importantes socialmente, graças ao histórico de lutas e reivindicações do Movimento Surdo. No ano de 2002, a Lei n° 10.436 reconhece a Libras como forma de expressão e comunicação das comunidades Surdas brasileiras (BRASIL, 2002). Posteriormente, em 2005, ocorre sua regulamentação por meio do Decreto n.º 5.626, que, dentre outros pontos, estabelece a obrigatoriedade de implementação da Libras nas instituições públicas de Ensino Superior (BRASIL, 2005). Nesse sentido, ao chegar ao Ensino Superior, a Libras, por meio das disciplinas, promove um novo espaço de expressão e visibilidade para as pessoas Surdas, sua história, cultura e identidade, além de promover reflexões acerca do mundo Surdo. Nessa perspectiva, estamos diante de uma língua em situação minoritária que chega a um espaço privilegiado de produção de conhecimento, o que já significa resistência. Assim, professores em formação poderão acessar discussões e conceitos importantes para o processo de inclusão das pessoas Surdas. Para que as disciplinas cumpram seu papel efetivo, sua estruturação e condução precisam comprometer-se com as demandas sociais e políticas das pessoas Surdas. Nesse cenário, insere-se esta pesquisa que objetiva analisar a estruturação dessas disciplinas em Universidades Federais Mineiras. Para realização da investigação, inicialmente realizou-se um levantamento e coleta das ementas de disciplinas de Libras ofertadas nas Universidades Federais Mineiras. Posteriormente, optou-se pela análise de conteúdo (BARDIN, 1997) para compreender a organização das ementas, especificamente as semelhanças e diferenças dos conteúdos apresentados. A partir disso, foi possível compreender a organização das disciplinas de Libras das Universidades Federais Mineiras. Identificamos que as disciplinas seguem um padrão de desenvolvimento, especificamente a partir de três eixos, são eles: (1) Aspectos educacionais, (2) Cultura e Identidade e (3) Aspectos Linguísticos. Esses eixos mostram que as disciplinas apresentam discussões teóricas com relação à história, legislação, cultura, identidade, educação dos Surdos, assim como ao ensino do vocabulário básico da Libras.

Entendemos que tais eixos podem engendrar diferentes construções aos licenciandos, permitindo, assim, uma formação crítica consciente de seu papel enquanto professor de estudantes Surdos, atentos às particularidades linguísticas e culturais dos Surdos. Apesar do potencial da disciplina, consideramos que mudanças são necessárias para que esse componente curricular possa cumprir seu papel de forma efetiva na formação dos professores. Percebemos a necessidade de mais discussões e pesquisas acerca da disciplina, espaços e possibilidades para o desenvolvimento de políticas que possam fortalecer e subsidiar o ensino de Libras no cenário acadêmico.

Palavras-chave: Libras. Ensino Superior. Ementas.

ABSTRACT

LOPES, Carolina Macedo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, April 2023. **Libras in undergraduate courses: analysis of the organization of disciplines and their contributions to critical education.** Advisor: Ana Luisa Borba Gediel.

The Brazilian Sign Language is reaching increasingly important spaces socially, thanks to the history of struggles and claims of the Deaf Movement, in 2002, Law No. 10.436 recognizes the Libras as a form of expression and communication of Brazilian Deaf communities (BRASIL, 2002). Later, in 2005, its regulation occurs through Decree No. 5626, which among other things, establishes the mandatory implementation of Libras in public institutions of Higher Education (BRASIL, 2005). In this sense, when it reaches Higher Education, Libras, through the disciplines, promotes a new space of expression and visibility for Deaf people, their history, culture and identity and, in addition, contributes to the dissemination of Libras and reflections about the Deaf world. In this perspective, we are facing a language in a minority situation that reaches a privileged space of knowledge production, which already means resistance. Thus, teachers in training will be able to access discussions and concepts important for the inclusion process of Deaf people. For the disciplines to fulfill their effective role, their structuring and conduction must be committed to the social and political demands of Deaf people. In this scenario, this research aims to analyze the structuring of these disciplines in Federal Universities of Minas Gerais. To carry out the research, initially, a survey was conducted and collection of the menus of the disciplines of Libras offered in the Federal Universities of Minas Gerais. Later, we opted for content analysis (BARDIN, 1997) to understand the organization of the menus, specifically the similarities and differences of the content presented. From that, it was possible to identify similarities among the courses, from different institutions, and, from that, to categorize such points in three axes, namely: (1) Educational aspects, (2) Culture and Identity, and (3) Linguistic aspects. These topics are broken down into specific points, receiving different nomenclature and definitions according to the institution, but the research shows that all of them have the same background. In this way, we believe that this "pattern" may exist in the practice of each institution, even if it is not officially presented in the legal documents. This survey and the meeting points identified can serve as a basis for the writing of an official document that can help in the construction of disciplines. We believe that such axes allow a critical training of teachers, by

enabling access to issues that permeate the Deaf world and its educational, linguistic and cultural specificities and, consequently, potentiate transformations, even if subtle, in the school environment.

Keywords: Libras. Higher Education. Topics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Acesso aos documentos.....	53
Quadro 2	Relação das disciplinas.....	54
Quadro 3	Estrutura básica das disciplinas.....	58
Quadro 4	Eixo 1: Aspectos Educacionais.....	71
Quadro 5	Eixo 2: Cultura e Identidade.....	75
Quadro 6	Eixo 3: Aspectos linguísticos.....	79
Quadro 7	Programas das disciplinas das Universidades.....	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CELIB	Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais
ES	Ensino superior
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LA	Linguística Aplicada
LDB	Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LSF	Língua de Sinais Francesa Nacional
OCNS	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFSJ	Universidade Federal de São João del Rei
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFVJM	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIFEI	Universidade Federal de Itajubá

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
1.1.	O encontro com o objeto de pesquisa.....	13
1.2.	Reflexões iniciais.....	15
1.3.	Problemas de pesquisa.....	21
1.4.	Objetivos.....	22
1.4.1.	Objetivo geral.....	22
1.4.2.	Objetivos específicos.....	22
2.	OS MOVIMENTOS SURDOS E A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS.....	25
3.	LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR.....	37
3.1.	Compreendendo o Decreto 5.626 e as lacunas que envolvem a oferta das disciplinas de Libras.....	37
3.2.	A importância da disciplina de Libras na formação inicial de professores.....	42
4.	PERCURSO METODOLÓGICO.....	50
5.	ANÁLISE DE DADOS.....	57
5.1.	Panorama inicial das disciplinas.....	57
5.2.	Estruturação das disciplinas de Libras.....	64
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE A – Programas das disciplinas das Universidades....	94
	ANEXO A – Universidade Federal de Viçosa.....	100
	ANEXO B – Universidade Federal de Minas Gerais.....	101
	ANEXO C – Universidade Federal de Ouro Preto.....	102
	ANEXO D – Universidade Federal de Juiz De Fora.....	104
	ANEXO E – Universidade Federal de São João del Rei.....	105

ANEXO F – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.....	106
ANEXO G – Universidade Federal Do Triângulo Mineiro.....	108
ANEXO H – Universidade Federal de Uberlândia.....	109
ANEXO I – Universidade Federal de Lavras.....	112

1. INTRODUÇÃO

1.1 O encontro com o objeto de pesquisa

Antes de compartilhar as reflexões desenvolvidas no meu trabalho de mestrado, sinto a necessidade de uma breve apresentação sobre minha trajetória acadêmica, um espaço neste texto que permite compreender os caminhos que me conduziram ao objeto de estudo deste trabalho: “as disciplinas de Língua Brasileira de Sinais - Libras no Ensino Superior – ES”. O interesse pela temática foi construído progressivamente, desde o início da graduação, e o presente momento simboliza a materialização de inquietações e construções acerca da disciplina e principalmente a demonstração de sua importância para a formação de professores, como foi relevante para minha formação.

Os caminhos trilhados na Universidade Federal propiciaram transformações significativas em minha formação pessoal e profissional; dentre os porquês que me trouxeram a este objeto de estudo, destaco 1) A importância da Universidade, que se estende a uma educação pública de qualidade; 2) Formação de professores e o poder para transformações sociais, pois considero o espaço acadêmico um espaço potente que me permitiu construções imensuráveis. Desse modo, apoio-me nas palavras de Paulo Freire, uma vez que, segundo o educador, “para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele as marcas de seu trabalho” (FREIRE, 2002, p. 81). Seguindo tal perspectiva, a educação deve estar relacionada a um ensino que leve à transformação e à ação, mas com base na ética, criticidade e diálogo, formando alunos capazes de transformar o mundo e a si mesmos; dessa forma, incluo-me e vejo este trabalho como fruto de um processo transformador.

Primeiramente, gostaria de me apresentar e situar de onde falo, o que de certo modo dá sentido ao meu trabalho e a minhas aspirações nele materializadas. Sou uma jovem mulher negra, advinda do ensino público de uma cidade do interior de Minas Gerais, cotista, fruto de políticas públicas de acesso e permanência no ES, características que demandaram a constante busca por ocupar os espaços sociais e resistir a eles. Com certeza, tais especificidades me impulsionaram a certas escolhas acadêmicas, como o interesse por uma língua minoritarizada, pois acredito que existe

um plano de fundo que conecta minhas demandas às demandas da Comunidade Surda, frente a questões de ordem hegemônicas.

De volta para tratar da Universidade, eu sou licenciada em História pela Universidade Federal de Viçosa, já atuei como professora da disciplina, mas atualmente sou professora substituta de Libras na Universidade Federal de Ouro Preto. Assim como para muitas outras pessoas, a Universidade me permitiu uma formação crítica, mudanças de pensamentos e conseqüentemente transformações em minha realidade, teorias que possibilitam práticas libertadoras e, por isso, hoje “(...) celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade” (hooks, 2013, p. 24). As palavras de bell hooks¹ representam o que busco atualmente, assim como a universidade me auxiliou a transgredir em muitos sentidos, desejo que a Libras nesse espaço possa afetar os futuros professores para termos profissionais mais conscientes, que atuem de forma inclusiva como multiplicadores nos espaços educacionais.

Minha construção enquanto professora/pesquisadora se inicia a partir do meu contato com a disciplina e conseqüentemente com a Libras. Em 2016, cursei a disciplina de Libras ofertada na Universidade Federal de Viçosa; nesse momento, tive a oportunidade de ser aluna de um professor Surdo², o que me possibilitou um contato inicial com discussões acerca da cultura e identidade Surda, como também a aprendizagem do vocabulário básico da Libras. A partir de então, não me afastei mais dessas discussões; logo após a disciplina, ingressei no Curso de Extensão em Língua Brasileira de Sinais - CELIB da UFV, participando de um curso de formação de professores de Libras.

Eu, graduanda em História, me vi aprendendo uma nova língua e, simultaneamente, ensinando-a. Foi realmente desafiador, mas o curso e as/os professoras/es formadoras/es me propiciaram subsídios para um bom desenvolvimento, desde discussões sobre metodologias de ensino de Libras como segunda língua (L2), como também acerca dos aspectos linguísticos.

¹ A autora optou por se apresentar em letras minúsculas, trata-se de um objetivo crítico para que o foco fosse em sua obra e não na pessoa em si.

² O termo Surdo com S maiúsculo considera o Surdo em suas particularidades linguísticas e sociais, e distancia-se da perspectiva que vincula a surdez enquanto deficiência auditiva, s minúsculo (SACKS, 2010).

Paralelo a isso, segui, ao longo dos anos, participando de diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão na área de Libras, experiências que me possibilitaram trocas com pessoas de diferentes áreas do conhecimento; um novo olhar sobre a inclusão e principalmente possibilitaram engajamento em prol de uma educação mais justa e inclusiva. Participei do projeto Inovar Mais, uma parceria entre diferentes departamentos, com equipe multidisciplinar, o qual tinha como objetivo criar ferramentas para auxiliar estudantes Surdos e com deficiência visual no contexto educacional. Outro projeto do qual participei foi o projeto intitulado Surdo cidadão, uma iniciativa de extensão, em que lecionei aulas de história para Surdos adultos. Dentre diversas ações, eu segui como monitora voluntária da disciplina de Libras; no início, apenas observava aulas e auxiliava no ensino de Língua e com o passar do tempo, a professora me incluiu nos planejamentos e a partir daí meu olhar foi se voltando cada vez mais para a disciplina. Percebi o quão importantes aquelas discussões eram para os estudantes, a partir dos relatos deles e do meu próprio aprendizado.

Já em 2019, iniciei uma pesquisa em ensino com foco nas disciplinas de Libras da UFV, esse trabalho possibilitou conceber um panorama sobre as disciplinas no contexto da UFV. Descobri a oferta de três disciplinas com carga horária e objetivos distintos, o contato com as ementas desencadeou uma vontade de prosseguir os estudos e de ampliar o campo de pesquisa, dessa maneira surgiu o interesse por um panorama envolvendo as Universidades Federais de Minas Gerais.

Minha trajetória, a relação com a Libras e o impacto disso na minha vida transcendem as palavras citadas acima, mas meu objetivo nesse momento é mostrar como sou fruto da disciplina de Libras e como esse encontro abriu caminhos para minha formação e atuação. Por isso, acredito na força dessa disciplina para formar sujeitos multiplicadores a partir do seu potencial transformador. Nosso interesse com este trabalho é contribuir para o campo de estudos ainda recente, auxiliar na divulgação e reforço dessa disciplina e também produzir um trabalho que possa de fato auxiliar futuros professores.

1.2. Reflexões iniciais

A partir de agora, buscaremos apresentar e contextualizar nossa proposta; para isso, vamos realizar uma discussão acerca da inserção da Libras no cenário acadêmico brasileiro, partindo dos subsídios da Linguística Aplicada (LA) que nos

permitem compreender os processos que envolvem a inserção de uma língua em situação minoritária nos cursos de formação de professores, principalmente no que tange à potencialidade desse componente curricular para uma formação crítica.

Além disso, neste capítulo iremos apresentar nosso problema de pesquisa e como buscaremos respondê-lo. Os objetivos geral e específicos, assim como nossas escolhas metodológicas, também serão anunciados neste capítulo. No final deste tópico, vamos detalhar a estruturação do estudo, indicando os próximos capítulos que virão.

Este trabalho buscou compreender a estruturação das disciplinas de Libras, como componente curricular no ES, especificamente, nas Universidades Federais Mineiras. Para isso, aproveitamos as contribuições da Linguística Aplicada indisciplinar (LOPES, 2006), amparando-nos nas discussões e conceitos que esse campo de estudos oferece, como sua dimensão crítica e transgressiva (PENNYCOOK 1998; 2006) e sua face de resistência da LA (NETO; MAZUCHELLI; MOTA, 2021). Buscamos, em primeiro momento, apresentar os incentivos proporcionados pela LA e como os conceitos dessa área, aspectos basilares para o desenvolvimento da pesquisa, estão articulados.

Trata-se de um campo de estudos que nos proporcionou refletir sobre os caminhos traçados pela Libras até a sua inserção nas Universidades Públicas brasileiras. Além disso, possibilitou elucidar o espaço que atualmente essa língua ocupa no ES, considerando suas particularidades linguísticas, históricas e culturais. Desse modo, entendemos que a LA oferece ferramentas para uma análise das ementas das disciplinas e possibilidades de refletir criticamente sobre sua organização.

Moita Lopes (2006) delinea a LA como área híbrida, mestiça e indisciplinar, por ultrapassar fronteiras de conhecimento e dialogar com diferentes áreas, a fim de dar conta das problemáticas e dos contextos que envolvem as linguagens. Trata-se de considerar nas investigações os sujeitos como seres heterogêneos e pertencentes a diferentes realidades sociais, circunscritos por discursos e ideologias que afetam os modos de apropriação e usos linguísticos. Assim, recorrer aos princípios desse campo implica conceber uma análise que pretende superar um estudo estritamente gramatical, reconhecendo na área de investigação em LA a relação multiforme da língua com o seu contexto social (LOPES, 2006).

Compreendemos que o nosso estudo dentro da LA nos permite e estimula a abarcar toda complexidade sócio-histórica, bem como as mudanças e as influências que envolvem o ensino, a aprendizagem, as escolhas e usos da Libras, tal como os caminhos que a fizeram chegar às universidades brasileiras como um componente curricular dos cursos de formação inicial de professores.

Vale ressaltar que estamos diante de uma língua minoritarizada, circunscrita por um processo de lutas e reivindicações de pessoas Surdas, processo este que fez com que a Libras chegasse ao ES, através da promulgação do Decreto n.º 5.626 (BRASIL, 2005), o qual dispõe sobre a obrigatoriedade de inserção da Libras nos cursos de licenciatura. Entendemos o impacto dessa política no processo de reconhecimento, divulgação e legitimação da Língua e, principalmente, sua relevância na formação de professores. Nessa perspectiva, a pesquisa considera o potencial da disciplina com vistas a transformações sociais, a partir de um possível impacto para uma formação crítica de professores.

Essa dimensão crítica da formação diz respeito a um processo que envolve desconstrução de paradigmas, a partir de reflexões e análises sensíveis e atentas às desigualdades. Nesse movimento, acreditamos que a estruturação de uma disciplina irá influenciar, na medida em que oferecerá temáticas que suscitam discussões críticas. Para elucidar o que consideramos concepção crítica em nosso estudo, partimos da definição de Pennycook (1998), que traz a necessidade de que as pesquisas estejam alinhadas à busca de transformações sociais.

[...] a palavra crítica é usada com a intenção de incluir uma concepção de crítica transformadora. Isto significa dizer que nós, na qualidade de intelectuais e professores, precisamos assumir posturas morais e críticas a fim de tentar melhorar e mudar um mundo estruturado na desigualdade (PENNYCOOK, 1998, p. 42).

Nesse sentido, acreditamos na urgência de compreender como as disciplinas estão organizadas, pois entendemos que, ao disponibilizar através dessa pesquisa um panorama sobre as Universidade Federais Mineiras, podemos auxiliar professores que lecionam disciplinas de Libras, propiciando subsídios para reflexões e construções acerca de sua estruturação. Desse modo, isso pode vislumbrar melhorias em sua formulação e conseqüentemente contribuições para uma formação crítica a partir dela. Além disso, os dados e entendimento necessário sobre tal componente

curricular podem ajudar a consolidar a disciplina e reforçar sua relevância e efetividade para a formação docente.

Ao englobar a dimensão transgressiva e de resistência, essa LA mostra seu forte engajamento social nas construções das pesquisas, nos objetivos e sujeitos inseridos nos estudos em torno das línguas. Assim, agregando uma face de participação e de movimento ativo, a LA de resistência compromete-se com “[...] manifestações linguísticas, em relação com as questões de gênero, de classe, de raça e de sexualidade, na construção dialógica dos diferentes significados que emergem nas interações entre sujeitos” (NETO; MAZUCHELLI; MOTA, 2021, p. 43). Neste trabalho, consideramos a disciplina de Libras como resultado do engajamento dos movimentos Surdos brasileiros, dos usuários de uma língua em condição minoritária³.

Tal compreensão nos remete a lembrar que a Libras é historicamente circunscrita por manifestações de reconhecimento e libertação, solicitando espaço social/educacional de utilização dessa língua como um componente identitário e cultural de pessoas Surdas, um reconhecimento linguístico e cultural em debate. Quando trazemos a dimensão de resistência, estamos pensando na capacidade e possibilidade de transformações sociais. Desse modo, consideramos que a disciplina se delinea como um espaço profícuo para que as transformações se iniciem, em primeiro lugar, no campo de produção do conhecimento, preparando caminho para que posteriormente mudanças sociais possam ocorrer.

No que tange à produção de conhecimento, falo de conteúdos que podem propiciar discussão e reflexão diante de aspectos sobre a história de educação e surdos, sobre cultura e identidade, além de mostrar a importância da Libras para união e identificação dos Surdos em sua comunidade; mais que isso, trata-se de um fator identitário de conexão, que representa todo histórico de lutas e reivindicações das comunidades Surdas brasileiras. A partir disso, os estudantes das disciplinas, ao ter contato com tal discussão, poderão conhecer e refletir sobre essa realidade, sobre o espaço que a Libras ocupa socialmente e principalmente a importância dessa Língua para o desenvolvimento e comunicação das pessoas Surdas.

Essa construção de conhecimento permitida pelas disciplinas permite que entendam enquanto futuros professores o quão essencial é promover espaços para

³ Seguindo a concepção de Lagares (2018, p. 121), “[...] situação minoritária ou, simplesmente, línguas minorizadas”, visto que são línguas desvinculadas às ações “hegemônicas”, distanciando-se das hierarquias sócio-econômicas e políticas”.

que as crianças e adolescentes Surdos utilizem sua língua e se desenvolvam através delas, a partir de uma perspectiva bilíngue. Desse modo, os licenciandos em formação poderão posteriormente atuar em seu trabalho de forma consciente e eficaz para o ensino e aprendizagem de Surdos. Quando falamos do campo de produção, estamos falando da atuação do docente no cenário educacional, da sua prática conduzida por construções desenvolvidas ao longo de sua formação na disciplina de Libras, desde a consciência e autonomia para realizar mudanças singelas na sala de aula, tal como modificar a disposição das carteiras para permitir uma boa visualidade entre os alunos, respeitando a particularidade linguística dos estudantes Surdos.

Nesse aspecto, podemos considerar também a valorização da Libras nos processos educacionais dos estudantes, nesse caso o professor irá possibilitar que esta língua esteja presente em sua matéria escolar, sabendo da sua importância e possibilidades para aprendizagem dos estudantes Surdos a partir dela. Além disso, o professor que cursou a disciplina poderá compreender de fato o papel do tradutor intérprete na escola, assim como a importância de outros atores envolvidos no processo de ensino de estudantes Surdos. Ademais, os professores estão cientes dos processos sócio-históricos que perpassam a comunidade Surda, irão lidar com o aluno não de forma assistencialista ou negligenciosa, mas de forma natural e consciente.

Os pontos indicados acima remetem a um processo de ensino crítico que consideramos neste trabalho, no sentido de propiciar transformações sociais e estimular construções e desenvolvimento que tenham significados para a formação do professor e que possam ser úteis em sua atuação. Retomando Pennycook, essas disciplinas possuem um objetivo de promover transformações sociais, escolares na vida das pessoas Surdas, por meio de um ensino crítico atento às particularidades sociais, históricas, políticas e culturais das comunidades surdas.

O objeto de estudo, disciplinas de Libras no ES, vai ao encontro das discussões da LA, abrangendo o empenho das pessoas Surdas na luta para alcançar, dentre outras medidas, um espaço para sua língua no âmbito acadêmico. Sobretudo, leva à discussão e à reflexão na formação inicial docente com vistas a uma educação

bilíngue⁴ de Surdos, uma perspectiva que busca atender às especificidades linguísticas, culturais e identitárias dos estudantes Surdos, desde seu primeiro contato com a escola, pois uma vez cientes das particularidades que envolvem a Libras e sua importância para comunicação e desenvolvimento das pessoas Surdas, os licenciandos em formação poderão atuar para melhorias no contexto de ensino nos quais farão parte quando iniciarem seu trabalho na educação. Assim sendo, consideramos o potencial da Libras como meio de mudança de realidades nas licenciaturas, especificamente no status de ensino bilíngue de Surdos.

Além disso, acreditamos que “[...] a discussão de uma educação linguística de resistência para uma agência radical dos alunos para a transformação/justiça social no Brasil é fundamental” (NETO; MAZUCHELLI; MOTA, 2021, p. 27). Através deste trabalho e de outras pesquisas com relação à disciplina como a de Carniel (2018), Lemos e Chaves (2012) e Martins (2008), entendemos que uma vez inseridas nas grades curriculares, as disciplinas promovem um novo espaço de expressão e de “representatividade” para as Comunidades Surdas; contribuem para disseminação e reflexões sobre a Libras, a história, os direitos e as características culturais dos Surdos; objetiva a formação de professores com vistas a transformar contextos educacionais nos quais Surdos estão presentes e, conseqüentemente, estimulam transformações sociais a longo prazo.

Tais transformações estão ancoradas em uma perspectiva crítica, trata-se de transformações de contextos e relações desiguais (PENNYCOOK, 1998). Acreditamos que, através das disciplinas de Libras, os futuros professores poderão desenvolver uma consciência crítica sobre a Surdez e a Libras e a partir disso constituir um papel profissional atento às particularidades dos estudantes Surdos, atentos às problemáticas que propiciam exclusão desses estudantes, além de poderem atuar no sentido de diminuir tais desigualdades no contexto escolar.

Nessa perspectiva, para que as disciplinas de Libras cumpram seu papel efetivo de promover conscientização de licenciandos e colaborar com mudanças na acessibilidade educacional de estudantes Surdos, torna-se necessário que sua

⁴ Art. 60-A: “[...] a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos” (BRASIL, 2021).

estruturação e condução estejam alinhadas às demandas sociais e linguísticas das Comunidades Surdas. Para isso, a ementa, objetivos e conteúdos, assim como a carga horária, são aspectos que devem estar ajustados com vistas a atender as necessidades indicadas acima.

Entretanto, não basta nos dedicarmos apenas e diretamente ao que ocorre nas universidades, ou seja, antes de nos debruçarmos sobre os documentos que gerem a Libras enquanto componente curricular, precisamos voltar nosso olhar para as disposições que estão acima nesse movimento institucional, a legislação. Apesar da inserção do ES, não temos orientações precisas de como isso deve ser feito. O único documento oficial que trata da disciplina é o Decreto n.º 5.626, de 2005, que coloca a obrigatoriedade de inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, de fonoaudiologia e como optativa para os demais cursos de graduação.

Contudo, esse decreto não apresenta especificações sobre a estruturação da disciplina, uma problemática que deve e precisa ser considerada, uma vez que interfere diretamente nos formatos de disciplinas de Libras existentes atualmente. Esse cenário será problematizado e detalhado ao longo deste trabalho. No tópico seguinte, apresentaremos a problemática de pesquisa que emerge das questões citadas anteriormente, assim como nosso propósito e os percursos que buscamos trilhar para responder às nossas questões.

1.3. Problema de pesquisa

Evidenciamos a necessidade de um olhar cuidadoso sobre e com as disciplinas de Libras no ES e seus reflexos diante da formação dos professores, no sentido de sensibilizar e conscientizar os futuros profissionais no cenário educacional brasileiro. Os subsídios teóricos da LA apresentados anteriormente nos apoiam a vislumbrar as questões de pesquisa desta dissertação. Elas estão ligadas à busca de entendimento sobre a organização da disciplina de Libras, a representação e o reconhecimento dessa língua no contexto universitário.

Desse modo, levantamos as seguintes perguntas de pesquisa: Como estão organizadas as disciplinas de Libras em Universidades Federais Mineiras? O que os documentos selecionados podem indicar como possíveis impactos da disciplina para uma formação crítica de professores? A partir dessa problemática, surge o interesse

de investigar a organização das disciplinas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da Libras nas Universidades Federais Mineiras.

Ressaltamos que não cabe neste trabalho conceber análises e narrativas sobre a prática educativa e processos pedagógicos que envolvem as disciplinas, na comprovação da existência ou não de um ensino crítico de Libras. Tais afirmações só poderão ocorrer em estudos que objetivem e considerem análises de práticas e/ou interações; produções de estudantes, entre outras questões. Nosso foco com este trabalho é propor uma reflexão e entendimento sobre temas e escolhas presentes na formulação da disciplina e que podem de alguma forma engendrar discussões e reflexões críticas para os futuros professores. Podemos conceber esse recorte a partir dos objetivos geral e específicos expostos abaixo.

1.4. Objetivos

1.4.1. Objetivo Geral

Compreender a organização das disciplinas de Libras, presentes nos currículos das Licenciaturas, visando identificar e analisar aspectos que contribuam para uma formação crítica de professores.

1.4.2. Objetivos Específicos

- Mapear e identificar as Universidades Federais Mineiras que possuem disciplinas de Libras como L2 para as licenciaturas;
- Analisar as ementas das disciplinas para compreender sua organização e desenvolvimento, verificando semelhanças e disparidades;
- Identificar nos documentos, os temas e escolhas que possam desencadear discussões críticas na formação de professores.

Para responder os objetivos acima e desenvolver a pesquisa, usufruímos de uma abordagem qualitativa (MINAYO, 2012), elegemos a pesquisa documental (GIL, 2008) e análise de conteúdo (BARDIN, 1977) para coleta e apuração dos documentos referentes às disciplinas analisadas.

A partir do exposto até o momento, com a análise das ementas que envolvem o ensino de Libras nas variadas instituições, os resultados da pesquisa podem

contribuir com um panorama acerca da situação de oferta dessas disciplinas nas Universidades Federais de Minas Gerais. Consideramos a relevância do nosso trabalho ao apresentar dados novos referentes ao cenário Mineiro no que tange às disciplinas de Libras. Além de ser um ganho para compor as discussões da área, acreditamos que nossa pesquisa pode subsidiar um entendimento sobre as disciplinas, auxiliar na disseminação de informações e subsidiar futuras ações de melhorias, para que tenham um foco de comprometimento com a formação inicial de professores que irão atuar no ensino regular, a partir de uma perspectiva bilíngue e inclusiva.

Além desta introdução, este trabalho está organizado em mais cinco capítulos de desenvolvimento. Inicialmente, no segundo capítulo buscamos realizar uma discussão acerca dos movimentos Surdos e a construção de políticas linguísticas, apresentando os principais marcos políticos com relação a reivindicações e conquistas das comunidades Surdas. Além disso, nesse capítulo objetivamos apresentar as formas às quais o movimento social Surdo foi se moldando ao decorrer do tempo, tendo em vista a importância de articulação e das pautas desenvolvidas para o reconhecimento e vitórias com relação à Libras e conseqüentemente sua chegada ao ensino superior no formato de disciplina.

Posteriormente, o terceiro capítulo foi desenvolvido no sentido de apresentar, a partir de estudos já realizados, a importância da disciplina de Libras no ensino Superior e na formação de professores, propondo uma reflexão acerca de duas faces que envolvem a oferta da disciplina, de um lado seu potencial para uma formação crítica e consciente com as realidades sociais que permeiam a vida e educação das pessoas Surdas. Por outro lado, apresentamos algumas problemáticas em torno da disciplina, tais como carga horária, conteúdos e objetivos.

No quarto capítulo, abordamos nosso percurso metodológico, contendo os passos da pesquisa, estratégias e ferramentas utilizadas para alcançar nossos objetivos. Em seguida, apresentamos, no quarto capítulo, nossa análise de dados; esse capítulo está subdividido em duas sessões, a primeira oferece um panorama inicial das disciplinas, a partir da problematização de aspectos organizacionais, como exemplo a carga horária destinada para seu oferecimento.

A segunda seção trata da estruturação das disciplinas no que tange à ementa, objetivos e conteúdos; nesse tópico em específico, buscamos desenvolver uma reflexão sobre a composição dessas disciplinas, apresentando um panorama de

eixos temáticos e indicando a potencialidade para formação de professores, a partir de uma perspectiva crítica. Por último, apresentamos nossas considerações finais, as principais conclusões pós-desenvolvimento da pesquisa.

2. OS MOVIMENTOS SURDOS E A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Buscamos, neste momento, evidenciar os principais marcos históricos das movimentações e conquistas políticas das pessoas Surdas, descrevendo como esse movimento social desenvolveu e defendeu suas pautas, desde a busca pelo reconhecimento da Libras das comunidades Surdas à luta para uma educação bilíngue de Surdos. Desse modo, ao fim deste capítulo será possível compreender os processos que culminaram na inserção das disciplinas de Libras no ensino superior, nosso objeto de estudo. Além disso, buscamos, com este capítulo, reiterar a potencialidade do movimento social Surdo e sua responsabilidade na construção de políticas linguísticas benéficas para as comunidades Surdas no campo social e educacional.

No cenário mundial, acontecimentos marcantes com relação às Línguas de Sinais influenciaram a construção e andamento da educação de Surdos no Brasil. Capovilla (2000) destaca o desenvolvimento e aplicação de diferentes métodos educacionais para pessoas Surdas ao longo da história. A princípio, temos de um lado o método alemão e de outro o método francês, correntes com perspectivas distintas. O primeiro, liderado pelo alemão Samuel Heinicke (1727-1790), tinha como foco a oralização dos Surdos. Conforme Fernandes (2012), o método alemão, também conhecido como oralismo, considerava que o pensamento pressupunha o desenvolvimento oral. Nesse caso, a utilização de sinais seria prejudicial para a educação e conseqüentemente para vivência dos Surdos socialmente.

O oralismo ganha evidência na Europa e se estende mundialmente. Fruto desse processo, em 1778, surge na Alemanha a primeira escola de Surdos, liderada por Heinicke. A partir de então, o método oralista cada vez mais recebe adeptos que vão prosseguir e ampliar as técnicas para desenvolvimento da oralidade no campo educacional (FERNANDES, 2012).

O segundo método surge em meados dos anos 1780 e também prospera na Europa; liderado pelo francês Charles Michel L'épée, propunha um sistema de sinais artificiais, reconhecendo a efetividade da língua de sinais para desenvolvimento educacional e comunicacional das pessoas Surdas. Em 1775, foi criado o Instituto Nacional de Surdos-mudos de Paris, que desencadeou o surgimento de outras instituições de ensino e o sucesso das técnicas gestualistas. Desse modo, o sistema

francês avança pela Europa e também chega à América, o que causa contestações por parte dos que defendiam a oralização dos Surdos (CAPOVILLA, 2000).

O ano de 1880 marca a reação do oralismo às práticas gestualistas, com a realização do congresso de Milão, na Itália, evento decisório para a educação de Surdos naquele contexto. Tal congresso reuniu defensores do seguimento oralista e gestualista, correntes que divergiam entre si, mas o que reinou foi a concepção oralista. A partir de então, o método oralista torna-se soberano, fazendo com que a educação de Surdos acontecesse por meio da oralização nas instituições educacionais, enquanto a Língua de sinais foi proibida nesses espaços, sendo assim profissionais e alunos não poderiam mais utilizá-la (CAPOVILLA, 2000).

Conforme Skliar (2010), durante a realização do congresso, houve oposições, mas em quantidade e representatividade menor comparado aos defensores do oralismo. Ainda, o autor constata que um ponto crucial é a legitimação oficial do oralismo enquanto método educacional para os estudantes Surdos. Ao referir-se a oralismo e/ou a ouvintismo, englobamos a escolha de um método de desenvolvimento oral, em que outras questões estão em jogo, como filosóficas, religiosas e políticas.

Esse cenário desencadeou reivindicações dos defensores das Línguas de Sinais e a continuidade de estudos com foco na educação de Surdos. Mundialmente, principalmente na Europa, a volta do uso de sinais se manifesta por volta de 1980, com a chamada comunicação total, filosofia que objetivava desenvolver de melhor forma a comunicação entre Surdos e ouvintes, através da utilização de diferentes mecanismos, tais como gestos, leitura labial, e a língua de sinais. A partir desse momento, novas técnicas ganham espaço nas escolas para a educação de Surdos (CAPOVILLA, 2000) e a possibilidade de utilização de sinais abre espaço para que essa língua volte a circular de uma forma mais ampla. É válido pontuar que, embora tenha ocorrido a proibição do uso da língua de sinais, os Surdos resistiram e não deixaram sua língua se perder.

Paralelo à articulação e defesa de diferentes correntes de ensino, identificamos ainda na década de 1960 o início dos estudos linguísticos em torno de línguas de sinais. Tal marco ocorre a partir dos trabalhos do linguista William C. Stokoe, que desenvolveu análise da língua americana de sinais, ele apresenta uma descrição nos níveis fonológico e morfológico. Seu trabalho propicia um reconhecimento linguístico das línguas de sinais, algo que até então não existia,

concedendo espaço para que posteriormente outras pesquisas fossem desenvolvidas no campo da linguística (GESSER, 2009).

Nesse cenário, as discussões, pesquisas e decisões advindas das filosofias educacionais citadas acima vão influenciar as decisões e reações em torno da educação de Surdos em todo o mundo, inclusive no Brasil. Tendo em vista esse breve panorama, buscamos a partir de agora apresentar as particularidades da educação de Surdos em nosso país.

No Brasil, conforme Jannuzzi (2004), a educação formal para pessoas com deficiência inicia-se no império, vinculada à educação especial, modalidade simbolizada pela criação de dois grandes institutos na cidade do Rio de Janeiro, o Instituto dos Meninos Cegos, no ano de 1854, e o Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Nesse período, não havia grandes esforços para o desenvolvimento da educação popular, tendo em vista uma sociedade majoritariamente agrária com minoria letrada, cuja educação estava a cargo das províncias. A criação da primeira escola para Surdos ocorre nesse cenário, com apoio do governo imperial, de uma forma isolada, atendendo um pequeno número de Surdos. A construção das duas instituições citadas acima está ligada à força política, influenciada provavelmente por questões familiares que fazem com que haja neste momento um olhar para tais grupos e seu desenvolvimento educacional (JANNUZZI, 2004).

Com relação ao INES, sua fundação está associada à vinda do professor Surdo francês Edouard Huet⁵ no ano de 1855; nesse momento, conforme a bibliografia da área, este recebeu incentivo e suporte imperial para criar o instituto, que representa o primeiro ato de formalização da Língua de Sinais no contexto educacional. Conforme Campello (2011), os documentos referentes à Libras são datados a partir desse período, o que não exclui a existência anterior de Surdos sinalizantes. Desse modo, “somente a partir da institucionalização da educação de Surdos, surgiram os primeiros registros lexicográficos da língua e o interesse de profissionais em garantir a sua sobrevivência e difusão” (RODRIGUES; ALMEIDA-SILVA, 2017, p. 691).

A partir da vinda desse professor e posteriormente de outros profissionais, e sua relação com os Surdos no INES, ocorre o desenvolvimento da Libras, obviamente

⁵ O primeiro nome de Huet é apresentado de diferentes formas na literatura, Eduard, Ernest, Edouard entre outros. Neste trabalho, seguimos o nome apresentado no trabalho de Jannuzzi (2004): Edouard Huet.

de forma natural e progressiva a partir de necessidades comunicativas, mas também mediante um processo de encontro entre a Língua de Sinais Francesa (LSF) e os sinais caseiros dos estudantes Surdos que frequentavam a escola, advindos de diferentes províncias. O INES reunia diferentes sujeitos, alunos e ex-alunos interagiam em língua de sinais, muitos permaneceram na escola após a conclusão e continuavam no local como trabalhadores, auxiliando assim na disseminação da Língua (BRITO, 2013).

[...] a criação do Instituto e outros instrumentos determinam a forma e a necessidade da comunidade surda, já que, para definir a língua de sinais brasileira com a influência da Língua de Sinais Francesa, dão um sentido de estabelecimento e de existência de uma nação ou 'povo surdo' e discriminar e dar representatividade ao lugar do sujeito surdo no espaço gesto-visual (CAMPELLO, 2011, p.12).

Conforme Campello (2011) indica acima, esse cenário representa a institucionalização da Libras e auxilia no seu desenvolvimento ao possibilitar unificação e espaço de identificação para as pessoas Surdas. Além disso, mostra a materialização de um olhar educacional voltado para esse público, indicando novas possibilidades para o ensino e conseqüentemente abrindo caminho para avanços que ocorreram posteriormente no país, como a construção de diferentes políticas.

No entanto, esse período de desenvolvimento e prática da Língua de Sinais no ambiente educacional teve um tempo contado no INES, visto que a instituição também teve reações do período Oralista. Brito (2013) explica que reflexos desse processo foram encontrados no Brasil, em 1957 foi proibido no INES a utilização de sinais, com ações rígidas de impedimento do contato entre alunos e ex-alunos sinalizantes, tentando barrar qualquer forma de comunicação por meio dos sinais. Apesar disso, os Surdos seguiram resistentes e utilizando a língua quando conseguiam, o que foi importante para sua existência. A autora conta que:

Desenhou-se, na imaginação autoritária dos responsáveis pela educação daquelas crianças e adolescentes, uma espécie de cordão sanitário para impedir que os novatos fossem contaminados pelo conhecimento e prática dessa forma de comunicação e expressão. Escancarou-se assim o caráter impositivo e a violência simbólica do modo como se buscou nessa época implantar o oralismo no INES. Contudo, muitos surdos perseveraram em continuar usando o modo de comunicação em sinais dentro do instituto (BRITO, 2013, p. 26).

A resistência dos estudantes prosseguiu com a comunicação em sinais de forma menos evidente, embora na época houvesse uma busca constante para o uso da oralização ao invés dos sinais, conforme evidencia Brito (2013) na citação acima.

No cenário nacional, a articulação dos Surdos enquanto movimento social tem como marca o final dos anos 1980, quando a organização e a estruturação do processo de lutas se inicia de forma efetiva (BRITO; NEVES; XAVIER, 2013). No país, trata-se de um período histórico de transição de uma longa fase ditatorial para uma fase democrática, em que aspirações de liberdade e democracia pairavam no ar, apresentando possibilidades para o desenvolvimento de uma nova realidade.

Assim, temos um momento propício para o surgimento de diferentes movimentos sociais, dentre eles os Movimentos Sociais Surdos. Esses apresentaram reivindicações de valorização e reconhecimento da Libras e de sua cultura, buscando um espaço legítimo para o uso da língua no campo educacional e social. Nesse processo, destaca-se a formação de Comunidades Surdas, grupos essenciais para o direcionamento político do movimento em defesa da liberdade e dos direitos das pessoas Surdas no Brasil (KENDRICK; CRUZ, 2018). Strobel (2008) apresenta a definição de comunidade surda e como ocorre tal formação. Segundo a autora:

[...] a comunidade surda de fato não é só de sujeitos surdos, há também sujeitos ouvintes- membros de família, intérpretes, professores, amigos e outros- que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização [...] em associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros (2008, p. 29).

Nessa perspectiva, em 1980, temos o início de uma articulação de uma geração de Surdos ativistas que começaram a requerer seus direitos, desde o uso da língua a acessibilidade comunicacional, reivindicando a presença de intérpretes em diferentes espaços, tais como da saúde, da justiça e do contexto educacional (BRITO, 2013).

Resultante da força relatada anteriormente, tem-se uma importante instituição que marca e apoia as reivindicações das Comunidades Surdas brasileiras, a Federação Nacional da Educação e Integração de Surdos (FENEIS). Fundada em 1987, trata-se de uma instituição primordial para a organização e articulação do movimento Surdo, que apresenta pautas de reconhecimento dos direitos linguísticos, dos usuários da língua de sinais, partindo do pressuposto de que a falta de valorização e aceitação da Libras resulta na exclusão social dos Surdos (BAALBAKI, 2021).

Nesse cenário, dentre diversas ações, destaca-se o engajamento de líderes Surdos que representaram a busca por direitos das comunidades Surdas ao longo de todo o território nacional. Esforços de diferentes agentes passaram a robustecer e avançar cada vez mais a apresentação de demandas, progressivamente amparando-se também nos discursos acadêmicos frutos de pesquisas. Desse modo, o movimento se potencializou e propiciou a construção de um campo fértil para as conquistas alcançadas no decorrer dessa trajetória (BRITO; NEVES; XAVIER, 2013).

Assim, os anos 1990 caracterizam-se pela expressiva realização de eventos com debates em torno do bilinguismo e de outras temáticas que circundam a educação desse público, são os chamados “Estudos Surdos”. Os trabalhos desenvolvidos nesse campo de estudos atuaram para propiciar uma mudança de paradigmas com relação à concepção biomédica⁶ da surdez até então dominante, que evidencia como uma condição patológica que requer reabilitação, para outro olhar no campo da diversidade, considerando a surdez como uma diferença e não como uma falta. Essas discussões de cunho acadêmico subsidiaram as primeiras reflexões para o desenvolvimento de políticas educacionais e linguísticas em prol dos Surdos que ocorreram mais tarde em nosso país (NORA, 2017).

Os estudos Surdos nascem temporalmente nos Estados Unidos, especificamente na década de 70, a partir de iniciativas na Universidade Gallaudet, fruto de trabalhos e discussões dos cursos de graduação e pós-graduação da instituição, os quais são espaços profícuos para o desenvolvimento de estudos voltados para a língua de sinais, cultura e identidade Surda (BAUMAN; MURRAY, 2014). Esse campo de estudos, conforme Perlin e Strobel (2009), surge influenciado pelos estudos culturais e buscam a quebra de paradigmas com relação à Surdez e à língua de sinais, considerando os aspectos sócio-históricos, culturais e identitários; a partir disso, temos uma diversidade de produções que se centram na compreensão e reflexão acerca das relações de poder, dos aspectos que circundam as comunidades Surdas, assim como sobre o âmbito educacional. Tais estudos também buscam focar no currículo educacional, pensando na oferta e qualidade do ensino para estudantes Surdos (PERLIN; STROBEL, 2009).

⁶ Surdez entendida no âmbito da deficiência, considerada uma patologia que deveria ser corrigida para alcançar padrões de normalidade (BISOL; SPERB, 2010). Conforme Diniz (2007) a ideia de deficiência atrelada a anormalidade, tendo como consequência marginalização e opressão das pessoas Surdas

No Brasil, destacam-se os trabalhos com foco nos temas “identidade surda, diferença surda, cultura surda, povo surdo, etc” (LOPES; THOMA, 2018, p.32) realizados principalmente pelo Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES-UFRGS), influenciando no avançar das discussões no país.

Conforme Brito, Neves, Xavier (2013), a partir dos anos 1993, especificamente, o reconhecimento da Libras no âmbito legal se torna a principal pauta que convoca a participação de pessoas Surdas socialmente, em busca de seus direitos, uma luta embasada por reflexões de cunho linguístico, cultural e educacional, a partir de discussões que vão corroborar para a construção identitária do movimento Surdo. Esse movimento se mantém principalmente no Rio de Janeiro, onde estavam localizadas as principais instituições de reunião e participação dos Surdos, locais onde eventos e atividades foram sendo organizadas permitindo encontro e articulação entre Surdos, ouvintes, nesse momento há o envolvimento de muitos representantes do meio acadêmico. Nesse sentido, conforme os autores:

Periodicamente, a miríade de experiências de interação convergia para a realização de eventos científicos que, aos poucos, foram se afirmando como uma espécie de ponto de encontro e articulação de ativistas surdos, bem como dos profissionais que atuavam nesta área. Tais eventos parecem ter funcionado, para esses ativistas surdos, como verdadeiros espaços de formação, conscientização e afirmação da sua identidade surda (BRITO; NEVES; XAVIER; 2013, p. 85).

Em 1996, foi apresentado por Benedita da Silva, então senadora do Partido dos Trabalhadores, um projeto de lei n.º 131/96, cuja principal demanda era o reconhecimento das Libras, afirmando seu status linguístico e indicando que é amparada por gramática própria e expressa na modalidade visual espacial. O Congresso Nacional o aprovou e posteriormente foi enviado para o presidente do país (KENDRICK; CRUZ, 2018).

Segundo Fernandes e Moreira (2014), em 1999 se constrói o documento “A educação que nós Surdos queremos”, fruto de debates sobre cultura, identidade e educação, que auxiliou na posterior construção da Lei de Libras (2002). Posteriormente, ainda no mesmo ano, aconteceu o V Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos, no Rio grande do Sul, especificamente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), onde estavam presentes estudiosos e

representantes da comunidade Surda de diferentes países (FERNANDES; MOREIRA, 2014).

Um exemplo são as pesquisas realizadas e orientadas pelo professor Carlos Skliar; conforme o autor (1999), em contraponto a uma visão de surdez no campo da deficiência, temos o surgimento de uma nova perspectiva, a visão socioantropológica, que concebe a surdez no campo das diferenças, compreendendo uma forma diferente de estar e conceber o mundo. Essa nova perspectiva entende que as barreiras e impeditivos ao desenvolvimento de pessoas Surdas são condicionadas socialmente.

Na década seguinte, ocorre mais um marco para a Comunidade Surda, trata-se do tão sonhado reconhecimento legal da Libras no país. Em 24 de abril de 2002, foi promulgada a Lei nº10.436, comumente conhecida como Lei de Libras (BRASIL, 2002), que reconhece a Libras como língua, forma de expressão e comunicação das Comunidades Surdas brasileiras. Conforme Nora (2017), as reivindicações para o reconhecimento jurídico da Libras se mostram como um destaque no campo das políticas linguísticas voltadas para Surdos.

Posteriormente, ainda no âmbito das legislações, em 22 de dezembro de 2005, ocorreu a regulamentação da Lei de Libras (BRASIL, 2002) através do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), que além da regulamentação, dispõe também sobre a inclusão da Libras como componente curricular no ES e a formação dos profissionais que atuarão na área: professores, instrutores e tradutores e intérpretes de Libras, a partir de uma perspectiva inclusiva e bilíngue, reconhecendo a Língua de Sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2), na sua modalidade escrita.

Ao determinar a implementação da Libras no contexto acadêmico, o decreto dispõe que essa língua deve ser inserida como componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia, sendo opcional para outros cursos de graduação. A partir disso, foi estipulado o prazo de até dez anos para que as instituições se adequassem e aderissem à Libras, o que demandou uma rápida organização, tendo em vista a necessidade de contratação de profissionais e a formulação de uma nova disciplina.

Entendemos que o referido decreto, ao dispor sobre a inserção da Libras nos cursos de formação de professores, caracteriza-se como uma política linguística. Embora seja responsabilidade do Estado, sua criação e efetivação ocorreram em razão das demandas e esforços da comunidade Surda e, além disso, o decreto

provocou mudanças significativas no status linguístico da Libras e, conseqüentemente, na sua posição em relação à Língua Portuguesa majoritária no país (RODRIGUES, 2014).

Segundo Rajagopalan (2013, p. 21), a política linguística pode ser caracterizada como “a arte de conduzir a reflexões em torno de línguas específicas, com o intuito de conduzir ações concretas de interesses públicos relativo à(s) língua(s) que importam para o povo [...]”. De acordo com o autor, as políticas linguísticas podem ser tanto ações que surgem a partir de demandas da sociedade civil, como também atividades realizadas pelos setores no poder, o que o autor denomina, respectivamente, de políticas de “baixo para cima” e de “cima para baixo”. No caso das ações em torno da Libras, as iniciativas legislativas simbolizam a consumação das reivindicações dos grupos sociais que lutam em prol do reconhecimento da língua e, desse modo, sua inserção como componente curricular no ES indica a materialização de movimentos dos Surdos e também da legislação.

Definitivamente, a política está intrínseca à língua, e a discussão das políticas linguísticas no Brasil indicou que: a) a língua não é apenas um instrumento de inclusão, mas também de exclusão social, principalmente para aqueles que não dominam “a língua” reconhecida na sociedade; b) a intervenção na língua pode ser utilizada como um meio para se atingir determinados fins, ou seja, a política linguística pode se constituir como um instrumento para o alcance de objetivos políticos, econômicos, ou de outras ordens [...] (SOUZA; SOARES, 2014, p. 111).

Os aspectos mencionados por e Soares (2014) no excerto acima mostram o caráter político das línguas e das medidas que ocorrem em torno delas. No que tange à Libras, percebemos o processo de hierarquização em relação ao da Língua Portuguesa, o que demonstra fatores de exclusão diante da hegemonia da língua oral e o conseqüente desenvolvimento de barreiras comunicacionais impostas às pessoas Surdas. Por outro lado, também podemos considerar a ação política para o alcance de melhorias e promoção de inclusão social, através da articulação dos usuários da Libras que lutam para a construção de políticas linguísticas.

Nesse sentido, retomando as políticas linguísticas em torno da Libras, destacamos ações realizadas também no âmbito acadêmico. Quatro anos após a Lei de Libras, em 2006, temos a criação do primeiro curso de Licenciatura em Letras-Libras, ofertado na modalidade à distância (EaD) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fruto da união dessa instituição em parceria com a FENEIS e o

Centro Federação de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET/SC). O curso foi ofertado em onze diferentes polos de IES do país, visando formar profissionais para atuação na educação de Surdos. Esse acontecimento é resultado, além de todo o histórico de reivindicações, das discussões traçadas no seminário nacional: “Surdos: um olhar sobre as práticas em educação”, realizado no ano de 2001, no Rio Grande do Sul. Dentre várias demandas, no seminário a principal solicitação era a de criação de um curso de Letras-Libras (DALL’ALBA; SARTURI, 2014).

A implementação do curso de Letras-Libras na modalidade a distância teve o objetivo de formar profissionais com capacidade para trabalhar com a Libras e qualificá-los para a educação de Surdos como professores, psicólogos, professores Surdos e ouvintes, intérpretes de Língua de Sinais, fonoaudiólogos, etc. Os alunos licenciados em Letras-Libras formam-se para lecionar aulas e os bacharéis atuam na tradução e interpretação da Libras para a Língua Portuguesa e vice-versa (DALL’ALBA; SARTURI, 2014).

Em 2010, temos a regulamentação da profissão Tradutor e Intérprete de Libras, através da Lei nº 12.319 (BRASIL, 2010), no mês de setembro. Nesse momento, ocorre o reconhecimento da profissão que até então era exercida de maneira informal, na maioria das vezes considerada como colaboração e não reconhecida como um trabalho, uma vez que não havia exigências para uma formação específica. O campo de atuação contava com diferentes contextos, principalmente o educacional, assumindo a responsabilidade de mediar a comunicação entre pessoas Surdas e ouvintes.

No ano de 2014, mais um dispositivo legal dispõe sobre a educação de Surdos, o Plano Nacional da Educação (PNE), de 25 de junho de 2014, que em sua meta 1, estratégia 1.11, trata da educação de crianças Surdas ao dispor sobre a garantia de uma educação bilíngue. Além disso, na meta 4, observa-se a garantia da educação inclusiva aos estudantes com deficiência da educação básica, de 4 a 17 anos, colocando a oferta do atendimento educacional especializado. A meta 5, ao tratar da alfabetização de todas as crianças brasileiras, estipula como prazo até o terceiro ano do fundamental, e no item 5.7 visa “apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas, sem estabelecimento de terminalidade temporal” (BRASIL, 2014).

Entretanto, uma crítica que deve ser feita é com relação à promessa de educação bilíngue como um objetivo simples de ser alcançado. Apesar dessa idealização, nas disposições do plano os Surdos são tratados no campo da deficiência, o que mostra uma ambiguidade, pois não indica respeito e valorização das especificidades linguísticas e culturais das pessoas Surdas. Além disso, após o plano não houve mudança significativa no campo da educação bilíngue para Surdos (RIBEIRO; BERTONHA; CASTRO, 2020).

Em 2021, ocorre a consolidação de uma das principais demandas da comunidade Surda após o reconhecimento da Libras em 2002, trata-se da Lei 14.191 (BRASIL, 2021) sobre a educação bilíngue de Surdos, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 (BRASIL, 1996). A partir dessa mudança, temos a educação bilíngue de Surdos reconhecida como uma modalidade escolar, desvinculando-a da modalidade da Educação Especial, como estava previsto na Política Nacional da Educação Especial (BRASIL, 2008).

A partir desse dispositivo, verifica-se a valorização da Libras como primeira língua de instrução dos Surdos, e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como L2 (BRASIL, 2021); nesse caso a Libras ganha um reconhecimento e valorização, assim como das particularidades linguísticas e culturais dos Surdos. Compreendemos que essa legislação implica um novo olhar que está se consolidando sobre o processo educacional dos Surdos, considerando em primeiro lugar a importância da Libras para o desenvolvimento pleno dos estudantes.

A partir desse momento, pensar a educação de Surdos por meio de uma modalidade de ensino propicia uma série de mudanças que podem acontecer no futuro, tais como investimentos e transformações nas instituições, através da formação e contratação de profissionais capacitados e materiais didáticos específicos para atender as especificidades linguísticas dos Surdos, a partir de discursos e produções em Libras, potencializando o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, a perspectiva bilíngue promove um espaço para atuação de professores Surdos e a consequente representatividade para crianças e adolescentes.

Mais uma conquista, entretanto, sua efetivação ainda é incerta, tendo em vista o contexto educacional brasileiro no que tange aos desafios impostos à educação bilíngue, tais como: profissionais qualificados para atuar e, além disso, investimentos estruturais na escola, recursos humanos, físicos e financeiros.

Diante das conquistas, no entanto, as reivindicações não param, uma vez que a “[...] garantia legal não necessariamente significa mudanças de práticas. E é nesse contexto que a luta continua. Luta-se pelas leis e pelas ações para que, a partir delas, criem-se reais mudanças às práticas” (KENDRICK; CRUZ, 2018, p.12). Ao tratar de políticas linguísticas, o estudo aqui realizado volta-se para os resultados das demandas das Comunidades Surdas, intervenções que colaboraram com a valorização da Libras e que se desdobraram na elaboração e posterior efetivação da legislação com relação à língua.

As iniciativas legislativas em torno da Libras apresentadas até o momento simbolizam a consumação das reivindicações dos grupos sociais que lutam em prol do reconhecimento da língua e, desse modo, sua inserção como componente curricular no ES indica a materialização de um processo de lutas dos movimentos Surdos. Esse cenário expressa a necessidade de reflexões acerca dos desdobramentos da legislação nas Universidades no que tange à Libras.

Neste capítulo, promovemos uma apresentação e discussão em torno das políticas linguísticas que permeiam a educação de Surdos; além disso, buscamos mostrar a força do movimento social Surdo na luta por reconhecimento linguístico e cultural. Nosso trabalho entende e valoriza o histórico apresentado acima, considerando o caráter político das decisões que cercam as línguas e nesse caso a Libras, acreditamos que pesquisas como esta auxiliam na problematização e reflexões no campo educacional para uma melhor educação de Surdos que atenda de maneira eficaz suas demandas.

3. LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR

Neste momento objetivamos apresentar discussões específicas sobre a Libras no ES, principalmente as consequências de sua implementação, as problemáticas e potencialidades, por meio de diferentes estudos realizados no Brasil. Ainda, objetivamos neste capítulo mostrar as contribuições das disciplinas de Libras para a formação inicial de professores, enfatizando sua dimensão crítica no contexto universitário. Além disso, buscamos trazer os desafios que envolvem sua oferta nas Universidades, a partir de lacunas e questões que emergem da legislação vigente e nos permite indagações.

Para que as disciplinas de Libras atuem verdadeiramente para atingir um propósito de formação crítica, que contribua com a disseminação e valorização da Libras, da cultura e identidade Surda, essas disciplinas precisam articular construções a partir de temas que devem estar representados na estruturação das disciplinas e, além disso, estar alinhados e que possam engendrar discussões contra hegemônicas, tais como cultura Surda, identidade Surda, história da educação de Surdos, educação bilíngue de Surdo, entre outros. Com isso acreditamos nas possibilidades de desenvolvimento de reflexões e construções as quais contribuam para um processo de formação potencializador. Nessa perspectiva, vamos apresentar neste capítulo duas discussões que julgamos essenciais: 1) Compreendendo o Decreto n.º 5.626 e as lacunas que envolvem a oferta das disciplinas de Libras; 2) A importância da disciplina de Libras na formação inicial de professores.

3.1. Compreendendo o Decreto n.º 5.626 e as lacunas que envolvem a oferta das disciplinas de Libras

Inicialmente, precisamos nos debruçar sobre o aparato legal que subsidia a implementação da disciplina, retomando o Decreto n.º 5.626 (BRASIL, 2005), uma política linguística que dispõe sobre a inserção da Libras nos cursos de formação de professores, consequência das demandas e esforços das Comunidades Surdas brasileiras. Esse decreto foi publicado no final de dezembro de 2005, especificamente no dia 22, apresentando dois artigos sobre a Libras nos cursos de formação de professores. Primeiro, esse dispositivo coloca que a Libras deve se tornar um

componente curricular obrigatório das licenciaturas e cursos de fonoaudiologia, além de disciplina optativa para outros cursos de graduação.

Apresentamos abaixo o capítulo 2 do Decreto n.º 5.626 (BRASIL, 2005) que dispõe sobre a disciplina de Libras, para que possamos estender e nos aprofundar nas discussões realizadas anteriormente.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

[...]§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

[...]§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

Conforme as disposições acima, enxergamos que existe apenas uma descrição sucinta sobre Libras no ES, percebemos em oito linhas escritas, expressas em dois artigos do decreto, determinações sobre a “inclusão da libras como disciplina curricular” (BRASIL, 2005). Essa pequena apresentação e a conseqüente falta de detalhamento indica lacunas na legislação e abre margem para dúvidas de como essa disciplina deve de fato ser ofertada. Diante disso, emerge a necessidade de orientações que não existem no documento, um ponto que deve ser urgentemente revisto. Assim, apesar de o decreto ser um avanço no sentido de conduzir a Libras para o cenário acadêmico, não podemos desconsiderar a ausência de explicações detalhadas e contundentes.

Nessa perspectiva, diante da falta de orientações sobre a disciplina de Libras, consideramos pensar nas relações de poder e como isso afeta até mesmo quando a língua em situação minoritária alcança um espaço de prestígio, ainda que esteja amparada por Leis e decretos. Para ilustrar tal ponto, podemos realizar uma breve comparação e nos debruçar sobre as línguas estrangeiras, por exemplo. No caso do ensino dessas línguas no contexto educacional, sabemos da existência de parâmetros, como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNS) e Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCNS), documentos que corroboram com o ensino dessas línguas e conseqüentemente refletem nos

conteúdos e questões organizacionais das disciplinas, como a carga horária e os objetivos.

Desse modo, os documentos apresentados acima vão subsidiar a construção e atuação dos professores sobre as disciplinas. Tendo em vista tais questões, precisamos cada vez mais reivindicar um olhar para o desenvolvimento de documentos que possam auxiliar no processo de ensino, concedendo, desse modo, um espaço tal como temos para o inglês, por exemplo. Sabemos que se trata de um longo caminho e que essas línguas ocuparão por muito tempo espaços distintos socialmente, mas acreditamos nas possibilidades de atitudes que venham para modificar esse contexto.

Percebemos, assim, a inexistência de parâmetros precisos acerca da elaboração e condução das disciplinas. Conforme Carniel (2018), ainda que o decreto expresse a regulamentação sobre a inclusão da Libras em cursos de formação de professores, há a necessidade de uma definição explícita sobre como as instituições deverão construir as disciplinas⁷. O próprio termo “Libras” abre margem para diversas interpretações e questões como, por exemplo, o ensino prático da língua, aspectos gramaticais e/ou de cunho teórico.

Entretanto, sabemos que não será possível um aprendizado pleno da Libras nesse contexto, o que ocorrerá além do estudo, a partir do contato com essa língua, na interação com surdos sinalizantes, para que gradativamente seja possível aquisição da Libras (VIANA; SILVA, 2018). Apesar de entendermos que nas disciplinas os estudantes não terão contato suficiente com a Libras para aquisição da língua, tendo em vista a carga horária e quantidade de conteúdos teóricos e práticos dividindo espaço, compreendemos que ainda sim trata-se de um espaço profícuo para um contato inicial com a Libras, algo que deve ser valorizado, isto é, o tempo da disciplina deve ser utilizado da melhor forma para que haja um aproveitamento (LEMOS; CHAVES, 2012).

Ademais, não há uma especificação quanto à carga horária, qualificação dos profissionais que devem atuar no oferecimento de tais disciplinas, assim como o departamento que deverá oferecê-las. O decreto de 2005 possui um breve espaço reservado para a descrição sobre a formação de professores, no entanto requer uma

⁷ A partir da publicação do decreto, estipulou-se o prazo máximo de dez anos para inclusão da Libras como disciplina curricular nas instituições.

análise no interior das instituições, ou seja, um olhar atento às formas que as disciplinas se estabelecem dentro das Universidades (CARNIEL, 2018).

Um exemplo para ilustrar a questão da carga horária são os resultados de uma pesquisa realizada com egressos da disciplina de Libras, na qual indicam que os próprios estudantes entendem como insuficiente a carga horária destinada à Libras, pois não permite aprender de fato a Língua (VERAS; BRAYNER, 2018).

Após o Decreto n.º 5.626/05 (BRASIL, 2005), ainda que as disciplinas tenham sido inseridas nas licenciaturas, existem diferentes contextos com relação ao ensino de Libras como L2⁸ nesses cursos, ou seja, as abordagens das disciplinas não possuem uma padronização, tanto os profissionais como os conteúdos possuem características distintas dependendo da instituição.

As lacunas com relação ao ordenamento dessas disciplinas requerem um olhar atento, devido à natureza ampla do decreto e da falta de políticas educacionais e outros direcionamentos. O que se percebe é uma complexidade de conteúdos em uma só disciplina, em que dois âmbitos, teórico e prático, (ensino de Libras ocupa o mesmo espaço), em uma carga horária curta que contempla apenas um período letivo. Tais aspectos, conforme Bentes e Souza-Bentes (2012), faz com que os alunos tenham dificuldade em compreender a importância da disciplina em sua formação, fazendo com que esse componente curricular se apresente de forma passageira e folclorizada para os estudantes.

De acordo com Rodrigues e Vieira-Machado (2015), isso ocorre devido à diversidade na formação dos professores que ministram a disciplina. Esse aspecto da formação também deve ser analisado de forma cautelosa; com relação a esse aspecto, o decreto estabelece as seguintes descrições:

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - Professor de Libras, usuário dessa língua com curso de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

⁸ Compreendemos o ensino de Libras como segunda língua ou língua adicional, a partir do momento em que essa nova língua será direcionada a estudantes cuja língua materna é a língua oral (português). Entretanto, entendemos que nas disciplinas não ocorre de fato um ensino da segunda língua, tendo em vista os objetivos e carga horária, que estão atrelados à formação inicial de professores ofertando minimamente condições para que possam atuar com estudantes Surdos no contexto escolar.

II - Instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - Professor ouvinte bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras (BRASIL, 2005).

No que se refere à formação, observamos em seu artigo 7º, que os incisos I, II e III não apresentam uma área específica de formação. O inciso de número I remete ao denominado professor de Libras, que contempla de forma ampla profissionais que possuam cursos de pós-graduação, sem necessariamente mencionar o nível de ensino, abrangendo, então, cursos de especialização, mestrado ou doutorado. Já o inciso de número II trata do profissional instrutor de Libras, que culturalmente é reconhecido como uma pessoa Surda; no entanto, no decreto não há menção alguma sobre tal distinção. E sobre a formação, o requisito é de nível médio de ensino, com proficiência da língua reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC). Importa verificar que os incisos I e II não mencionam a identificação de Surdo ou ouvinte, apenas descrevem como "usuário dessa língua", sem especificar como primeira ou segunda língua (L1 ou L2). O terceiro inciso apresenta a categoria professor ouvinte bilíngüe: Libras-Língua Portuguesa, especificando que o professor seja ouvinte. E sobre a formação, ela é idêntica ao primeiro inciso (BRASIL, 2005).

Entendemos que essa política foi elaborada a partir de um contexto inicial, permanecendo como um marco para a construção da história de entrada e reconhecimento da Libras como disciplina no ES. Evidenciamos, também, que foram adotadas medidas para suprir a demanda de profissionais nos anos consecutivos, visto que as ES tiveram um prazo, após a promulgação do decreto, para contratação dos profissionais e adequação do quadro docente. No artigo 7º, podemos observar que as especificações dos três incisos são válidas por dez anos, ou seja, entre os anos de 2005 a 2015 (BRASIL, 2005).

E, ainda, nessa mesma conjuntura, no ano de 2006, foi criado o primeiro curso de formação superior para atuar no ensino de Libras, com a formação em um curso de graduação em Libras, o Letras Libras. Assim como disposto no Decreto n.º 5.626/05 (BRASIL, 2005), as diferentes possibilidades de formação superior para atuar com a Libras faz com que os primeiros professores que chegam às Universidades tenham perfis variados, o que pode influenciar na estruturação das

disciplinas.

Ainda com relação às lacunas presentes na legislação, existe uma variabilidade no período de oferta das disciplinas de Libras. Rech, Sell e Rigo (2019) argumentam que os estudantes não as curse nos primeiros períodos da graduação, uma vez que nesse momento pode não ocorrer um aproveitamento necessário das discussões e possibilidades que a disciplina pode oferecer. Os autores recomendam que a Libras seja oferecida em períodos em que os alunos já tenham tido contato com outras disciplinas de seu curso, em que puderam adquirir uma certa experiência e noções sobre o contexto escolar e seu dever naquele ambiente. Além disso, uma alternativa eficaz seria oferecer a disciplina ao mesmo tempo em que os alunos estão fazendo estágios em instituições de ensino. Desse modo, caso haja a presença de alunos Surdos nas escolas, os professores em formação poderão fazer relações teórico-práticas da sua vivência na escola com as reflexões advindas da disciplina (RECH; SELL; RIGO, 2019). Conforme Almeida e Vitaliano (2012), as disciplinas não podem ser um curso de Libras, pelo contrário, entre os objetivos dessa disciplina, os licenciandos devem compreender as particularidades linguísticas dos estudantes Surdos.

Concomitantemente, acreditamos que cursar a disciplina no final do curso, talvez não seja proveitoso, pois nesse momento muitos estudantes estão com foco em temáticas e reflexões construídas ao longo de sua graduação, preocupados com os pós-graduação acadêmica, ou seja, não haverá tempo hábil para que possam se interessar e buscar aprofundamento nas questões da disciplina de Libras ou até mesmo desenvolver articulações com seu curso, uma vez que estarão engajados com outras temáticas.

Nesse primeiro tópico do presente capítulo, apresentamos as principais lacunas que permeiam a inserção da Libras no Ensino Superior e, além disso, buscamos problematizar tais pontos, considerando seu impacto na oferta das disciplinas e na sua relevância para os licenciandos em formação.

3.2. A importância da disciplina de Libras na formação inicial de professores

Nesse momento, objetivamos por meio de pesquisas existentes, reforçar e mostrar a importância da disciplina de Libras para a formação inicial de professores. Paiva, Chaveiro e Faria (2018) mostram as possibilidades das disciplinas de Libras e

chamam atenção para possibilidade e necessidade dos licenciandos terem contato com aspectos que circundam a Surdez, tais como particularidades culturais e identitárias dos Surdos, diante da impossibilidade do ensino da Libras como segunda língua.

Nesse ponto, entendemos o potencial colonizador da disciplina com vistas a uma forma docente crítica. Sua inserção no ES figura-se como uma iniciativa decolonial (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017), uma vez que abrange uma série de questões de “choque com ordens hegemônicas”, estamos falando aqui de processos de lutas entre grupos, espaços e diferentes instâncias que ocupam lugares de poder socialmente. Neste trabalho especificamente, buscamos pensar nesse choque da Libras e das pessoas Surdas com uma sociedade majoritariamente ouvinte e oralizada, que tem causado historicamente lutas e processos de resistência por parte das pessoas Surdas. Assim, a construção de políticas voltadas para comunidade surda e a consequente entrada da Libras nas Universidades representa bem etapas de resistência diante de ordens hegemônicas. Meneses e Bidaseca (2018) permitem compreendermos a decolonialidade, conforme o autor:

Um olhar decolonial está de encontro com a “produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência [e luta] dos grupos sociais que têm experimentado injustiças, opressões e destruições sistemáticas praticadas pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado” (p. 306-307).

Esse acontecimento é resultado dos esforços das comunidades Surdas, as quais historicamente foram oprimidas e colocadas à margem da sociedade por não se adequarem aos padrões hegemônicos de normalidade. Nos amparamos em Skliar (1999) para conceber que historicamente as pessoas Surdas foram, assim como outras pessoas com deficiência, colocadas como “anormais”, um ponto de vista patológico, a partir de um discurso construído e enraizado socialmente.

Nessa perspectiva, acreditamos que uma vez inserida nas universidades, as disciplinas promovem um novo espaço de expressão e “representatividade” para as Comunidades Surdas; corroboram com a disseminação e reflexões sobre a Libras, a história, os direitos e as características culturais dos Surdos; objetiva a formação de professores com vistas a transformar contextos educacionais nos quais Surdos estão presentes e consequentemente estimulam transformações sociais.

Embora estejamos diante de uma iniciativa decolonial, a presença da Libras e de Surdos nas instituições de ES não rompe com a relação conflituosa diante a hegemonia ouvinte. Conforme Mignolo (2014; 2017), vivemos dentro de uma estrutura marcada pela colonialidade, que molda nossas atitudes e formas de construção do conhecimento, além de nos hierarquizar enquanto grupos a partir de diferenciações linguísticas, raciais e de gênero. Apesar de termos a Libras nas Universidades, nos deparamos com a falta de uma política nacional para sua estruturação e condução, tendo em vista as lacunas que a legislação vigente apresenta, como a falta de disposições e orientações para implementação das disciplinas.

Nessa perspectiva, para que as disciplinas de Libras cumpram seu papel efetivo de promover conscientização de licenciandos e colaborem com mudanças nas vidas de estudantes Surdos, sua estruturação e condução precisam estar alinhadas às demandas sociais e linguísticas, ou seja, precisam para além de ensinar a Libras em um curto período de tempo, de propiciarem temas que possam desencadear discussões e reflexões sobre cultura surda, identidade Surda, assim como aspectos históricos e políticos envolvendo a educação de Surdos.

Considerando o histórico de resistência das comunidades Surdas e posição que a Libras ocupa socialmente, esse componente curricular permite a mobilização de temas e abordagens críticas, a problematização de noções e conceitos historicamente consolidados, influenciados pela hegemonia ouvintista. Desse modo, percebemos a relevância de uma disciplina que traga para as discussões temas que possam colaborar para o distanciamento dessa estrutura hegemônica, de silenciamento das pessoas Surdas e desvalorização da língua de sinais. Nesse sentido, o processo educacional precisa priorizar uma formação consciente dos licenciandos para subsidiar transformações sociais.

As universidades têm papel fundamental para efetivação dessa perspectiva, no sentido de propiciar aos estudantes, através das aulas nas disciplinas de Libras, “[...] pensar novas práticas que contribuam para um movimento de resistência e ruptura a favor da decolonização da escolarização, buscando oferecer uma educação emancipatória dos sujeitos” (ROCHA, 2017, p. 7). Acreditamos que esse movimento só pode se concretizar em sala de aula se a estruturação da disciplina permitir.

Conforme Tavares e Gomes (2018), pensar pedagogia atrelada ao termo decolonial diz respeito às transformações indispensáveis no cenário educacional e, além disso, de resistência aos padrões que regem o sistema educacional e

consequentemente influenciam nos processos pedagógicos até então seguidos pela ordem hegemônica ao conceber culturas e relações humanas. Essa reflexão e atitude permite a condução de uma pedagogia para produção de conhecimento comprometida com a promoção da justiça social. A formação de professores deve estar atrelada a essa visão.

A ausência de uma formação inicial e continuada de professores, que tenha em consideração as novas realidades trazidas pela colonialidade global, pelas suas estratégias de afirmação global e local, de imposição de uma cultura única, em sociedades multiculturais, tem conduzido à continuidade de uma docência reprodutivista e acrítica. O mundo mudou, mas os modelos de formação de professores e de educação não se alteraram. De salientar a importância da regulação jurídica relativamente à problemática da inclusão no sistema de ensino de parte da população que não tinha, historicamente, acesso à educação [...] (TAVARES; GOMES, 2018, p. 59).

Conforme Leffa (2001), formar é preparar para o futuro, reconhecer a limitação do conhecimento e a necessidade de que o percurso para a atuação docente nunca estará concluído, sendo um processo dinâmico e contínuo. O autor destaca que o maior desafio para a formação de professores é o formar, conseguir suprir as demandas para que os licenciandos resolvam os desafios na prática futura. Para Leffa, discussões e reflexões políticas são essenciais para a formação de professores, para que estes possam desenvolver ao longo de sua trajetória formativa a compreensão de que a sala de aula e as escolhas relacionadas ao contexto educacional são condicionadas por questões históricas, sociais e políticas. Segundo o autor, o conceito de “formação” abrange questões maiores do que o simples treinamento de profissionais para o ensino, pois “busca a reflexão e o motivo por que uma ação é feita da maneira que é feita”. Há, assim, uma preocupação com o embasamento teórico que subjaz à atividade do professor” (LEFFA, 2001, p. 3).

O espaço ocupado pela Libras, língua em situação minoritária, implica várias mudanças, desde as que se referem a políticas públicas até as comportamentais. O que cabe a nós, enquanto pesquisadores, “[...] é propor reflexões e discussões sobre o tipo de educação linguística que queremos e precisamos” (REIS; JORGE, 2020, p. 60). Diante disso, essa temática emerge como uma importante aliada no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, que vem desenvolvendo pesquisas e tem respaldo legal recentemente. A inserção em um campo de estudos pouco reconhecido no país, no entanto, é de suma importância para o suporte de práticas inclusivas no ES.

Todavia, apesar das questões apresentadas no item anterior, entendemos que as legislações e posteriormente as disciplinas no ES possibilitaram um novo contexto de discussões acerca da Libras e da formação de professores e, além disso, auxiliaram na ampliação do campo de reflexões sobre a educação e inclusão social das pessoas Surdas, ao possibilitar o acesso a discussões até então restritas às Comunidades Surdas. Nesse momento, buscamos discutir a importância da disciplina de Libras na formação inicial de professores.

Dessa forma, assim como Rodrigues e Vieira-Machado (2015), identificamos que essa disciplina abriu espaço para a “formação de uma nova geração de profissionais desafiados a pensar as diferenças por meio de um novo olhar, o qual reconhece o outro em suas especificidades” (RODRIGUES; VIEIRA-MACHADO, 2015, p. 275). Entendemos que a disciplina de Libras pode proporcionar aos professores em formação acesso a questões que até então não eram abordadas nos cursos de licenciatura. Tal prerrogativa torna-se realidade quando a ementa e o conteúdo programático apresentam tópicos e discussões que possibilitem conhecer a fundo os aspectos linguísticos, culturais, identitários e educacionais que permeiam os Surdos. Dentre esses tópicos, estão as estratégias didáticas que devem e podem ser adotadas para inclusão desse grupo minoritário na educação pública, em diferentes níveis de ensino, uma discussão importante para futuros professores.

Ademais, as iniciativas legais com relação à Libras proporcionaram a presença de sujeitos Surdos no ambiente acadêmico, como estudantes matriculados em cursos de graduação e, também, atuando como professores das disciplinas de Libras, um movimento inclusivo que permite a representatividade dos Surdos no cenário acadêmico e, além disso, que eles elaborem e conduzam a disciplina. Ainda, não podemos esquecer de mencionar o reconhecimento e a entrada de profissionais tradutores e intérpretes de Libras/Língua Portuguesa no ES. A atuação dos intérpretes foi um fator importante nesse contexto, representando a mediação linguística, o que fomenta a acessibilidade do uso dessas duas línguas no ambiente educacional. Tais aspectos evidenciam um seguimento de valorização e divulgação da Libras no país (MARTINS, 2008).

A partir de agora, propomos um diálogo com diferentes autores que têm realizado pesquisas sobre as disciplinas de Libras, evidenciando sua potencialidade. Embora haja os avanços na visibilidade e reconhecimento linguístico, ainda existem diversas crenças presentes na sociedade que reforçam uma ideia simplificada sobre

a língua de sinais e sobre os sujeitos Surdos. O estudo realizado por Martins (2008) apresenta os discursos dos estudantes que vão cursar as disciplinas de Libras, os quais carregam diferentes mitos com relação à língua.

Tais discursos são marcados por diversos questionamentos e opiniões sobre a importância, validade e relevância da disciplina, ceticismo e desconhecimento em relação ao caráter linguístico da Libras. Nesse sentido, no Brasil, o desprestígio que as pessoas têm com relação à Língua de sinais e seus usuários ocorre devido à significativa falta de conhecimento da sociedade com relação às características linguísticas e culturais (LEMOS; CHAVES, 2012).

Um estudo realizado por Gediél, Lopes, Mourão (2020) concluiu que a disciplina é um importante meio para rompimento de noções estereotipadas com relação aos Surdos e à Libras. A pesquisa realizada com alunos que cursaram a disciplina de Libras indicou que os debates possibilitados pela matéria foram essenciais nesse processo de desmistificação de conceitos, pois puderam ter contato com a história dos Surdos, os desafios enfrentados por eles e as lutas traçadas ao longo do tempo. Além disso, a disciplina oferece aos futuros professores uma perspectiva crítica sobre a educação de Surdos e conseqüentemente acerca de seu papel no processo de inclusão.

A implementação da Libras nas licenciaturas é extremamente significativa, uma vez que as disciplinas podem apresentar a língua de sinais para aqueles que ainda não tiveram contato, corroborar com o rompimento de ideias preconceituosas em relação às pessoas Surdas e à Libras, assim como atuar para a desconstrução de noções enraizadas no imaginário social que reafirmam a exclusão de Surdos (GESSER, 2009). Nessa perspectiva, ao contribuir para uma formação de profissionais conscientes e sensibilizados com a educação de Surdos, as disciplinas podem influenciar na transformação dos contextos de ensino. Por meio da atuação dos professores formadores, é possível disseminar e valorizar a Libras no ambiente escolar, desde que os professores em formação inicial possam se apropriar dos conhecimentos construídos na graduação para incluir seus alunos Surdos. Esse processo de ensino e aprendizagem, conseqüentemente, influenciará no desenvolvimento escolar desses estudantes (ROSSI, 2010).

Ao final de seu estudo com disciplinas de Libras, Iachinski *et al.* (2019) concluíram que a estruturação da disciplina envolvendo conteúdos e carga horária não capacitam os alunos para saírem com aprendizado avançado da Libras para

interagir de forma clara e natural com Surdos na escola. Diante disso, eles apontam a necessidade de mais trabalhos que voltem para análise dessas disciplinas nos cursos de formação de professores. Apesar de existirem trabalhos com foco nos currículos de diferentes instituições, estes ainda possuem caráter descritivo e comparativo, necessitando pesquisas aprofundadas para compreensão dos modelos de disciplinas. Nessa mesma linha, Souza Junior e Marques (2014) chamam atenção para a carga horária dessas disciplinas, indicando a necessidade de reflexões sobre tal aspecto, uma vez que temos variações a depender da instituição e as disciplinas com essa carga horária não dão conta de propiciar um desenvolvimento na Libras, os autores explicam a necessidade de se pensar sobre a carga horária destinada às disciplinas de Libras.

Compreendemos a urgência de pesquisas que visem analisar os processos em torno da construção desta disciplina e dos impactos causados após mais de dez anos de sua introdução no âmbito universitário. Segundo Carniel (2018), por mais que a chegada da disciplina de Libras no contexto do ES tenha atuado de forma positiva, propiciando a difusão de noções sobre a língua, ainda há um aspecto que segue latente nesse contexto, a real contribuição de uma disciplina que, segundo o autor, aparentemente está “desconectada” de todas as outras que compõem a matriz curricular dos cursos.

A discussão e pesquisas apresentadas até aqui nos mostram a relevância da disciplina na formação de professores. Ao tratarmos da disciplina, outros sujeitos e discursos vêm para a cena. Estamos falando da chegada de uma língua em condição minoritária no espaço acadêmico. Além disso, agora temos o respaldo legislativo para que essa língua alcance o contexto de ensino. Embora seja evidente que a disciplina de Libras possa trazer benefícios para o cenário educacional brasileiro, é preciso estar atento às problemáticas que a acompanham, pois surgem desafios para as universidades diante a urgência em inserir a Libras nos cursos, o que tem consequências nas formas de estruturação curricular. Ainda, a existência de uma disciplina não significa a superação total do que pode ser enfrentado pelos Surdos no contexto de ensino.

Em vista do panorama apresentado neste capítulo, torna-se imprescindível debruçar-se diante de um *corpus* específico nas Universidades Mineiras, visando analisar com profundidade as disciplinas e levantar questões com relação a estas. Ainda, essa iniciativa de pesquisa opera no sentido de tentar compreender as lacunas

encontradas na legislação e conhecer como as instituições têm expressado as disposições legais acerca da oferta da Libras e conduzido sua estruturação.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos os caminhos pelos quais conduzimos nossa pesquisa; para isso, buscamos inicialmente contextualizar nossa opção metodológica, mostrar instrumentos utilizados nesse processo, assim como as formas de ação. O presente trabalho partiu da perspectiva qualitativa que, segundo Minayo (2012), possui ferramentas e teorias que permitem o estudo dos fenômenos envolvidos nas relações humanas.

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p.22).

A partir das palavras de Minayo (2002), citadas anteriormente, entendemos que a pesquisa qualitativa possibilita compreender o âmbito das disciplinas de Libras, os significados e processos que envolvem sua estruturação. Godoy (1995) indica a potencialidade desse tipo de pesquisa e a necessidade de considerar a importância integral de todos os dados presentes na análise. A autora cita a diversidade de percursos que podemos seguir em uma pesquisa qualitativa, dentre elas a pesquisa documental.

Optamos pela pesquisa documental (GIL, 2008) para condução e realização do trabalho. Esse procedimento metodológico “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p. 51). Acreditamos que, no campo de estudos qualitativos, a pesquisa documental oferece uma vasta gama de elementos passíveis de análise, possibilitando estudos de diferentes temáticas, a partir do documento podemos alcançar dados relevantes e compreender fenômenos, pois essas fontes nos oferecem informações passíveis de interpretação e investigação (GODOY, 1995).

Conforme Godoy (1995), a pesquisa documental considera a potencialidade de documentos escritos em fornecer dados ao pesquisador e, além disso, se caracteriza como uma fonte fiel, pois os dados uma vez materializados na forma escrita não podem ser alterados. Assim, a partir de seu formato, os documentos possibilitam contato com informações sobre determinado contexto sócio-histórico, já que as informações contidas ali não sofrem alterações.

Quando tratamos do termo “documentos”, estamos falando de um amplo campo de materiais, representados em diferentes formatos, desde diários pessoais a relatórios científicos, estes podem ser considerados “primários” quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado ou “secundários” quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência (GODOY, 1995, p. 22). Em nosso trabalho, estamos lidando com fontes primárias, uma vez que nos interessa programas analíticos e outros documentos referentes a disciplinas de Libras; desse modo, analisamos materiais que foram criados por terceiros, mas que ainda não sofreram tratamento analítico.

Para análise dos documentos, optamos pela utilização da técnica de análise de conteúdo, amparada em Bardin (1977). De acordo com a autora, trata-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). Esse formato de análise possibilitou o detalhamento das ementas referentes às disciplinas, buscando compreender sua organização e desenvolvimento e também o entendimento e descrição das semelhanças e das disparidades entre elas. Tal descrição foi realizada nos principais focos das disciplinas, a fim de conceber um modelo de disciplina ou ao menos mapear temas que podem subsidiar a construção de um padrão.

De acordo com Bardin (1977), a análise de conteúdo se realiza por meio de três etapas essenciais:

1) Pré-análise - Trata-se da primeira etapa de organização do material que será analisado, a leitura e topicalização dos aspectos que podem ser úteis ao processo interpretativo. Nesse momento, torna-se necessário conhecer o material coletado, realizar uma seleção caso seja necessário, preparar o material e construir o corpus para posterior análise.

2) Exploração do material - A segunda etapa consiste na exploração dos documentos e a criação de categorias para análise. Deve ser realizado o recorte dos materiais, a partir de tópicos de registro, que pode ser realizado por documento, tema, palavra, etc. ou de outras formas possíveis, a partir do que o cenário pode propiciar, ou seja, o que os documentos podem oferecer para análise, olhando frequência, ausência ou não de fatores, por último a categorização.

3) Tratamento dos resultados e interpretação - Por fim, a terceira etapa é o momento de identificação de semelhanças e distinções do texto, por meio de

interpretação, podendo ser realizada por inferência. Nesse momento, deve-se focar nos canais de produção, construção das mensagens, no contexto de produção e na mensagem em si.

Nessa perspectiva, esse estudo envolve duas fases principais de execução: 1) levantamento e coleta *online* dos materiais; 2) análise dos documentos. Essas etapas se desmembraram em diferentes ações que serão descritas detalhadamente ao longo deste capítulo. A primeira fase do trabalho consistiu no levantamento e coleta on-line dos materiais; para que isso ocorresse, precisamos de ações de busca. Inicialmente, realizamos o mapeamento e a identificação das Universidades Federais Mineiras, através da pesquisa no *Google Chrome*, levantando e conferindo informações em diferentes sites, desse modo foram contabilizadas em onze instituições, sendo elas: Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade Federal de Lavras (UFLA); Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI); Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL).

A escolha pelas Universidades Federais Mineiras se deu por dois motivos principais, primeiro pela necessidade de um recorte de um corpus de análise, que permitisse um bom trabalho, tendo em vista o curto prazo que o mestrado oferece. Ao considerarmos todas as instituições de ES do estado, iríamos nos deparar com um excesso de dados e sua análise não seria possível. Além disso, nos amparamos no decreto que dispõe sobre a obrigatoriedade da disciplina nos cursos de licenciatura e estão concentrados em sua maioria nas Universidades.

Posteriormente à identificação das instituições, investigamos a oferta de disciplinas de Libras como L2 para os cursos de licenciatura de cada Universidade. Para isso, acessamos separadamente o *site* oficial de cada instituição, buscando a presença de disciplinas de Libras, de acordo com os objetivos da pesquisa e a obrigatoriedade de sua oferta em licenciaturas. Acessamos a página de cada curso de licenciatura e buscamos nas grades curriculares o termo “Libras” para encontrar as disciplinas, tendo em vista que o acesso a essas informações está disponível de forma on-line e gratuita.

Nesse momento, um dificultador foi o formato dos *sites*, pois cada instituição possui um modelo diferente, o que complexifica o acesso às informações. Nos casos em que não foi possível detectar, foram enviados *e-mails* para as pró-reitorias de ensino e/ou professores da área. Percebemos a existência de mais de uma disciplina de Libras em algumas instituições, como é o caso da UFV que oferece três, da UFOP que oferece duas, isso acarretaria um número maior de ementas, o que no curto prazo de uma pesquisa de mestrado não é possível; diante da necessidade de afunilar o corpus, foram eleitas as disciplinas obrigatórias aos cursos de licenciaturas, em específico para análise.

Todas as instituições foram contactadas via *e-mail*, seja o Departamento de Letras, Pró-Reitoria de Ensino ou *e-mail* pessoal de professores. O primeiro passo foi encontrar *on-line*, mas como esse processo estava sendo difícil, optamos pelo contato via *e-mail*. Das 11 instituições identificadas, conseguimos os documentos de 8 delas, exceto da UFLA, UNIFEI e UNIFAL, pois não conseguimos o retorno aos e-mails e, conseqüentemente, não acessamos os programas das disciplinas e suas respectivas ementas. O quadro abaixo ilustra as formas de contato com as instituições.

Quadro 1 - Acesso aos documentos

Universidade	Forma de contato
UFV, UFOP	Acesso direto pelas pesquisadoras, por atuarem em ambas às instituições.
UFJF	<i>E-mail</i> enviado pela coordenação do curso de Letras Libras
UFSJ	<i>E-mail</i> enviado pela Coordenadoria do Curso de Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas
UFVJM, UFMG, UFTM, UFU	<i>E-mails</i> enviados pelos próprios professores das disciplinas.
UFLA	Acesso através do sistema da instituição.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 2⁹ - Relação das disciplinas (Contínuo)

	Universidades	Disciplina(s)	Carga horária	Departamento
1	Universidade Federal de Viçosa (UFV)	LET 290 - Língua Brasileira de Sinais.	45 horas	Departamento de Letras
2	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	LET 223 - Fundamentos de Libras	60 horas	Faculdade de Letras
3	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	LET 966 - Introdução à Libras	60 horas	Departamento de Letras
4	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	LEM 184 - Libras e educação para Surdos	60 horas	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
5	Universidade Federal de Lavras (UFLA)	GPE 106 Língua Brasileira de Sinais (libras)	34 horas	—
6	Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI)	LET 007 - Libras – Língua Brasileira de Sinais	—	—
7	Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	Libras	—	Departamento de Linguística e Língua Portuguesa
8	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)	LIBR001 - Língua Brasileira de Sinais LIBRAS	—	Departamento de Ensino à Distância
9	Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)	Língua Brasileira de Sinais - EFE Libras	66 horas	Departamento de Letras, Artes e Cultura

⁹ Este quadro apresenta a relação das disciplinas de 11 instituições.

Quadro 2 – Relação das disciplinas (Conclusão)

	Universidade	Disciplina	Carga horária	Departamento
10	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	- Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS 01	60 horas	Faculdade de Educação
11	Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)	Língua Brasileira de Sinais - Libras DCH489 Libras e Educação de Surdos DCH140	—	—

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao coletar os documentos, percebemos variabilidade nos formatos, sendo que a estrutura variou, contendo, em alguns casos, ementa, objetivos e conteúdos, em outros apenas ementa e conteúdo. Tal questão nos conduziu a buscar estratégias de análise e assim realizamos um recorte visando padronizar; dessa forma, optamos por considerar os tópicos: ementa, objetivos e conteúdos, pois a maioria das universidades apresenta tais pontos nos documentos.

O acesso aos materiais referentes às disciplinas possibilitou uma pré-análise das ementas e planos de ensino, a partir da identificação dos conteúdos e opções curriculares de cada instituição. Seguindo os pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), a análise se realiza por meio de três etapas essenciais: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados e interpretação. Na primeira etapa, selecionamos e organizamos os documentos, a partir da leitura inicial e de uma busca geral dos principais pontos no que diz respeito à representação da Libras e das pessoas Surdas nesses materiais. Na segunda etapa, buscamos formas de agrupar e analisar, levando em conta os objetivos da pesquisa. E, por último, realizamos a exploração dos documentos coletados e a criação de categorias para análise; nesse momento, foram agrupados tópicos com os objetivos principais das ementas, temas recorrentes e perspectivas gerais destas.

O exame das ementas possibilitou conhecer as escolhas de conteúdos e focos de cada documento e, dessa forma, compreender suas especificidades, identificando possíveis similaridades e diferenças entre as instituições. Foram observadas as representações culturais, históricas e linguísticas dos Surdos e da Libras, ou seja, a

forma como cada entidade compreende e busca ofertar a Libras na formação de professores, aspectos que serão detalhados no próximo capítulo.

Este capítulo permitiu compreender os caminhos de condução da pesquisa, a partir da apresentação da metodologia e técnicas utilizadas. A seguir apresentaremos a análise de dados com as discussões e reflexões alcançadas nesse trabalho.

5. ANÁLISE DE DADOS

Buscamos neste capítulo apresentar a descrição e análise das disciplinas, a partir de informações sistematizadas em quadros e figuras, de modo a representar detalhada e visualmente o panorama das disciplinas de Libras ofertadas nas Universidades pesquisadas. Para isso, o capítulo está organizado em diferentes fases. A primeira consiste na apresentação e discussão do que nomeamos de panorama inicial das disciplinas; trata-se de uma descrição em que tratamos da configuração básica desse componente curricular, especificamente sua carga horária e vinculação departamental. A partir dessa explanação inicial, é possível obter uma visão global de pertencimento das disciplinas e também conjecturar a forma como estão sendo pensadas dentro das instituições, uma vez que as horas destinadas à Libras e o lugar onde a disciplina se insere influenciam em sua composição e, conseqüentemente, em sua condução.

A segunda fase apresenta o detalhamento da estrutura das disciplinas, contemplando os objetivos, as ementas e os conteúdos programáticos. A partir disso, foi possível analisar e estabelecer as principais semelhanças e diferenças entre elas, com provável entendimento do direcionamento de conteúdos, bem como evidenciar aspectos que podem indicar pontos de encontro para uma padronização curricular dessa disciplina. Essa fase também abrange a classificação e a caracterização de eixos temáticos, a partir dos documentos citados anteriormente, os quais foram analisados com foco nas contribuições voltadas para a formação inicial de professores.

Pretende-se com essa discussão mostrar as especificidades de organização desses componentes curriculares, indicando o quadro de oferta nas Universidades Federais Mineiras, podendo refletir acerca das contribuições das disciplinas de Libras com vistas a estimular uma formação crítica de professores. Acreditamos que sua organização, escolhas de conteúdos e objetivos vão impactar na prática docente e principalmente nas informações e construções estabelecidas pelos estudantes de licenciatura e conseqüentemente vai influenciar o processo de formação acadêmica.

5.1. Panorama inicial das disciplinas

Nesse tópico, propomos apresentar parte de nossa análise, nesse momento o foco é direcionado a apresentar dados de composição dessa disciplina, trata-se de um

panorama das informações coletadas com relação aos componentes curriculares. Pretendemos desenvolver discussões acerca da carga horária destinada às disciplinas, de modo a problematizar o impacto da delimitação temporal na qualidade da disciplina, tendo em vista algumas problemáticas que circundam sua oferta, como a abordagem de teoria e prática de Libras em uma só disciplina.

O tempo destinado à Libras caracteriza seu espaço nos cursos de formação dos professores, entendemos que a escolha por uma quantidade maior ou menor de horas para oferta dessa disciplina vai influenciar no seu foco, ou seja, nas escolhas da abordagem, objetivos e conteúdos que irão compor. Além disso, trata-se de um aspecto que pode distinguir e/ou aproximar as disciplinas de diferentes Universidades Federais Mineiras e indicar a situação da Libras em Minas Gerais, implicando também o ato de se pensar o cenário atual de ES.

Lembrando que se trata de uma língua em situação minoritária conforme apresentado no capítulo teórico, essa posição histórico/social indica a luta das Comunidades Surdas para que essa Língua alcançasse o espaço acadêmico. Desse modo, acreditamos que a carga horária pode mostrar como as instituições concebem a importância da Libras e ainda podemos enxergar se sua inserção se enquadra apenas como cumprimento da legislação ou se as instituições possuem um olhar atento à função da Libras no contexto acadêmico.

A seguir, apresentamos um quadro síntese contendo as instituições investigadas, suas respectivas cargas horárias, locais de vinculação e oferta das disciplinas. Toda a discussão traçada posteriormente está centrada e deu-se a partir das informações sistematizadas neste espaço.

Quadro 3 - Estrutura básica das disciplinas (Contínuo)

Universidade	Carga horária	Departamento
UFV	45 horas	Departamento de Letras
UFMG	60 horas	Faculdade de Letras

Quadro 3 - Estrutura básica das disciplinas (Conclusão)

Universidade	Carga horária	Departamento
UFOP	60 horas	Departamento de Letras
UFJF	60 horas	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
UFLA	34 horas	— ¹⁰
UNIFEI	—	—
UFTM	—	Departamento de Linguística e Língua Portuguesa
UFVJM	60 horas	Departamento de Ensino à Distância
UFSJ	66 horas	Departamento de Letras, Artes e Cultura
UFU	60 horas	Faculdade de Educação
UNIFAL	—	—

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme indicado acima, a maioria das disciplinas possui carga horária total de 60 horas, com exceção da UFV, UFLA e UFSJ, estas respectivamente apresentam 45, 34 e 66 horas. Percebemos, a partir disso, a variação no tempo destinado à Libras, sendo a carga mínima de 34 e a máxima de 60. Nessa perspectiva, Souza Junior e Marques (2014) explicam a necessidade de se pensar sobre a carga horária destinada às disciplinas de Libras. Segundo os autores, 36, 60 ou 72 horas de aula não são capazes de fornecer um processo eficaz de aquisição linguística da Libras; para que isso aconteça, os estudantes precisam de mais contato com essa língua, ou seja, de um tempo maior em imersão.

Considerando o histórico dos alunos que ingressam nas disciplinas, muitos vão ter seu primeiro contato com a Libras apenas com a matéria em seu curso de graduação, deparando-se pela primeira vez com uma complexidade de conteúdos em uma carga horária extremamente reduzida, incapaz de abranger a amplitude que

¹⁰ Os campos vazios referem-se a disciplinas em que tal informação não foi identificada nos documentos.

circunda a língua. Nesse momento, os estudantes terão acesso às discussões teóricas e à aprendizagem da Libras, conforme mostraremos abaixo.

Nessa perspectiva, Carniel (2018) aponta sobre a falta de orientações na legislação ou outros dispositivos para construção dessas disciplinas, como informações sobre a carga horária e suas abordagens. A falta de definições sobre como essa inserção deve ocorrer interfere no oferecimento das disciplinas e na variedade de formatos. Tal ponto fica evidente ao vermos, a partir do quadro acima, a variabilidade entre as Universidades Federais Mineiras quanto à carga horária. Enquanto a disciplina da UFSJ possui carga horária de 66 horas, UFMG, UFOP, UFJF, UVJM e UFU 60 horas, a UFV possui 45 horas, a UFLA 34 horas, sendo então a UFSJ com a maior carga horária entre as disciplinas pesquisadas.

Diante disso, nitidamente percebemos como a Libras vai se moldando de diferentes formas e sendo ofertada nas instituições. Em uma pesquisa realizada com estudantes que cursaram disciplinas de Libras em duas diferentes instituições, Lachinski *et al.* (2019) constataram a insatisfação da maioria dos alunos com relação à carga horária da disciplina; conforme os autores, a crítica veio pelo fato de não conseguirem desenvolver o aprendizado da língua em decorrência do pouco tempo de contato. Diante disso, foi possível notar a impossibilidade do desenvolvimento pleno em Libras, o que para os autores não permite que os professores em formação aprendam a língua a ponto de promover uma inclusão escolar de Surdos, partindo de uma comunicação em língua de sinais.

Tratando-se da aprendizagem da Libras no ES, Souza Junior e Marques (2014) colocam que esse processo requer, além de um maior tempo de estudo, a aplicação de metodologias adequadas, materiais específicos e, principalmente, um contato com a Comunidade Surda durante a disciplina, condições essenciais, mas que normalmente não acontecem na prática, o que faz com que o processo de aprendizagem de língua seja prejudicado (SOUZA JUNIOR; MARQUES, 2014).

Tendo em vista tais apontamentos, questionamo-nos se uma disciplina cujo título na maioria das vezes é “Libras”, em que as expectativas dos estudantes estão geralmente voltadas para aprendê-la, é capaz de propiciar um desenvolvimento linguístico pleno em 34 ou 45 horas de carga horária. Esse ponto nos leva a refletir sobre o espaço que a Libras ocupa institucionalmente, nas Universidades Brasileiras, e indica a necessidade de mais estudos e espaços de discussão e elaboração de

políticas linguísticas e educacionais que possam nortear um oferecimento dessa disciplina que seja significativo para os cursistas.

Nessa perspectiva, sabemos a impossibilidade de desenvolvimento e aprendizagem de uma Língua em um período letivo, no prazo de uma disciplina. Dessa forma, para existir de fato um desenvolvimento linguístico dos estudantes, outros aspectos entram em cena, como o contato com usuários e o tempo de exposição à Libras. Nesse contexto, Viana e Silva (2018) enfatizam a contribuição e relevância da interação social para a aquisição da Libras como L2. Assim, para que o ouvinte possa consolidar esse processo e se desenvolver plenamente na nova língua, é importante que se estabeleça o contato com a comunidade surda, ou seja, com usuários da Libras, para que de forma espontânea e a partir de estímulos naturais o aprendiz possa desenvolver habilidades necessárias para produção e entendimento nessa língua.

Contudo, tendo em vista que a maioria dos estudantes tem o primeiro contato na disciplina ou possuem apenas aquele espaço para aprender e utilizar a Libras, o conhecimento linguístico que se constrói na disciplina muitas vezes acaba sendo superficial e básico, o que não permite uma interação fluida que esteja em acordo com os aspectos estruturais da língua. Com isso, sabemos que o professor em formação não construirá na disciplina sua proficiência em Libras e não vai se comunicar nessa língua caso tenha alunos Surdos, considerando o conhecimento advindo da disciplina.

Conforme Lemos e Chaves (2012), embora os estudantes tenham nas disciplinas contato mínimo com a Libras e que por isso não possam adquirir aprendizagem aprofundada da Libras durante o curto prazo das disciplinas, não podemos negar a importância desse componente curricular, é preciso utilizar o tempo e propiciar o melhor contato para os professores em formação. Ainda que diante de desafios e lacuna impostas às disciplinas e sua oferta, não há de negar sua importância para propiciar o contato com essa nova língua, independentemente de sua abordagem ser considerada superficial para os estudantes. Após a disciplina, a depender do interesse e possibilidades, os estudantes poderão buscar outras formas para de fato aprenderem a língua e iniciar comunicação com surdos.

Ao aplicar entrevistas com professores de disciplina de Libras em sua pesquisa, Bentes e Souza-Bentes (2012) concluem que a grande proporção de conteúdos muitas vezes possui um foco maior em questões teóricas, principalmente do âmbito educacional; e quanto ao ensino da língua, o enfoque se limita ao ensino

do alfabeto manual, dos cinco parâmetros e do vocabulário básico. Assim, a sobrecarga de conteúdos em um curto período faz com que a disciplina muitas vezes perca o sentido e se define no espaço de formação de uma maneira “ilusória”, sendo que o interesse dos estudantes se mantém de forma fantasiosa, sem uma maior seriedade ou noção da relevância dessa disciplina em seu processo formativo. Pode-se dizer que se trata de um interesse que logo após a disciplina irá terminar também; segundo os autores, trata-se de uma “folclorização da Libras” (BENTES; SOUZA-BENTES, 2012).

Veras e Brayner (2018), em uma pesquisa com professores de Libras do Ensino Superior do Recife, relataram que a carga horária é uma das maiores dificuldades no ensino de Libras, conforme os sujeitos de pesquisa. Nesse caso, o estudo analisado mostra que 80% dos docentes participantes da pesquisa consideram que a carga horária não é suficiente. De acordo com esses autores, o Decreto n.º 5626 não pontua nenhum aspecto sobre a carga horária e as instituições definem ter “uma variação entre 60h, 45h e até disciplinas de 30h, o que é exíguo para adquirir competências significativas na Libras” (VERAS; BRAYNER, 2018).

Ao considerarmos o desenvolvimento de disciplinas de ensino de L2 em cursos de graduação para formação de professores, percebemos a existência de orientações e documentações que direcionam a oferta dessas disciplinas. Podemos citar como exemplo as disciplinas de línguas estrangeiras no cenário universitário, tal como a língua inglesa. Optamos por acessar a disciplina de inglês I - LET 215¹¹ oferecida como optativa para cursos de licenciatura na Universidade Federal de Viçosa, para mencionar as características de oferta. Nesse caso, a disciplina possui carga horária total de 60 horas e em seu programa analítico apresenta como objetivo¹² enfoque em aspectos do ensino da Língua, questões gramaticais, por exemplo o desenvolvimento de habilidades de leitura.

Ao olharmos para as disciplinas de Libras das Universidade Federais Mineiras, percebemos que ainda há uma diversidade em relação à carga horária, a qual varia

¹¹ C. f. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Programa Analítico de Disciplina:** LET 215 - Inglês I. [Viçosa: UFV], [21--?]. Disponível em: <https://www3.dti.ufv.br/dti/catalogo/programa-analitico/49797>. Acesso em: 20 dez. 2022.

¹² Conhecer e utilizar estratégias de leitura; compreender aspectos léxico-gramaticais e discursivos pertinentes à leitura; lidar com vocabulário desconhecido, organização textual e aspectos relacionados à coesão e coerência de textos em inglês; Desenvolver a habilidade de leitura em língua inglesa para que o aluno seja capaz de selecionar informações e compreender os textos de acordo com o objetivo de leitura estabelecido (UNIVERSIDADE..., 21--?).

entre 30, 45, 60 horas. Tal fato demonstra a necessidade de uma regulamentação, orientações que possibilitem minimamente pensar o ensino de Libras em um período letivo.

Os dados demonstram em todas as ementas e objetivos que a disciplina abrange uma área de conhecimento extensa que envolve aspectos sociais, educacionais, históricos e culturais sobre as pessoas Surdas, além de apresentar aspectos gramaticais e desenvolvimento básico da Libras. Ou seja, há uma amplitude de conteúdos, conceitos e conhecimentos que ultrapassam a ideia de ensino de Libras como L2. Tal formato poderia ser desenvolvido em várias disciplinas com objetivos específicos. No entanto, é preciso notar a necessidade de reconhecimento dessa língua nas instituições, considerando a discussão sobre o acesso dos grupos em situação minoritária à educação, tema que extrapola uma única disciplina. As questões apresentadas até o momento indicam a necessidade de debates e desenvolvimento de dispositivos que possam assegurar uma oferta que contemple as necessidades dos licenciandos, com carga horária e formatos adequados e suficientes.

Conforme Paiva, Chaveiro, Faria (2018), tendo em vista a inviabilidade do aprendizado pleno de uma língua em uma disciplina de apenas um semestre, é necessário que os licenciandos desenvolvam a compreensão das particularidades dos Surdos, ou seja, dos aspectos identitários e culturais que permeiam as relações entre os Surdos e principalmente a atuação da libras como constituinte identitário. De acordo com Carniel (2018), ainda que o contato seja mínimo, este é essencial na formação dos futuros professores, podendo ser a primeira e/ou última vez que tiveram essa oportunidade de experienciar a Libras, o que poderá refletir em sua consciência e práticas futuras na carreira docente.

Assim, quando nos deparamos com uma disciplina de Libras de 60 horas e nos questionamos sobre o real atendimento aos estudantes, vale lançar um olhar atento às disciplinas de 34 e 45 horas e os possíveis impactos disso na formação dos futuros professores, uma vez que, nesses casos, o contato com a Libras será ainda menor. Diante dessas questões, chama atenção a carga horária da disciplina da UFSJ com 66 horas, já que esse tempo a mais pode ser significativo para o processo de ensino e aprendizagem dos licenciandos.

Tratando-se do período, sendo ofertada no momento certo, essa disciplina pode auxiliar no entendimento diante de desafios escolares ou ajudar a pensar nesse contexto, principalmente se os estudantes estão cursando estágio ou já possuem

contato com a escola, nesse caso poderão ver de forma concreta reflexões sobre a escola e suas possibilidades. Ademais, havendo estudantes Surdos, o sentido da disciplina de Libras será ainda maior, tendo a possibilidade de colocar na prática as construções feitas nas disciplinas (RECH; SELL; RIGO, 2019).

Quanto aos locais de oferta, percebemos que a maioria das disciplinas está alocada nos Departamentos de Letras das instituições, isso indica que está dividindo espaço com outras línguas, em que a formação dos professores e formatação das ementas podem contribuir para o direcionamento da disciplina. Como exceção, temos a disciplina da UFU que está na Faculdade de Educação, o que também pode indicar um enfoque nesse âmbito, ou seja, no processo de ensino e aprendizagem. Outro caso é da disciplina da UFVJM, que está vinculada ao Departamento de Ensino à Distância. Nesse caso, também percebemos um possível enfoque maior no âmbito educacional e, além disso, seu local indica a oferta da disciplina na modalidade à distância, o que não foi identificado em outras instituições.

5.2. Estruturação das disciplinas de Libras

Nessa segunda fase, objetivamos adentrar outro aspecto que consideramos pertinente nesta pesquisa, o possível foco dessas disciplinas a partir do que suas ementas apresentam. Para essa análise, partimos do seguinte pressuposto: as ementas de disciplinas de Libras precisam estar conforme o Decreto n.º 5.626, seguindo todas as suas orientações, principalmente as disposições do Art. 14º, que trata da responsabilidade das instituições e do perfil dos professores que conduzirão as disciplinas, considerando que esses profissionais precisam ter domínio das especificidades das pessoas Surdas. A seguir, descrevemos, de forma geral, as principais informações referentes às disciplinas (Apêndice A); para contextualizar brevemente o formato de cada uma, posteriormente apresentamos a análise a partir da estruturação de eixos que norteiam essas disciplinas.

Seguindo a ordem anterior de exposição das ementas, verificamos que a disciplina da UFMG apresenta, em seus objetivos, questões acerca da educação de Surdos, principalmente ao citar em sua abordagem a atuação do profissional tradutor - intérprete de Libras e a importância da família de Surdos no processo de alfabetização. Além disso, os conteúdos programáticos comprovam um enfoque maior ao âmbito educacional ao trazer conceitos como "inclusão", "bilinguismo", "educação

de surdos”, embora também apresente aspectos linguísticos e prática da Libras em menor abrangência.

Já em relação à disciplina da UFV, esta visa apresentar discussões acerca da realidade de pessoas Surdas no país, trazendo tópicos sobre a inclusão educacional, desafios e possibilidades. A partir dos conteúdos, podemos identificar enfoque em metodologias e estratégias de ensino, aspectos legais que circundam a educação de Surdos, como também noções básicas sobre uso da Libras.

Por outro lado, a disciplina de Libras da UFSJ, diferente das outras, apresenta uma descrição maior ao tratar dos aspectos gramaticais nos conteúdos, fazendo alusão a tópicos como “léxico da língua de sinais”, “variação linguística” e “iconicidade”. Além disso, a disciplina também apresenta um foco nos aspectos educacionais, com atenção à formação de professores.

A disciplina da UFU também contempla a abordagem teórica e prática, tratando da questão educacional, e se propõe a possibilitar compreensão da Libras para auxiliar nos processos inclusivos. Essa disciplina traz uma descrição dos conteúdos que envolvem o âmbito prático e linguísticos da disciplina, tais como “configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não manuais, números; expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpas; expressões socioculturais negativas: desagrado, verbos e pronomes, noções de tempo e de horas”¹³.

No caso da UFJF, os conteúdos e objetivos vão ao encontro das disciplinas citadas anteriormente, a perspectiva educacional com tópicos em torno da educação inclusiva e educação bilíngue estão presentes, assim como aspectos legais que envolvem a educação de Surdos. Essa disciplina também traz a descrição dos conteúdos práticos “Fundamentos linguísticos da Libras - Diferenças e semelhanças entre as línguas orais e as de sinais; O Plano Fonológico da Libras: os cinco parâmetros: CM, L, M, OR e ENM (introdução); Morfossintaxe da Libras (introdução); Aspectos semânticos e pragmáticos da Libras (introdução); Corporeidade: consciência corporal e expressões físicas e sua importância na interação em Libras; Classificadores em Língua de Sinais (introdução); Vocabulário Básico da Libras/ interação em Libras (nível básico)”.

¹³ C. f. ANEXO I – Universidade Federal de Uberlândia.

Quanto à UFVJM, também foi possível identificar essa diversidade de conteúdos. Nessa disciplina, os tópicos mais recorrentes versam sobre a Comunidade e Cultura Surda e propõe o ensino de vocabulário básico para comunicação, também há um tópico direcionado à educação de Surdos, ainda no que diz respeito ao desenvolvimento de vocabulário básico para estabelecimento comunicacional. Em seu conteúdo programático, encontramos uma descrição sobre temas educacionais como perspectiva de ensino, aquisição e metodologias de ensino.

A UFLA e a UFTM não apresentam objetivos, a primeira apresenta ementa e conteúdo programático. Esta tem um foco mais teórico segundo a ementa, como abordagem de questões culturais dos Surdos e discussões sobre a Libras, além do ensino prático da língua. A segunda apresenta uma ementa mais resumida, citando a inclusão de pessoas com deficiência e introdução à Libras. Entendemos que tais escolhas não esgotam as possibilidades das disciplinas e, ao fazer essas opções de análise, assumimos o risco de deixar escapar enfoques e/ou nos distanciar do que ocorre na prática, questões que estão para além do que os documentos podem nos oferecer¹⁴.

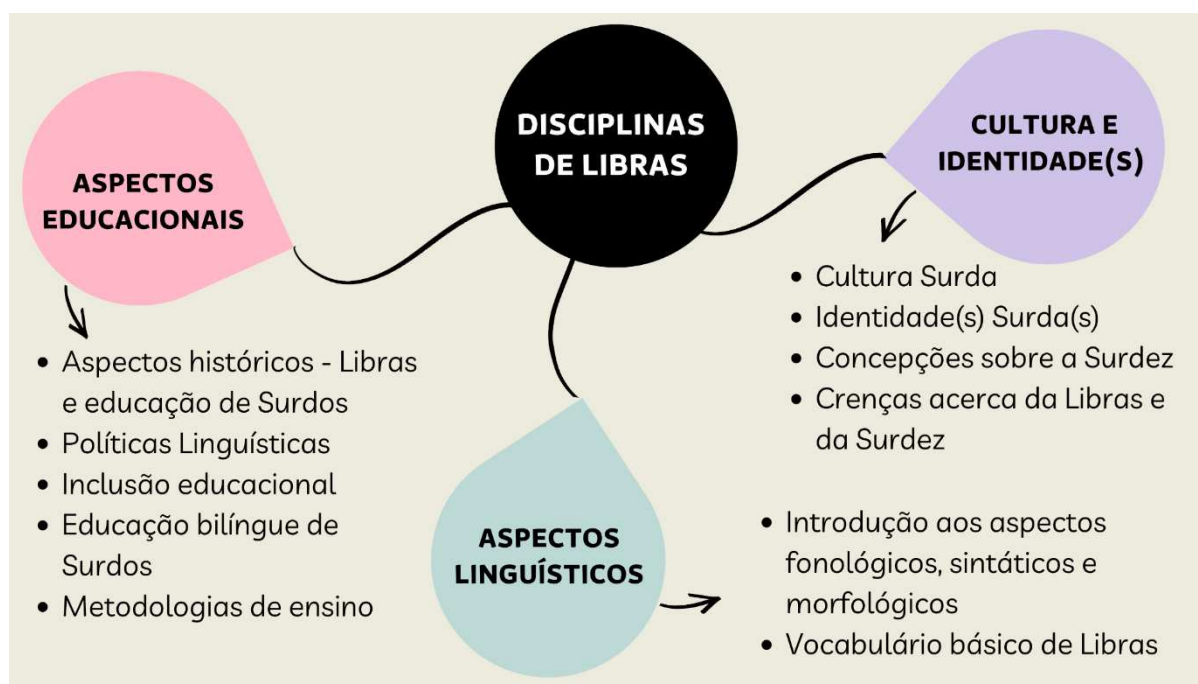
Contudo, a partir da descrição acima, é possível notar que, para além da abordagem teórica, as disciplinas também procuram trabalhar noções práticas da Libras, ou seja, ensinando vocabulário básico e até mesmo aspectos gramaticais da língua, o que pode ser constatado a partir da descrição acima e também dos recortes das disciplinas apresentados em um quadro no Apêndice A. Conforme Paiva; Faria; Chaveiro (2018), ainda que os docentes não sejam fluentes em Libras, o que é inviável devido à diversidade das licenciaturas, eles precisam contemplar em suas aulas os aspectos linguísticos e culturais necessários para um bom desenvolvimento da disciplina.

Ao nos debruçarmos sobre os documentos, após leituras e busca de categorias de análise, percebemos termos recorrentes nas ementas. Notamos que a maioria das disciplinas se orienta por tópicos análogos, ou seja, que compartilham conceitos e conseqüentemente objetivos. A partir disso, foi possível a criação de três categorias que sintetizam os eixos temáticos pelos quais, a partir de nossas análises, são conduzidas as disciplinas: aspectos educacionais, cultura e identidade e por fim aspectos linguísticos.

¹⁴ A análise está guiada por objetivos próprios de uma pesquisa e desse modo, de documentos que após a publicação desta dissertação podem ter sido atualizados e modificados pelas instituições.

A seguir apresentamos uma figura desenvolvida durante a pesquisa, na qual constam as três categorias mencionadas, a fim de sistematizar e demonstrar visualmente a presença dos eixos nas disciplinas de Libras. Analisaremos as categorias e indicaremos as possíveis discussões que estas podem desencadear.

Figura 1 - Eixos Temáticos



Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro eixo nomeamos de *Aspectos educacionais* após perceber a repetição de conceitos que remetem a essa discussão na maioria das ementas, tais como: histórico da Libras e dos Surdos; políticas linguísticas e políticas educacionais, que dizem respeito à longa trajetória de lutas das comunidades Surdas, assim como as diferentes filosofias educacionais, os movimentos e políticas voltadas para a educação de Surdos que permeiam essa discussão. O segundo denominamos *Cultura e Identidade*, tal construção se deu a partir dos diversos conceitos que apontam para uma discussão sobre aspectos culturais, visões sobre a surdez e concepções naturalizadas socialmente, notamos que o termo cultura aparece de forma recorrente. O terceiro eixo intitulado *Aspectos Linguísticos* trata do viés prático das disciplinas, ou seja, do ensino de Libras, o que foi identificado a partir de tópicos que se voltam para esse objetivo, como gramática da Libras, ensino de vocabulário básico e introdução à Libras.

Os três eixos se mostram de diferentes formas no plano de fundo de cada ementa, indicando um certo ponto de encontro; embora sejam apresentados a partir de termos distintos, possuem um mesmo significado dentro da disciplina. Por isso, consideramos que se trata de um elo entre as disciplinas de diferentes Universidades Federais Mineiras. Sabemos que cada espaço educativo possui singularidades a depender de várias questões, desde a formação do professor ao formato da disciplina e como esta é conduzida, estamos cientes aqui das especificidades de cada uma e as diferentes possibilidades para trabalhar dentro dos eixos identificados neste trabalho.

O enfoque das disciplinas a partir desses três eixos temáticos vai ao encontro da pesquisa realizada por Nascimento; Sofiato (2016):

[...] em relação aos aspectos teóricos que são desenvolvidos, destacam-se sumariamente: os aspectos históricos e culturais da surdez, políticas públicas e surdez, a escolarização da pessoa surda [...] em relação aos aspectos de caráter mais prático, a disciplina trata do ensino básico da língua em questão, contemplando as suas características específicas em relação a sua constituição gramatical e discursiva (p. 5).

As autoras acima analisam disciplinas de Libras de duas universidades públicas de São Paulo, especificamente oferecidas para os cursos de pedagogia das referidas instituições, e constataam a presença de aspectos teóricos e práticos na disciplina, um viés que permeia discussões teóricas e outro do ensino de Libras (NASCIMENTO; SOFIATO, 2016, p. 5). A partir da realização de nosso trabalho, percebemos a complexidade de conteúdos e possíveis discussões que podem estar presentes em uma só disciplina, o que acarreta impactos para a formação do futuro professor, principal público alvo da Libras no Ensino Superior. Conforme apresentamos no item 5.1, trata-se de lacunas na composição das disciplinas, a exemplo a carga horária e a falta de definições na legislação ou a criação de política educacional com definições específicas.

De volta aos eixos temáticos, importa-nos, neste momento, indicar a potencialidade desses eixos, por meio de diferentes conteúdos e discussões que podem ser desencadeadas por eles. Compreendemos que tais tópicos estão alinhados com as produções dos chamados Estudos Surdos, uma corrente de trabalhos e reflexões sobre a surdez e a Libras, que buscam romper e se afastar da

noção patológica atrelada à Surdez. Uma série de produções irá focar em um olhar e discussões de cunho cultural (NORA, 2017).

Conforme Perlin e Strobel (2009), trata-se de uma esfera de estudos guiados pelos estudos culturais, que trazem para a cena novas perspectivas com relação às pessoas Surdas, principalmente no sentido de romper paradigmas sobre a Surdez, centrando no contexto sócio-histórico e cultural, indicando os marcadores identitários dessas comunidades, explorando a noção de diferença, contrapondo a noção de deficiência. Ainda, segundo as autoras, os estudos Surdos surgem apoiados pela teoria cultural, “a aproximação da teoria cultural que motiva os estudos sobre cultura: identidade, língua, posições de poder, diferença, pedagogia etc” (PERLIN; STROBEL, 2009, p. 26).

Conforme as autoras acima, esse espaço teórico e reflexivo vai subsidiar o desenvolvimento de diversos estudos sobre a língua, identidade, cultura e currículo para se repensar o lugar ocupado pelas pessoas Surdas historicamente e, além disso, o desenvolvimento de sua educação. Podemos notar a influência no currículo ao encontrarmos nas ementas das disciplinas de Libras os termos “cultura” “identidade”, “história da educação de surdos”, “políticas linguísticas”; são temas que compõem as discussões dos estudos Surdos, agora presentes na Universidade, não apenas por meio de pesquisas, como também nas salas de aula, onde futuros professores terão acesso a novas construções de conhecimento.

Bauman e Murray (2014) mostram que esse campo de estudo surge a partir da década de 1970 nos Estados Unidos, com cursos oferecidos em Universidades. Destaca-se o oferecimento de cursos de graduação (1994) e pós-graduação (2002) em Estudos Surdos pela Universidade Gallaudet. Tais espaços vão culminar em diferentes eventos e pesquisas na área voltadas para aspectos linguísticos, culturais e educacionais. O desenvolvimento desse campo de estudos busca estudar e justificar cultura, identidade surda e também defender a existência e utilização das línguas de sinais, a partir de diferentes pesquisas.

No Brasil, esse campo também passa a se constituir e possibilitar investigações sobre a Surdez. Segundo Lopes e Thoma (2018), os trabalhos produzidos por estudiosos do Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NUPPES-UFRGS) vão confirmar a concretização dos Estudos Surdos no país, centrando-se em discussões sobre a visão da surdez, buscando romper com a noção clínico terapêutica, voltando-

se para reflexões no ponto de vista da diferença cultural. Os autores indicam que as pesquisas vão influenciar na divulgação e utilização dos seguintes termos: “identidade surda, diferença surda, cultura surda, povo surdo, etc” (p. 32), sendo que atualmente o foco é com relação à educação, inclusão, bilinguismo e políticas públicas (LOPES; THOMA, 2018).

Tais apontamentos vão ao encontro dos conceitos presentes nos componentes curriculares de Libras; desse modo, podemos perceber que as discussões que compõem as ementas são direcionadas a partir dos estudos Surdos. Trata-se de temas e questões que desde a década de 90 vêm sendo colocadas em pauta no Brasil e que conseqüentemente vão subsidiar o desenvolvimento curricular das disciplinas de Libras.

Quando tratamos dos estudos Surdos, estamos considerando desenvolvimento de pesquisas e construções guiadas pelos estudos culturais, partindo do pressuposto que afasta a surdez do campo da deficiência.

Os currículos de Estudos Surdos são susceptíveis de incluir perspectivas a partir da, entre outros, antropologia, linguística, teoria literária, educação bilíngue, e uma série de estudos culturais, incluindo práticas de gênero, deficiência, e estudos étnicos. Embora esta grande diversidade de disciplinas ofereça múltiplas perspectivas, a orientação fundamental do campo é derivada da noção de que as pessoas surdas não são definidas por sua falta de audição, mas por formas linguísticas, culturais e sensoriais do ser no mundo (PERLIN; STROBEL, 2009, p. 68).

Entendemos que o oferecimento desses componentes curriculares também atua no sentido de desconstruir a noção da Surdez atrelada à deficiência, tratar de aspectos culturais e identitários e também atuar na disseminação e valorização da Libras, o que vai ao encontro do propósito dos estudos Surdos. Tratando-se sobre currículo e especificamente sobre a oferta da disciplina de Libras, a partir dos embasamentos dos estudos Surdos e ao termos esse contraponto da noção de Surdez enquanto diferença, em que as pessoas Surdas não podem ser reduzidas à falta de audição, percebemos um potencial crítico das disciplinas ao possibilitar aos estudantes desconstrução de estereótipos e noções enraizadas socialmente.

Nessa perspectiva, quando nos deparamos, por exemplo, com o eixo aspectos educacionais, os conceitos que levam a possíveis discussões de aspectos educacionais se apresentam por meio de diferentes formas, conforme apresentamos na figura 1, a partir dos subeixos 1) Aspectos históricos da Libras e educação de

Surdos; 2) Políticas linguísticas; 3) Inclusão educacional; 4) Educação bilíngue de Surdos e 5) Metodologias de ensino. Quatro temas gerais que englobam uma série de discussões que inclusive poderiam facilmente ser o foco de uma só disciplina, considerando a amplitude de questões que possuem um amplo desdobramento.

Quadro 4 - Eixo 1: Aspectos Educacionais

Universidade	Código da disciplina	Ementa
UFMG	LET 233	Aspectos históricos da Educação de Surdos e da formação da Libras.
UFV	LET 290	Histórico da educação de surdos e da Língua de sinais.
UFOP	LET 966	Histórico da Língua de Sinais.
UFJF	LEM 184	Estudos de políticas Linguísticas e educacionais na área da Surdez.
UFU	LIBRAS 01	Fundamentos Históricos da Educação de Surdos. Legislação específica.
UFVJM	EADMAT075	Desafios e potencialidades para a inclusão social e escolar para as pessoas surdas a partir de intervenção teórica e prática.
UFSJ	LEM 184	História, Educação de surdos na formação de professores, realidade escolar e alteridade.
UFLA	GPE 106	—
UFTM	LIBRAS	—

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme podemos observar no quadro acima, das nove instituições analisadas, seis disciplinas, com exceção da GPE 106 - UFLA e LIBRAS - UFTM,

trazem termos e descrições que circundam uma possível discussão de cunho educacional; podemos inferir, a partir disso, temas que são abordados nessas disciplinas e que podem consequentemente possibilitar espaço para discussões críticas.

Desse modo, quando tratamos de aspectos históricos, podemos mencionar os processos educacionais pelos quais as pessoas Surdas passaram, os principais marcos que circundam a educação de Surdos, como as diferentes perspectivas de ensino que conduziram seu ensino historicamente. O oralismo, que marcou intensamente as pessoas Surdas ao propor o desenvolvimento oral das pessoas Surdas, proibindo, em sua ascensão, a utilização das línguas de sinais das instituições de ensino, um processo que impacta negativamente o desenvolvimento dos Surdos (CAPOVILLA, 2000). A partir do momento em que esse tipo de discussão estará presente nas disciplinas, os licenciandos poderão ter conhecimento do quão impactante foi esse período e, principalmente, compreender que deixou traços socialmente e ainda hoje conduz formas de interação e ensino das pessoas Surdas, ainda que em moldes distintos ao que foi em seu início. Além disso, tratando-se dessa discussão, além do oralismo, os cursistas poderão aprender sobre outras correntes que vieram posteriormente, tal como a comunicação total (CAPOVILLA, 2000), um passo importante para o retorno da língua de sinais nas instituições educacionais após o realismo. Com isso, os estudantes terão acesso às diferentes propostas e iniciativas educacionais, assim como suas consequências e reflexos que permanecem na atualidade.

Para além dessas duas perspectivas, temos também o espaço para saber e pensar sobre o surgimento e defesa da perspectiva bilíngue na educação de Surdos (CAPOVILLA, 2000), um processo essencial para a valorização das línguas de sinais e indicação do seu potencial e legitimidade. Uma vez que os licenciandos que cursam a disciplina têm acesso a tais informações, poderão compreender a importância da Libras na educação de Surdos e o que não repetir no contexto escolar para não perpetuar práticas que distanciam os alunos Surdos da Língua de sinais e que não reconhecem suas especificidades linguísticas.

Nessa perspectiva, os licenciandos terão acesso a aspectos que historicamente explicam o surgimento da resistência e articulação das pessoas Surdas para reivindicar sua inclusão educacional e seu espaço socialmente. A partir disso, os estudantes matriculados nessas disciplinas poderão compreender os

cenários da educação de Surdos, os reflexos atuais e entender os significados das reivindicações das Comunidades Surdas pelo reconhecimento e valorização da Libras.

Assim, quando tratamos desse panorama educacional em uma disciplina, consideramos a presença de conteúdos e materiais sobre as políticas linguísticas e educacionais que foram desenvolvidas com base nas pautas do movimento social Surdo, que foram construídas no sentido de possibilitar atendimento às reais demandas da comunidade Surda.

As disciplinas analisadas apresentam nas ementas termos tais como “legislações”, “realidade escolar”, “políticas linguísticas e educacionais”. Nesse ponto, podemos destacar a presença nas disciplinas dos diferentes aparatos legais do país, podemos citar, por exemplo, a Lei n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002), que reconhece a Libras como forma de expressão e comunicação das comunidades Surdas brasileiras, reconhecendo-a como uma língua no país. Além disso, outro dispositivo que os licenciandos podem ter contato a partir desse eixo é o Decreto n.º 5.626/2005 (BRASIL, 2005) que regulamenta a Lei de 2002 e dispõe sobre a atuação da Libras na formação de professores, ou seja, através do acesso a esse decreto e seu posterior estudo, os alunos poderão compreender o motivo pelo qual possuem a disciplina de Libras em sua grade curricular e refletir sobre sua importância na formação. Ademais, o dispositivo trata da formação de professores e outros profissionais que irão atuar nos contextos educacionais com estudantes Surdos. Ainda, outro marco legal que se refere à educação de Surdos estará presente nessas disciplinas, trata-se da Lei n.º 14.191/2021 (BRASIL, 2021), que dispõe sobre educação bilíngue de Surdos, reconhecendo-a como uma modalidade educacional.

Nessa perspectiva, tratar da legislação significa possibilitar discussões sobre o surgimento da Libras e como essa língua se apresenta no país, além dos cenários que circundam a educação de Surdos, possibilitando que além de obter informações até então possivelmente desconhecidas, os professores em formação possam refletir sobre sua capacitação e responsabilidade. Acreditamos que o acesso à retomada histórica e aos principais marcos e políticas permite aos futuros professores problematizar e entender os desafios que circundam a educação de Surdos e também desenvolver reflexões acerca de seu papel enquanto futuro educador.

Considerando também que, a partir desse eixo, estão presentes nas disciplinas aspectos sobre a inclusão de Surdos, desde questões sociais como

também educacionais. Sendo assim, podemos inferir uma formação que busque melhorar esses processos, tendo em vista a discussão sobre a realidade escolar, os desafios presentes na educação de Surdos e, principalmente, a atuação de professores frente a essa realidade.

Nesse sentido, Paiva, Faria e Chaveiro (2018) enfatizam que os conteúdos devem tratar de questões que circundam a realidade educacional ou que preparem os licenciandos para isso, ou seja, para atuar no contexto de inclusão com alunos Surdos. Os licenciandos precisam de subsídios em sua formação, assim poderão desenvolver habilidades para atuar de forma a atender estudantes Surdos e “para lidar com o aluno Surdo na sala de aula inclusiva, compreenderem quem ele é, como ele aprende, como se comunica, quais os principais registros da história da educação de surdos, entre outros” (PAIVA; FARIA; CHAVEIRO, 2018, p. 74). Desse modo, poderão colaborar com o rompimento do ciclo de problemas que impossibilitam o desenvolvimento pleno e sem defasagens no processo educacional dos discentes Surdos.

Conforme Rodrigues e Vieira-Machado (2015), a existência da disciplina trouxe consigo possibilidades de uma formação que forma professores capacitados para lidar com as particularidades dos estudantes Surdos, nesse caso cientes das especificidades educacionais que perpassam a história de educação de Surdos e das diferentes correntes que envolvem tal processo.

Os futuros professores, após a disciplina, terão noção sobre as particularidades educacionais dos estudantes Surdos, particularidades essas que se relacionam com aspectos culturais, identitários, históricos e linguísticos. Terão noção da importância da atuação do profissional tradutor intérprete de Libras e de formas para incluir o estudante surdo na escola, a depender do contexto o qual se insere.

Nesse caso, estamos tratando de uma disciplina que contribui para de fato formar um bom profissional para que, quando estiverem em sala de aula, compreendam e consigam atuar de forma consciente e eficaz, que estejam preparados minimamente para lidar com os desafios que irão surgir na prática profissional, uma formação que permite reflexões e questionamentos, que ultrapasse a ideia de um treinamento profissional (LEFFA, 2011).

Ademais, o outro eixo por nós identificado, o qual nomeamos “cultura e identidade”, mostra como as disciplinas abordam tópicos que dizem respeito aos aspectos culturais e identitários dos Surdos. A partir do quadro abaixo, é possível

verificar os conceitos que circulam nas ementas e que subsidiaram a construção do eixo 2.

Quadro 5 - Eixo 2: Cultura e Identidade

Universidade	Código da disciplina	Ementa
UFMG	LET 233	Visão socioantropológica da surdez.
UFV	LET 290	Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos; Identidades surdas e cultura Surda.
UFOP	LET 966	Concepções sobre o Surdo e a sua Cultura.
UFJF	LEM 184	Estudos de aspectos culturais dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais.
UFVJM	EADMAT075	Identificação e caracterização dos principais aspectos que norteiam a realidade dos surdos.
UFU	LIBRAS 01	—
UFSJ	LEM 184	Identidade e Cultura Surda.
UFLA	GPE 106	Conhecer a cultura surda, apresentar os aspectos diferentes entre cultura surda e ouvinte.
UFTM	LIBRAS	—

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nesse eixo, cultura e identidade, apenas as disciplinas Libras 01 - UFU e Libras - UFTM não nos oferecem pistas desse tipo de discussão. Tal eixo se constitui a partir de marcadores que conectam as pessoas Surdas, a começar pela utilização da Libras, que diz respeito a um modo visual de percepção do mundo, que guia a

vivência das pessoas Surdas (STROBEL, 2007). As ementas utilizam termos que remetem à Cultura Surda, Comunidade Surda, Mundo Surdo e, conseqüentemente, às singularidades linguísticas e culturais desse grupo. Nesse tópico, também destacamos conceitos relacionados aos mitos e crenças que envolvem as pessoas Surdas e a Libras (GESSER, 2009). Assim, a partir desse eixo, os licenciandos terão acesso às discussões e problematizações que permeiam a construção cultural das pessoas Surdas e a força que Libras representa para essas pessoas. Acreditamos no potencial das disciplinas ao abordar tais questões que poderão colaborar para conscientizar e sensibilizar os licenciandos, uma vez que, ao trazer para a sala de aula discussões sobre história e realidade das pessoas Surdas no âmbito educacional, pode propiciar transformações na formação de professores.

Diversos são os pontos que permeiam concepções naturalizadas socialmente sobre pessoas Surdas e a Libras. Por exemplo, uma concepção recorrente diz respeito à universalidade da Libras, o que desconsidera a dinamicidade da Língua, uma visão que reduz a Libras, considerando que não há diferenças semânticas entre os sinais. Uma noção equivocada, tendo em vista que as Línguas de sinais, assim como as línguas faladas, também possuem diversidade, a depender das características culturais, históricas de um povo e dos contextos em que são utilizadas (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Outro exemplo é o uso da expressão “surdo-mudo”. Trata-se de uma designação equivocada, visto que eles não apresentam qualquer problema no aparelho fonador, não sendo, portanto, mudos. Em suma, Surdos com o canal fonador intacto podem desenvolver a fala oral. Outro aspecto muito discutido pelos indivíduos Surdos e até mesmo pelos estudiosos do assunto é a ideia de que os Surdos devam ser considerados deficientes. Há aqueles que se consideram deficientes auditivos e os que percebem a surdez como uma diferença. Tais exemplos podem ser considerados como crenças e preconceitos em torno da Libras e das pessoas Surdas (GESSER, 2009).

Além disso, ao tratar de visões sobre a Surdez, emerge desse eixo um intenso debate em torno da classificação política da deficiência, que passa a ser compreendida como característica individual na interação social (DINIZ, 2007). Entretanto, a deficiência ainda é determinada por meio de diferentes dispositivos como uma tragédia pessoal, comparada à normalidade, implicando várias formas de marginalização das pessoas com deficiência. Como aponta Diniz (2007, p. 11), “o

desafio está em afirmar a deficiência como um estilo de vida, mas também em reconhecer a legitimidade de ações distributivas e de reparação da desigualdade, bem como a necessidade de cuidados biomédicos”. O lema “nada sobre nós sem nós” retrata a luta por interesses políticos e sociais de grupos que historicamente tiveram direitos básicos relegados, desencadeando uma ampliação de políticas sociais pautadas na inclusão efetiva de deficientes em diferentes contextos e setores sociais.

Para além da visão de Surdez no campo das deficiências, conforme Skliar (1997), a visão socioantropológica surge para desconstruir a concepção patológica e concebe a surdez no campo das diferenças, considerando as particularidades linguísticas e culturais das pessoas Surdas e também entendendo que os desafios e impasses comunicacionais, educacionais e sociais não ocorrem devido à condição em si, mas pelas barreiras impostas socialmente. Trata-se de uma visão que nos direciona a pensar o espaço da Libras no processo educacional, tendo em vista seu potencial assim como qualquer outra língua. Nos amparamos em Skliar (1999) para conceber que historicamente as pessoas Surdas foram, assim como outras pessoas com deficiência, colocadas como “anormais”, um ponto de vista patológico a partir de um discurso construído e enraizado socialmente.

Ao centrar-se nos aspectos culturais da Libras e das pessoas Surdas, essas disciplinas de Libras estão sim propiciando ambiente profícuo à formação de multiplicadores e sujeitos que irão colaborar com transformações sociais, ao se deparar com estudantes Surdos nas escolas, compreendendo sua singularidade linguística, os artefatos históricos e culturais que permeiam sua trajetória. Consideramos importante que o licenciado esteja ciente desses aspectos e a partir disso possa mudar formas de pensar e conseqüentemente de agir diante dos alunos Surdos. Por isso, podemos considerar as disciplinas de Libras como espaço decolonial (QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2017), partindo do que as ementas nos indicam, especificamente no cenário mineiro.

Estamos tratando de um espaço acadêmico, em que é possível um novo olhar sobre a Surdez e também um contato com o histórico do movimento social Surdo. Trata-se da construção de conhecimentos acerca das pessoas Surdas, que estiveram historicamente circunscritas por injustiças e desigualdades. Estamos falando de conhecimentos valiosos para se repensar transformações sociais ou, conforme Meneses e Bidaseca (2018, p. 306-307), “produção e validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência [e luta]”. Acreditamos na grandeza dessas

disciplinas para propiciar esse tipo de construção, na formação de multiplicadores para atuarem de forma inclusiva na vida e na escola, seja identificando necessidade de melhorias estruturais na escola ou modificando metodologias de ensino e até mesmo colocando em cena a Libras.

Trata-se de discutir uma nova realidade, que contrapõe visão multicultural, e revela a diversidade e a necessidade de compreender o diferente, ou seja, um olhar sobre aspectos que carecem de problematizações e reflexões, pois estão presentes socialmente. A formação inicial de professores pode corroborar esse processo ao estimular o desenvolvimento de um pensamento crítico atento à realidade, trata-se de um novo formato que busca compreender e problematizar as desigualdades (TAVARES; GOMES, 2018). Ao percebermos a entrada de discussões sobre visões da Surdez, movimentos Surdos, legitimação da Libras, estamos presenciando uma nova forma de ensino, que traz para a Universidade tópicos e questões pertencentes aos Surdos, socialmente marginalizados

Ao disponibilizar discussões sobre cultura e identidade Surda, além de possibilitar uma divulgação de artefatos pertencentes à comunidade Surda, as disciplinas corroboram promovendo a conscientização de licenciandos e colaboram com mudanças nas vidas de estudantes Surdos no ambiente escolar, uma vez que os cursistas da disciplina podem se tornar multiplicadores sociais, alterando discursos preconceituosos sobre a surdez e auxiliando no avanço das pautas da comunidade surda, principalmente no que tange à educação.

Nessa perspectiva, acreditamos que, uma vez inserida nas universidades, as disciplinas promovem um novo espaço de expressão e “representatividade” para as Comunidades Surdas; contribuem para a disseminação e reflexões sobre a Libras, a história, os direitos e as características culturais dos Surdos. Além disso, objetiva a formação de professores com vistas a transformar contextos educacionais nos quais Surdos estão presentes e conseqüentemente estimulam transformações sociais.

A presença desses aspectos na ementa diz muito sobre a potencialidade da disciplina, uma vez que permite conhecer os processos de imposição hegemônica e compreender os processos pelos quais pessoas Surdas passam historicamente. Tal questão se mostra um passo importante para um conhecimento que busque romper com as relações de poder e não deixar que na escola isso se perpetue. Nesse sentido, é válido pontuar o quão importante é o professor ter noção das metodologias de ensino, pois, dessa forma, no contexto escolar, os alunos surdos terão os mesmos

direitos e espaço que ouvintes e também terão a garantia de acesso (MIGNOLO, 2014, 2017).

Estamos tratando de um histórico de lutas de resistência, da formação e engajamento de um movimento social surdo; sendo assim, é importante que seja permitido para os professores em formação acesso a esse conhecimento, que possam situar historicamente os processos que envolvem ensino de Surdos para que se distanciem, analisem e não repitam erros. Ao permitir isso, estaremos de fato percebendo a função da universidade enquanto espaço formativo, podendo atuar atendendo as demandas e entendendo o movimento surdo, transformando práticas escolares, contribuindo para uma educação crítica e consciente na escola, sendo essas questões um movimento necessário (ROCHA, 2017). Conforme Tavares e Gomes (2018), quando isso ocorrer, estamos tratando de pedagogia decolonial, que busca transformações educacionais e sociais, a partir do ensino, para que sejam alcançadas mudanças frente às imposições majoritárias.

Com relação ao eixo aspectos linguísticos, conforme o quadro abaixo, percebemos que LEM 184 - UFJF não mencionam em sua ementa algo relacionado ao ensino de Libras, todas as outras trazem "introdução à Libras", "aspectos linguísticos" e outros termos que indicam ensino de Libras e o contato com questões que circundam a constituição dessa língua. Quando elegemos esse eixo, acreditamos na oferta do ensino de Libras nas disciplinas, além da apresentação de vocabulário básico, a introdução aos aspectos gramaticais, as ementas apresentam esse ponto indicando uma introdução e/ou desenvolvimento de noções básicas.

Quadro 6 - Eixo 3: Aspectos linguísticos (Contínuo)

Universidade	Código da disciplina	Ementa
UFMG	LET 233	Noções básicas da estrutura da Libras e de sua gramática.

Quadro 6 - Eixo 3: Aspectos linguísticos (Contínuo)

Universidade	Código da disciplina	Ementa
UFV	LET 290	Introdução à Língua de Sinais.
UFOP	LET 966	Conhecimento introdutório da estrutura gramatical da língua de sinais; desenvolvimento da competência comunicativa em nível básico, tanto referente à compreensão como a sinalização, com temas voltados a situações cotidianas vivenciadas em diversas situações.
UFJF	LEM 184	Conhecimentos básicos sobre os fundamentos linguísticos da Libras.
		Identificação e caracterização dos principais aspectos que norteiam a realidade da Língua Brasileira de Sinais.
UFU	LIBRAS 01	Aspectos Linguísticos da Libras.
UFSJ	LEM 184	Aspectos linguísticos e teóricos da Libras; Estudos da Língua Brasileira de Sinais - Libras: Fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, prática em libras: vocabulário geral e específico da área de atuação docente.
UFLA	GPE 106	Conhecimento teóricos e práticos para a comunicação com os surdos, utilizando-se para isso de diferentes sinais e do Alfabeto Manual.

Quadro 6 - Eixo 3: Aspectos linguísticos (Conclusão)

Universidade	Código da disciplina	Ementa
UFTM	LIBRAS	Estudo dos elementos constitutivos da Libras, aplicabilidade da língua brasileira de sinais e seus fundamentos básicos na prática pedagógica e interação social.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nessa perspectiva, consideramos que “conhecer a singularidade linguística manifestada pelos alunos Surdos poderia constituir-se como um dos objetivos principais para se inserir Língua de Sinais no currículo das licenciaturas e outros cursos referidos no decreto” (ALMEIDA; VITALIANO, 2012, p. 4-5). Nesse sentido, de acordo com Almeida e Vitaliano (2012), é necessário ter um cuidado com a organização das disciplinas para que estas não sejam um curso básico de Libras.

Além disso, tendo em vista a inviabilidade do aprendizado pleno de uma língua em uma disciplina de apenas um semestre, é preocupante pensar que o aprendizado de Libras divide espaço com discussões teóricas, considerando as cargas horárias apresentadas anteriormente neste capítulo. Não descartamos a importância da Libras e a relevância de que os estudantes da disciplina tenham o contato com essa língua. Entretanto, consideramos que talvez não seja ideal a forma como essas disciplinas têm sido estruturadas e talvez seja necessário de fato a existência de duas ou mais disciplinas: uma introdutória contendo aspectos educacionais, culturais e identitários e uma segunda disciplina com foco no ensino básico de Libras.

Compreendemos que transformações como essa requerem tempo e, além disso, articulação e luta de Surdos, profissionais da educação e instituições. Todavia, acreditamos que seja uma demanda real e que poderá de fato melhorar a forma como a Libras tem sido abordada e vista no espaço acadêmico. Desse modo, o cumprimento da legislação e a inserção da disciplina de forma desconectada, tendo em vista a falta de parâmetros, indica que ainda temos muito o que melhorar para ampliar a potencialidade e efetividade da Libras no ensino Superior.

Contudo, a partir da apresentação e discussão dos três eixos, eles indicam o potencial das disciplinas para uma formação crítica, retomando o conceito postulado

por Pennycook (1998), “a crítica transformadora”, uma vez que tratar dos aspectos identitários e culturais permite aos estudantes conhecerem a cultura Surda, compreenderem que existe uma articulação entre as comunidades Surdas, tendo a Libras como fator unitário que conecta pessoas Surdas de diferentes contextos sociais, de gênero, raça e religião. Assim, quando atuarem no contexto escolar, poderão inserir em suas práticas produções culturais Surdas, com objetivo de propiciar representatividade para os estudantes Surdos e possibilitar divulgação para os estudantes ouvintes.

Além disso, após a disciplina e acesso a discussões engendradas pelos eixos neste trabalho, os futuros professores irão para o cenário escolar com uma formação consciente e atentos às realidades de pessoas Surdas, compreendendo os desafios e possibilidades no campo educacional. Os egressos das disciplinas de Libras devem sair dela conhecedores das principais políticas que regem a educação de Surdos, compreendendo seu papel e as funções de outros profissionais que devem atuar nesse contexto, como instrutores e tradutores e intérpretes de Libras. Nessa perspectiva, estarão atentos aos direitos linguísticos e educacionais dos estudantes Surdos.

Por fim, poderão, através da disciplina, conhecer a língua de sinais, ainda que de forma inicial; poderão aprender que se trata de uma língua com estrutura própria assim como as demais; entretanto, aprenderão que se trata de uma modalidade distinta. Após as doses de Libras acessadas na graduação, poderão buscar de fato adquirir essa língua em outros espaços e buscar interação e comunicação com as comunidades surdas, sem replicar estereótipos.

Assim, podemos dizer o quão importante essa disciplina para formação de professores e as principais discussões que têm estado presentes nas Universidades Federais Mineiras, que, apesar das lacunas jurídicas e diferenças nos contextos de aplicação da disciplina, de fato conseguimos perceber que está acontecendo uma educação voltada para resistência, com objetivo final de que haja transformações sociais a partir da agência dos estudantes (NETO; MAZUCHELLI; MOTA, 2021).

Para finalizar, acrescentamos um questionamento “Qual seria o modelo ideal de disciplina?” Após experiência enquanto aluna, posteriormente enquanto professora da disciplina em instituições diferentes e após o desenvolvimento deste trabalho, penso que a atuação dos eixos “aspectos educacionais” e “cultura e identidade” se faz necessária; inclusive com diferentes focos, as discussões presentes nesses eixos

devem ocorrer de fato. Além disso, cabe sim tratar da Libras, apresentar essa língua aos estudantes, mas não no formato de ensino da língua em si, e sim como outra disciplina, cujo objetivo será de fato apresentar e ensinar os aspectos linguísticos da Libras. Considero que temos possibilidades de concretizar tal ideia, entretanto precisamos de mais pesquisas e principalmente de políticas educacionais que permitam que isso ocorra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho possibilitou, através da análise de ementas, compreender a organização das disciplinas de Libras das Universidades Federais Mineiras. Inicialmente, pontuamos aspectos como a inexistência de padrões e a falta de parâmetros, contudo, ao mesmo tempo, foi possível identificar nas ementas muitos pontos de encontro a partir dessas análises. Desse modo, acreditamos que talvez esse “padrão” exista na prática de cada instituição, ainda que não seja apresentado oficialmente nos dispositivos jurídicos. Esse levantamento e os pontos de encontro identificados podem servir de base para a redação de um documento oficial que possa auxiliar na construção dessas disciplinas.

Foi possível perceber que todas as disciplinas apresentam discussões teóricas com relação à história, legislação, cultura, identidade, educação dos Surdos, assim como o ensino do vocabulário básico da Libras e uma introdução aos aspectos gramaticais. Desse modo, percebemos e nomeamos três eixos: aspectos educacionais; cultura e identidade; aspectos linguísticos que possuem uma série de ramificações e que podem engendrar diferentes construções, permitindo, dessa forma, uma formação crítica e consciente da necessidade de transformações sociais.

Tratando-se dos impactos da disciplina na formação de professores, concluímos que a disciplina de Libras possui grande potencial para possibilitar uma formação crítica, com vistas a transformações sociais, a partir do estudo de aspectos históricos, identitários e culturais das comunidades surdas. Os licenciandos poderão acessar informações potentes e desenvolver uma consciência crítica, pensando em seu papel no contexto escolar para promover melhorias, com foco na inclusão dos estudantes Surdos.

Assim, concluímos que os temas citados nos documentos remetem a discussões críticas para uma formação de professores cientes da realidade das pessoas Surdas, dos desafios que envolvem seu processo educacional e de inclusão social e, principalmente, ciente das singularidades linguísticas, culturais e históricas.

Tal ponto indica o quão essencial foi a inserção da Libras no cenário acadêmico. Acreditamos que muitas mudanças ocorreram nos espaços escolares após mais de uma década da implementação das disciplinas no ES. Diferentes grupos de licenciandos puderam ter acesso às questões que permeiam o mundo Surdo e suas especificidades educacionais e, conseqüentemente, desenvolveram

transformações, ainda que sutis, na comunidade escolar. Entretanto, diante de uma língua em situação minoritária, é preciso que investigações sejam desenvolvidas e que a efetividade de oferta da disciplina seja cada vez maior, para que ela não perca o sentido no cenário acadêmico.

A partir deste trabalho, conseguimos apresentar um panorama das disciplinas ofertadas nas Universidades Federais Mineiras, identificando eixos que conduzem sua oferta, “aspectos educacionais”, “cultura e identidade” e “aspectos linguísticos”; trouxemos as ementas das disciplinas e contribuímos com o estudo e divulgação de informações com relação a esse componente curricular. Acreditamos que estamos tratando de informações até então não apresentadas e que poderão subsidiar melhorias com vistas a Libras na formação crítica de professores.

Acreditamos que são muitos conteúdos para uma só disciplina e isso pode afetar em sua condução e efetividade. Pensamos que o principal foco deveria ser de cunho teórico, tendo em vista a impossibilidade de ensinar a língua com uma curta carga horária, em apenas um período letivo. Consideramos que o viés prático do ensino da língua poderia ser oferecido em outra disciplina em caráter optativo para os estudantes, ou até mesmo obrigatório, mas como uma continuidade à primeira disciplina. A amplitude de conceitos, temas e o espaço que a teoria e prática ocupam podem contribuir para um resultado contrário da disciplina, ou seja, para formação de visões estereotipadas e/ou mal concluídas na mente dos estudantes, e obviamente o não aprendizado da língua.

Ainda, acreditamos ser essencial que o caráter das disciplinas se mantenha nesses eixos temáticos, pois são suficientes para propiciar conscientização, sensibilização e aprendizagem dos futuros professores. Para nós, esse seria o formato ideal de disciplina.

Para que haja de fato melhorias nas disciplinas, torna-se necessária a criação de grupos de trabalho, compostos em níveis de estado ou contemplando regiões do país, voltados para se repensar a Libras no ensino Superior. É importante que haja mais discussões e pesquisas com tal foco, com profissionais da área para que possamos ter um espaço para uma boa e reflexiva construção do currículo de Libras. Só assim, teremos mais possibilidades para o desenvolvimento de políticas que possam fortalecer e subsidiar o ensino de Libras na formação de professores, com vistas a uma educação bilíngue de Surdos.

Assim, chegamos ao fim de nossas reflexões acerca das disciplinas de Libras no Ensino Superior, um trabalho voltado, acima de tudo, ao interesse de compreender essas disciplinas e mostrar seu potencial para formação crítica de professores. Esperamos continuar possíveis lacunas da pesquisa e também esperamos que o trabalho sirva de base para que outros estudos possam surgir e propiciar melhora na disciplina, para que, assim como me afetou e fez com que eu pudesse construir essa pesquisa enquanto ex-aluna da disciplina de Libras, possa influenciar outros licenciandos, futuros formadores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Josiane Junia Facundo de; VITALIANO, Célia Regina. A disciplina de libras na formação inicial de pedagogos: experiência dos graduandos. *In: IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região do Sul, 2021, Caxias do Sul. Anais [...]. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2429/582>. Acesso em: 29 set. 2021.*

BAALBAKI, A; CALDAS, B. Impacto do congresso de Milão sobre a língua dos sinais. *In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro, 2011. p. 1885-1895.*

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, H.-Dirksen L.; MURRAY, Joseph J. Estudos surdos no século 21: "Deaf-gain" e o futuro da diversidade humana. *In: ANDREIS-WITKOSKI, Sandra; FILIETAZ, Marta Rejane Proença (org.). Educação de Surdos Em Debate*. Curitiba: Editora UTFPR, 2014. p. 67-91.

BENTES, J. A. O.; SOUZA-BENTES, Rita de Nazareth. O que se ensina na disciplina língua brasileira de sinais. *In: V CBEE - Congresso Brasileiro de Educação Especial - VII Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial, 2012, São Carlos. Anais [...]. São Carlos: Ed. Cubo, 2012. p. 7346-7358.*

BISOL, C; SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 26, p. 07-13, 2010.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 set. 2021.

BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10436&ano=2002&ato=5c3g3ZE5ENnpWTcd1>. Acesso em: 29 set. 2021.

BRASIL. **Lei 13.005 de 25 de junho de 2014**. Aprova o plano nacional de educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13005&ano=2014&ato=8b4gXWE9ENVpWT136>. Acesso em: 29 set. 2021.

BRASIL. **Lei Federal nº 14.191, de 03 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de Educação Bilíngue de Surdos. Brasília, DF: Presidência

da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 2 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 12.319 de 01 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12319&ano=2010&ato=54cETVq1keVpWT416>. Acesso em: 2 set. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>. Acesso em: 2 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, jan. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 2 set. 2021.

BRITO, F. B de; NEVES, S. L. G; XAVIER, A. N. O movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da Libras e pela construção de uma política linguística no Brasil. **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: Editora FENEIS, v. 1, p. 67-104, 2013.

BRITO, F. B. de. **O movimento social surdo e a campanha pela oficialização da língua brasileira de sinais**. 2013. 276 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-03122013-133156/publico/FABIO_BEZERRA_DE_BRITO.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

CAMPELLO, A. R. S. A Constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI. **Revista Mundo & Letras**, José Bonifácio, v. 2, p. 8-25, 2011.

CAPOVILLA, F. C. Filosofias educacionais em relação ao surdo: do oralismo à comunicação total ao bilinguismo. **Revista brasileira de educação especial**, Corumbá, v. 6, n. 1, p. 99-116, 2000.

CARNIEL, F. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-21, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/rDd6XLCGxTKNKC3Y5mZcJJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

DALL'ALBA, Carilissa; SARTURI, Cláudia de. Letras/LIBRAS: Curso Superior Inédito da América Latina. **Revista Virtual de Cultura Surda**, [S. l.], n. 14, set. 2014. Disponível em: <https://editora-araraazul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1%C2%BA%20Artigo%20para%20Revista%202014%20de%20autoria%20de%20CARILISSA%20DALL'ALBA%20e%20%20CL%C3%81UDIA%20SARTURI.pdf>. Acesso em: 2 set. 2021.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

DOS REIS, R. G.; BERTONHA, G.; DE CASTRO, J. N. Política linguística voltada para surdos no Brasil: reflexões sobre os domínios familiar e escolar. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 18, n. 01, p. 211-230, 2020.

FERNANDES, Sueli. **Educação de surdos**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 30, n. especial 2, p. 51-69, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/zJRcjrZgSfFnKpbqTDh7ykK/?lang=pt>. Acesso em: 9 set. 2021.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GEDIEL, A. L. B.; LOPES, C. M.; MOURÃO, V. L. A. A disciplina de libras como espaço de reflexões críticas e decoloniais na formação de professores. **Gláuks – Revista de Letras e Artes**, Viçosa, v. 20, n. 1, p. 172-197, 2020.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir – Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IACHINSKI, Luci Teixeira *et al.* A inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura: visão do futuro docente. **Audiology – Communication Research**, São Paulo, v. 24, 2019. DOI 10.1590/2317-6431-2018-2070. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/vhYJdcywNkS8zn563bqr3QK/?lang=pt>. Acesso em: 6 set. 2021.

JANNUZZI, G. **A educação do deficiente no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

KENDRICK, D.; CRUZ, G. C. Oficialização da Libras: movimento surdo e política linguística de resistência. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 32, p. 1-14, 2018.

LAGARES, Xoán Carlos. **Qual política linguística?: desafios glotopolíticos contemporâneos**. São Paulo: Parábola, 2018.

LEFFA, V. J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. *In*: LEFFA, Vilson J. (org.). **O professor de línguas estrangeiras**; construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1. p. 333-355.

LEMOS, A. M; CHAVES, E. P. A disciplina de Libras no ensino superior: da proposição à prática de ensino como segunda língua. *In*: XVI ENDIPE-Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, 2012, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Junqueira&Marin Editores, 2012. p. 1-12.

LOPES, Luciane Bresciani; THOMA, Adriana da Silva. Estudos surdos em educação no Brasil: a produção do campo no período de 1996-2006. **Revista Forum**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 21-36, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/197907>. Acesso em: 12 set. 2021.

LOPES, MOITA. **Por uma linguística aplicada interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MARTINS, O. V. Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 21, n. 28, p. 191-206, 2008.

MARTINS, V. R de O. O acontecimento do ensino de Libras – diferenças e resistências. *In*: ALBRES, Neiva de Aquino. **Libras em estudo: ensino-aprendizagem**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 37-54.

MENESES, Maria Paula; BIDASECA, K. A. As epistemologias do sul como expressão de lutas epistemológicas e ontológicas. *In*: MENESES, Maria Paula; BIDASECA, K. A. **Epistemologías del sur**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO; Coimbra: Centro de Estudos Sociais - CES, 2018. p. 11-21. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181124092336/Epistemologias_del_sur_2018.pdf. Acesso em: 28 set. 2021.

MIGNOLO, W. D. Educación y decolonialidad: aprender a desaprender para poder reaprender. [Entrevista cedida a] Facundo Giuliano e Daniel Berisso. **Revista del IICE**, [S. l.], n. 35, p. 61-71, 2014.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPx5Zr3yrMjh7tCZVv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2021.

MINAYO, M. C. S. *et al.* **Pesquisa social: teoria, metodologia e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In*: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (org.). **Linguística Aplicada: um caminho com muitos acessos**. SP: Ed. Contexto, 2009. p. 11-24.

NASCIMENTO, L. C. R.; SOFIATO, C. G. A disciplina de língua brasileira de sinais no ensino superior e a formação de futuros educadores. **ETD - Educação Temática Digital**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 352–368, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8639505>. Acesso em: 11 set. 2021.

NETO, A.T; MAZUCHELLI, L. P.; MOTA, V. M. Linguística Aplicada de resistência: Agência radical, transgressões e política para transformação social escolar. *In*: NETO, A. T. **Linguística aplicada de resistência**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 25-46.

NORA, A. B. Um histórico das políticas linguísticas para surdos sinalizantes: da lei de libras ao movimento em prol da escola bilíngue. **INTERLETRAS**, [S. l.], v. 6, n. 25, p.1-19, abr./set. 2017.

PAIVA, G. X. dos S.; FARIA, J. G.; CHAVEIRO, N. O ensino de libras nos cursos de formação de professores: desafios e possibilidades. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 68–80, 2018. DOI: 10.5216/rs.v3i1.53145. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/53145> . Acesso em: 7 jul. 2023.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84

PERLIN, Gládis; STROBEL, Karin. **Teorias da educação e estudos surdos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificada/teoriasDaEducacaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_pronta.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

QUADROS, R. M de; KARNOPP, L. B. Fonologia das línguas de sinais. *In*: QUADROS, R. M de; KARNOPP, L. B. **Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 47-80.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 24 set. 2021.

RAJAGOPALAN, K. Política linguística: do que é que se trata, afinal. *In*: NICOLAIDES, C.; SILVA, K. A.; TÍLIO, R; ROCHA, C. H. (org.) **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes, 2013. p. 19-42.

RECH, Gabriele Cristine; SELL, Fabiola Sucupira Ferreira; RIGO, Natália Schleder. Libras nas Licenciaturas e Currículo. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 156-171, 2019.

REIS, P; JORGE, M. O pensamento decolonial e a educação crítica: repensando o ensino de línguas na atualidade. **Gláuks** – Revista de Letras e Artes, Viçosa, v. 20, n. 1, p. 49-63, 2020.

RIBEIRO, Gilmara; BERTONHA, Giovanna; CASTRO, Juliana Nagaoka. Política linguística voltada para surdos no Brasil: reflexões sobre os domínios familiar e escolar. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 18, n. 01, p. 211-230, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27635>. Acesso em: 10 set. 2021.

ROCHA, Alessandra Fontes Carvalho. Processos e práticas decoloniais na formação de professores. **RELAcult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 3, n. especial, p. 1-19, dez./2017.

RODRIGUES, A.; ALMEIDA-SILVA, A. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua Brasileira de Sinais). **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 46, n. 2, p. 686–698, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i2.1673. Acesso em: 23 de out. 2022.

RODRIGUES, C. H.; VIEIRA-MACHADO, L. M. da C. A língua de sinais na formação de professores: experiências no Espírito Santo e em Minas Gerais. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 29, n. especial 2015, p. 247–278, 2016. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v29nEspeciala2015-p247a278. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29981>. Acesso em: 23 de out. 2022.

RODRIGUES, Carlos Henrique. A realidade plurimultilíngue brasileira: línguas de sinais e políticas linguísticas. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 19, p. 43-69, 2014.

ROSSI, R. A. A Libras como disciplina no ensino superior. **Revista de Educação**, v. 13, n. 15, p. 71-85, 2010.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade “deficiente” a partir dos significados da normalidade. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 1, p. 15-32, jul./dez. 1999.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 7-32.

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de; SOARES, Maria Elias. Um estudo sobre as políticas linguísticas no Brasil. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 1, n. 33, p. 102-112, jan./jun. 2014. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/15948/1/2014_art_sctsousamesoares.pdf. Acesso em: 20 set. 2021.

SOUZA JUNIOR, F. V. de; MARQUES, R. R. Aquisição de Libras por Não Surdos Como L2 no Ensino Superior. **Revista Diálogos**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 99–110, 2014.

Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2881>. Acesso em: 5 set. 2021.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra Rosa. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. **Dialogia**, [S. l.], n. 29, p. 47-68, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Programa Analítico de Disciplina: LET 215 - Inglês I**. [Viçosa: UFV], [21--?]. Disponível em: <https://www3.dti.ufv.br/dti/catalogo/programa-analitico/49797>. Acesso em: 20 dez. 2022.

VERAS, D. S.; BRAYNER, I. C. dos Santos. Atuação docente: ensino de Libras no ensino superior. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 32, p. 121-129, 2018.

VIANA, D. B.; DA SILVA, H. F. A aquisição de libras como segunda língua por estudantes ouvintes de letras-libras a partir do contato com alunos surdos. **Anais do COGITE-Colóquio sobre Gêneros & Textos**, Teresina, p. 59-75, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/10964>. Acesso em: 19 set. 2021.

APÊNDICE A – Programas das disciplinas das Universidades

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Contínuo)

Universidade	Programa
UFV	<p>Conteúdos: Introdução à Língua de Sinais; Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos; Histórico da educação de surdos e da Língua de Sinais; Identidades surdas e cultura surda; Fundamentos da educação de surdos; Legislação; Educação bilíngue para surdos: os novos desafios das escolas inclusivas; Formação de professores para atuar na educação de alunos surdos; O papel do tradutor e intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa; Crenças sobre as Línguas de Sinais ; Constituição da LIBRAS a partir de diferentes espaço visuais; Noções sobre o uso da Língua de Sinais; Organização linguística e gramatical da LIBRAS; Metodologias e estratégias de ensino para surdos; Processo de inclusão das pessoas surdas: proposição e elaboração de atividades práticas; Viagem de campo.</p>
UFSJ	<p>Ementa: História, Língua, Identidade e cultura surda. Aspectos linguísticos e teóricos da Libras. Educação de surdos na formação de professores, realidade escolar e alteridade. Estudos da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS: Fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Prática em Libras: vocabulário geral e específico da área de atuação docente.</p> <p>Objetivos: Desconstruir os mitos estabelecidos socialmente com relação às línguas de sinais e a comunidade surda; Destacar metodologias para a expansão de informações/conhecimento ao sujeito surdo por meio da Língua de Sinais; Fornecer conhecimento Teórico e Prático sobre a comunidade surda e sua língua; Desenvolver atividades que proporcionem contato dos alunos com a comunidade surda, afim de ampliar o vocabulário na língua de sinais; Motivar os alunos no aprendizado, destacando a importância da língua no ensino para alunos surdos.</p>

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Contínuo)

Universidade	Programa
UFSJ	<p>Conteúdos: Fundamento da Educação dos Surdos - Mitos da Língua de Sinais; Histórico da Língua de Sinais no mundo e no Brasil; Identidade e Cultura Surda; Bilinguismo e Surdez: a evolução dos conceitos no domínio da linguagem. Aspectos gramaticais da Língua de Sinais I - O léxico na Língua de Sinais; Parâmetros da Língua de Sinais (fonologia);(fonologica); Vocabulário básico; Sistema de transcrição; Sistema pronominal; Tipos de frases; Tipos de verbos; Adjetivos. Aspectos Gramaticais da Língua de Sinais I - Língua Portuguesa X língua Brasileira de Sinais; Tradução Língua Portuguesa - Libras; Variação linguística; Iconicidade e Arbitrariedade; Estrutura Sintática; Classificadores. Educação dos Surdos na formação dos professores - Relações de poderes no espaços multiculturais da escola para Surdos; A postura do professor na frente ao aluno Surdo ´ - posicionamento da escola e dos familiares; A representação social da surdez entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar; Aprendizagem.</p>
UFU	<p>Ementa: Conceito de Libras, Fundamentos históricos da educação de surdos. Legislação específica. Aspectos Linguísticos da Libras.</p> <p>Objetivos: Compreender os principais aspectos da Língua Brasileira de Sinais - Libras, língua oficial da comunidade surda brasileira, contribuindo para a inclusão educacional dos alunos surdos. Utilizar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos escolares e não escolares. Reconhecer a importância, utilização e organização gramatical da Libras nos processos educacionais dos surdos; Compreender os fundamentos da educação de surdos; Estabelecer a compreensão entre Libras e Língua Portuguesa, buscando semelhanças e diferenças; Utilizar metodologias de ensino destinadas à educação de alunos surdos, tendo a Libras como elemento de comunicação, ensino e aprendizagem.</p>

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Contínuo)

Universidade	Programa
UFU	<p>Programa: A Língua Brasileira de Sinais e a construção dos sujeitos surdos - História das línguas de sinais; As línguas de sinais como instrumentos de comunicação, ensino e avaliação da aprendizagem em contexto educacional dos sujeitos surdos; A língua de sinais na constituição da identidade e cultura surdas.</p> <p>A legislação específica: a Lei nº10.436, de 24/04/2002 e o Decreto nº5.626, de 22/12/2005. Introdução a Libras - Características da língua, seu uso e variações regionais; Noções básicas da Libras: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não-manuais, números; expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpas, expressões socioculturais negativas: desagrado, verbos e pronomes, noções de tempo e de horas. Prática introdutória em Libras: Diálogo e conversação com frases simples; Expressão viso-espacial.</p>
UFJF	<p>Ementa: Desenvolvimento, em nível básico, das habilidades de compreensão e expressão necessárias à comunicação com surdos sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Introdução ao estudo das visões sobre a surdez e sobre a Educação de Surdos. Conhecimentos básicos sobre os fundamentos linguísticos da Libras. Estudo de aspectos culturais dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais. Estudo das políticas linguísticas e educacionais na área da Surdez.</p>

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Contínuo)

Universidade	Programa
UFJF	<p>Programa¹⁵: Fundamentos da Educação de Surdos- História da Educação de Surdos e filosofias educacionais: oralismo(s); comunicação total e bilinguismo(s); A legislação brasileira e os documentos (nacionais e internacionais) relacionados à surdez e à Educação de Surdos; Visões da Surdez: modelo clínico-terapêutico versus modelo sócio-antropológico; Conceitos básicos: linguagem, língua, surdez, pessoa Surda, pessoa com deficiência auditiva (D.A.), dentre outros; Perspectivas atuais da Educação Bilíngue de/para/com surdos; Aspectos culturais e identidade(s) da(s) Comunidade(s) Surda(s).</p> <p>Prática: Fundamentos linguísticos da Libras - Diferenças e semelhanças entre as línguas orais e as de sinais; O Plano Fonológico da Libras: os cinco parâmetros: CM, L, M, Or e ENM (introdução); Morfossintaxe da Libras (introdução); Aspectos semânticos e pragmáticos da Libras (introdução); Corporeidade: consciência corporal e expressões físicas e sua importância na interação em Libras; Classificadores em Língua de Sinais (introdução); Vocabulário Básico da Libras/ interação em Libras (nível básico).</p>
UFVJM	<p>Ementa: Identificação e caracterização dos principais aspectos que norteiam a realidade dos surdos e da Língua Brasileira de Sinais (Libras), apontando desafios e possibilidades para a inclusão social e escolar para as pessoas surdas a partir de intervenção teórica e prática.</p>

¹⁵ A maioria das ementas traz o termo “conteúdo ou conteúdo programático”, a UFJF coloca o termo “programa”, que foi mantido nessa análise relacionando ao material de conteúdo ou conteúdo programático das demais instituições.

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Contínuo)

Universidade	Programa
UFVJM	Objetivo Geral: Compreender os principais aspectos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e estudar características socioculturais e linguísticas da comunidade surda.
	Objetivos Específicos: Fornecer conhecimentos gerais sobre a comunidade surda; Desmistificar ideias relativas às línguas de sinais; Apresentar os conceitos básicos relacionados à Libras; Refletir a aquisição da linguagem dos surdos; Desenvolver vocabulário básico de comunicação com pessoas surdas.
	<p>Conteúdo Programático:</p> <p>UE1: Conceitos básicos dos estudos surdos e Libras. (12 horas) Introdução à Língua de Sinais e Crenças sobre a Língua Brasileira de Sinais; Historicidade de língua de sinais e da Libras; Surdez: uma deficiência e diferença? Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos; UE2: Bases teóricas das concepções educacionais dos Surdos e Libras em contexto de política linguístico-educacionais. (12 horas) As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil; Aquisição da linguagem por meio da Libras para surdos; Educação bilíngue para surdos: os novos desafios das escolas inclusivas; Bloco I e II: Introdução, conhecendo a Libras e suas noções básicas através de alguns sinais (aprender a se apresentar e cumprimentos). Discutir teoricamente sobre as perspectivas biomédicas e socioantropológica da surdez, sobre as noções culturais, identitárias e linguísticas envolvendo a educação de surdos e refletir sobre a perspectiva bilíngue e inclusiva como um direito da criança surda. UE3: Ensino e aspectos linguísticos da Libras; (12 horas);</p>

Quadro 7 – Programas das disciplinas das Universidades (Conclusão)

Universidade	Programa
UFVJM	<p>Introdução aos estudos linguísticos: Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa em Foco. Aspectos fonológicos da Libras; Aspectos morfológicos da Libras; Aspectos sintáticos da Libras; UE4: O contexto comunicativo da fundamentos, didática e metodologias de ensino-aprendizagem para alunos surdos. (12 horas) O papel do profissional tradutor/intérprete da Libras;</p> <p>Multimodalidade, práticas metodologias e estratégias de ensino para Surdos;</p> <p>Processo de inclusão das pessoas surdas ou educação bilíngue para Surdos: proposição e elaboração de atividades práticas (12 horas); Bloco III e IV: Discussão e aprofundamento teórico-prático com base nos estudos da primeira parte da disciplina. Nesta parte iremos refletir e estudar as metodologias e estratégias de ensino para o ensino de surdos/as, bem como também, observar alguns exemplos e experiências práticas envolvendo a construção de materiais didáticos bilíngues adaptados multi-letramento, pedagogia visual e Libras.</p>
UFLA	<p>Ementa: LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais. Critérios diferenciados da Língua Brasileira de Sinais. Conhecer a Cultura Surda. Conhecimento teóricos e práticos para a comunicação com os surdos, utilizando-se para isso de diferentes sinais e do Alfabeto Manual, bem como apresentar os aspectos diferentes entre Cultura Surda e Ouvinte.</p>
UFTM	<p>Ementa: Introdução a Linguagem Brasileira de Sinais. Inclusão social das pessoas com deficiência na escola regular.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

ANEXO A – Universidade Federal de Viçosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
PRE | PRÓ-REITORIA DE ENSINO



Programa Analítico de Disciplina

LET 290 - LIBRAS Língua Brasileira de Sinais

Departamento de Letras - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Catálogo: 2021

Número de créditos: 3
Carga horária semestral: 45h
Carga horária semanal teórica: 1h
Carga horária semanal prática: 2h
Semestres: I e II

Objetivos

Identificar e caracterizar os principais aspectos que norteiam a realidade das pessoas surdas e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), a partir de atividades de intervenção teórica e prática, apontando desafios e possibilidades para a inclusão social e escolar

Ementa

Introdução à Língua de Sinais. Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos. Histórico da educação de surdos e da Língua de Sinais.. Identidades surdas e cultura surda.. Fundamentos da educação de surdos: Legislação.. Educação bilíngue para surdos: os novos desafios das escolas inclusivas.. Formação de professores para atuar na educação de alunos surdos.. O papel do tradutor e intérprete de LIBRAS/Língua Portuguesa..

Pré e co-requisitos

Não definidos

Oferecimentos obrigatórios

Curso	Período
Ciências Biológicas - Licenciatura (Integral)	6
Ciências Sociais - Licenciatura	6
Dança - Licenciatura	3
Educação Física - Licenciatura	6
Educação Infantil	3
Física - Licenciatura (Integral)	7
Geografia - Licenciatura	8
História - Licenciatura	7

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://siadoc.ufv.br/validar-documento> com o código: CFL8.U3ZH.FKTJ

ANEXO B – Universidade Federal de Minas Gerais



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

EMENTA DE DISCIPLINA

FACULDADE DE LETRAS - GRADUAÇÃO

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE LIBRAS

CÓDIGO: LET223

Nº CRÉDITOS: 04 **CARGA HORÁRIA TEÓRICA:** 60H **CARGA HORÁRIA PRÁTICA:** 00H **CARGA HORÁRIA TOTAL:** 60H

EMENTA

Visão sócio-antropológica da Surdez. Aspectos históricos da Educação de Surdos e da formação da Libras. Relações entre surdos e ouvintes (educador, intérprete e família) e seu reflexo no contexto educacional. Noções básicas da estrutura linguística da Libras e de sua gramática. Filosofias educacionais aplicadas aos Surdos e sua produção textual. Comunicação Básica em Libras.

OBJETIVOS

- Apresentar conceitos básicos da Libras e da surdez;
- Discutir sobre a educação dos surdos, o papel da língua de sinais, do intérprete educacional, relações familiares e processos de leitura e escrita dos surdos;
- Desenvolver habilidades comunicativas introdutórias na Libras.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Conceitos básicos sobre Libras e Educação de Surdos
- Introdução à Educação de Surdos
- Aspectos lingüísticos da Libras
- Bilinguismo dos surdos
- Inclusão educacional de surdos
- Prática em Libras

BIBLIOGRAFIA GERAL

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. (editores). *Dicionário enciclopédico trilingue da língua de sinais brasileira*. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Bibliotecas FALE e FaE

GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002. 172 p. Biblioteca Faculdade de Medicina (Campus Saúde)

QUADROS, Ronice Muller de & Karnopp, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos*. Porto Alegre, Artmed, 2004. Bibliotecas FALE e FAFICH

SKLIAR, Carlos. *Atualidade da educação bilíngüe para surdo – projetos pedagógicos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. Biblioteca FaE

Bibliografia Complementar

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. Biblioteca FALE

_____. *Integração Social e Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel, 1993. Biblioteca FALE

QUADROS, R.M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Bibliotecas FALE e FAFICH

SACKS, O. *Vendo vozes: uma jornada no mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. Bibliotecas FALE, FAFICH, FaE e Faculdade de Medicina (Campus Saúde)

SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. Biblioteca Faculdade de Medicina (Campus Saúde)



Documento assinado eletronicamente por **Adalberto Neves Werneck**, Técnico em Assuntos Educacionais, em 18/12/2020, às 22:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_externo=0, informando o código verificador **0487981** e o código CRC **BB94B492**.

ANEXO C – Universidade Federal de Ouro Preto



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE DISCIPLINA



Disciplina	Código: LET 966
Introdução de Libras introduction to Libras	
Departamento Departamento de Letras – DELET	Unidade acadêmica: ICHS
Ementa: Princípios básicos do funcionamento da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Estrutura linguística em contextos comunicativos. Aspectos peculiares da cultura das pessoas surdas.	
Conteúdo:	
A) Conceitual	
<ol style="list-style-type: none"> 1) Adquirir conhecimentos básicos de um conjunto lexical envolvendo a variação dialetal da LIBRAS praticada em Minas Gerais; 2) Compreender o código gestual do Alfabeto Manual ou escrita manual datilológica e como a mesma é utilizada em situações comunicativas; 3) Adquirir noções básicas da organização fonológica da LIBRAS, expressas através dos Parâmetros Fonológicos da LIBRAS; 4) Adquirir noções básicas da organização morfossintática da LIBRAS; 5) Refletir criticamente sobre a concepção da LIBRAS enquanto língua com status linguístico equivalente ao das línguas orais; 6) Adquirir noções básicas de dialeto, variação dialetal, idioleto, empréstimo linguístico e regionalismo em LIBRAS. 	
B) Procedimental	
<ol style="list-style-type: none"> 1) Desenvolver estratégias de leitura, interação e compreensão de textos sinalizados e registrados em vídeos; 2) Desenvolver estratégias de conversação em LIBRAS; 3) Desenvolver estratégias de conversação que utilizem o Alfabeto Manual; 4) Desenvolver a habilidade de reconhecer e produzir enunciados básicos em situações comunicativas envolvendo as seguintes temáticas: saudação, apresentação, escolaridade, organização espacial e temporal; 5) Princípios do desenvolvimento da habilidade de produção do sentido em LIBRAS; 6) Desenvolver estratégias para aprimorar as habilidades gestuais/motoras e visuais. 	
C) Atitudinal	
<ol style="list-style-type: none"> 1) Posicionar-se criticamente enquanto discente que compartilha a sala de aula com um profissional surdo na condição de docente e refletir sobre o respeito e valorização dispensada a este profissional às pessoas surdas em geral; 2) Refletir criticamente sobre a pessoa surda como sujeito da enunciação; 3) Refletir sobre a importância e o valor linguístico, histórico, social e cultural da LIBRAS; 4) Refletir criticamente sobre o respeito e valorização dos hábitos, costumes e tradições culturais das pessoas surdas; 5) Reconhecer-se como sujeito que está a desenvolver enunciados em uma modalidade de língua gestual-visual, portanto diferente da modalidade oral que é utilizada redominantemente 	

na sociedade.

Bibliografia básica:

1. GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009. 87 p. ISBN 9788579340017
2. QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
3. SOUZA, Tanya Amara Felipe de. **Libras em Contexto**: livro do estudante/cursista. Programa Nacional de Apoio à Educação do Surdo. MEC/SEESP, 2001

Bibliografia complementar:

1. BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273 p. ISBN 8528200698
2. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. 2. ed. São Paulo: Edusp, Imprensa Oficial, 2001. 2v. (1620p.) (v.1) 8531406692 (v.2).
3. SACKS, Oliver W. **Vendo vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 196p. ISBN 8571647798
4. SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. 192 p. ISBN 8587063170
5. STROBEL, Karin. **As Imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis:

ANEXO D – Universidade Federal de Juiz de Fora

Libras e Educação para Surdos (Licenciatura)

Código: LEM184	Departamento: DLEM
Carga-Horária: 60 horas	Créditos: 4
Pré-requisitos: Não há.	
EMENTA	
Desenvolvimento, em nível básico, das habilidades de compreensão e expressão necessárias à comunicação com surdos sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira (Libras). Introdução ao estudo das visões sobre a surdez e sobre a Educação de Surdos. Conhecimentos básicos sobre os fundamentos linguísticos da Libras. Estudo de aspectos culturais dos surdos brasileiros e suas implicações educacionais. Estudo das políticas linguísticas e educacionais na área da Surdez.	
PROGRAMA	
TEORIA	
<ol style="list-style-type: none"> 1. Fundamentos da Educação de Surdos <ol style="list-style-type: none"> 1.1 História da Educação de Surdos e filosofias educacionais: oralismo(s), comunicação total e bilinguismo(s). 1.2 A legislação brasileira e os documentos (nacionais e internacionais) relacionados à surdez e à Educação de Surdos. 1.3 Visões da Surdez: modelo clínico-terapêutico <i>versus</i> modelosócio-antropológico. 1.4 Conceitos básicos: linguagem, língua, surdez, pessoa Surda, pessoa com deficiência auditiva (D.A.), dentre outros. 1.5 Perspectivas atuais da Educação Bilingue de/para/com surdos. 1.6 Aspectos culturais e identidade(s) da(s) Comunidade(s) Surda(s). 	
PRÁTICA	
<ol style="list-style-type: none"> 2. Fundamentos linguísticos da Libras <ol style="list-style-type: none"> 2.1 Diferenças e semelhanças entre as línguas orais e as de sinais. 2.2 O Plano Fonológico da Libras: os cinco parâmetros: CM, L, M, Or e ENM (introdução). 2.3 Morfossintaxe da Libras (introdução). 2.4 Aspectos semânticos e pragmáticos da Libras (introdução). 2.5 Corporeidade: consciência corporal e expressões físicas e sua importância na interação em Libras. 2.6 Classificadores em Língua de Sinais (introdução). 2.7 Vocabulário Básico da Libras/ interação em Libras (nível básico). 	
Referências básicas:	
CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MAURICIO, A. L. <i>Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira</i> . São Paulo: EDUSP, 2013. v.1, v.2.	
GESSER, A. <i>Libras? Que Língua é essa?</i> São Paulo: Parábola, 2009.	
KARNOPP, L. B.; QUADROS, R. M. de. <i>Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos</i> . Porto Alegre: Artmed, 2004.	
LACERDA, C. B. F. <i>Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos</i> . Cadernos Cedes, Campinas, XIX, n. 46, p.68-80. Set. 1998.	
SACKS, O. <i>Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos</i> . São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.	
SKLIAR, C. (Org). <i>Atualidade da educação bilingue para surdos</i> .v.1, v.2. Porto Alegre: Mediação, 1999.	
Referências complementares:	
BRITO, L. F. <i>Integração social & educação de surdos</i> . Rio de Janeiro: Babel, 1993.	
BRITO, L. F. <i>Por uma gramática de língua de sinais</i> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. 273 p.	
BOTELHO, P. <i>Linguagem e Letramento na Educação de Surdos: ideologias e práticas pedagógicas</i> . Belo Horizonte: Autêntica, 2002.	
FERNANDES, E. <i>Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo</i> . Rio de Janeiro: Agir, 1990.	
GOLDFELD, M. <i>A criança surda: linguagem e cognição numa abordagem sócio-interacionista</i> . São Paulo: Plexus, 1997.	
QUADROS, R. M. <i>Educação de surdos: a aquisição da linguagem</i> . Porto Alegre: Artes Médicas. 1997	
SKLIAR, C. (Org). <i>A Surdez: um olhar sobre as diferenças</i> . Porto Alegre: Mediação, 1998.	
SKLIAR, C. (Org). <i>Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial</i> . Porto Alegre: Mediação, 1997.	
SOUZA, R. M. <i>Que palavra que te falta? Linguística, educação e surdez</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1998.	

ANEXO E – Universidade Federal de São João del Rei



Universidade Federal
de São João del-Rei

CONEP – UFSJ
Parecer N° 088/2018
Aprovado em 05/12/2018

9. EMENTÁRIO

1º NÚCLEO

 Universidade Federal de São João del-Rei	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ Instituída pela Lei nº 10.425, de 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEN COORDENADORIA DO CURSO DE LETRAS – LÍNGUA INGLESA E SUAS LITERATURAS (COLIL)		
CURSO: Letras – Língua Inglesa e suas Literaturas			
Grau Acadêmico: Licenciatura		Turno: Noturno	Currículo: 2019
Unidade curricular: EFE: LIBRAS - LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS			
Natureza: Obrigatória		Unidade Acadêmica: DELAC	Período: 1º
Carga Horária			
Total: 72ha (66h)		Teórica: 72ha (66h)	Prática: –
Pré-requisito: –		Correquisito: –	
EMENTA			
<p>História da educação dos surdos, língua, identidade e cultura surda. Aspectos linguísticos e teóricos da Libras. Educação de surdos na formação de professores, realidade escolar e alteridade. Estudo da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Prática em Libras: vocabulário geral e específico da área de atuação docente.</p>			
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> - Desconstruir os mitos estabelecidos socialmente com relação às línguas de sinais e à comunidade surda. - Destacar metodologias para a expansão de informações/conhecimento ao sujeito surdo por meio da Língua de Sinais. - Fornecer conhecimento teórico e prático sobre a comunidade surda e sua língua. - Desenvolver atividades que proporcionem contato dos estudantes com a comunidade surda, a fim de ampliar o vocabulário na língua de sinais. - Motivar os estudantes para o aprendizado, destacando a importância da língua no ensino para estudantes surdos. 			
BIBLIOGRAFIA BÁSICA			
<p>CAPOVILLA, F.C.; Raphael, W.D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira. v. I e II. 3.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. GESSER, A. Libras: que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009. QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.</p>			
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR			
<p>SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1989. SKLIAR, Carlos (Org.). Educação & exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005. SOUZA, Regina Maria de. Que palavra que te falta?: linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p>			

ANEXO F – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
UFVJM
www.ufvjm.edu.br



PLANO DE ENSINO

Disciplina: EADMAT075 - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS
Curso (s): EADPDGCP - PEDAGOGIA
Docente (s) responsável (eis): CHARLEY PEREIRA SOARES
Carga horária: 60 horas
Créditos: 4
Ano/Semestre: 2022/2

Objetivos:

Objetivo Geral:

Compreender os principais aspectos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e estudar características socioculturais e linguísticas da comunidade surda

Objetivos Específicos:

Fornecer conhecimentos gerais sobre a comunidade surda
 Desmistificar ideias relativas às línguas de sinais;
 Apresentar os conceitos básicos relacionados à Libras;
 Refletir a aquisição da linguagem dos surdos
 Desenvolver vocabulário básico de comunicação com pessoas surdas.

Ementa:

Identificação e caracterização dos principais aspectos que norteiam a realidade dos surdos e da Língua Brasileira de Sinais (Libras), apontando desafios e possibilidades para a inclusão social e escolar para as pessoas surdas a partir de intervenção teórica e prática.

Conteúdo Programático (com respectiva carga horária) e Avaliações:

UE1: Conceitos básicos dos estudos surdos e Libras. (12 horas)

Introdução à Língua de Sinais e Crenças sobre a Língua Brasileira de Sinais;
 Historicidade de língua de sinais e da Libras;
 Surdez: uma deficiência e diferença? Conceituação e concepções de surdez e dos sujeitos surdos;

UE2: Bases teóricas das concepções educacionais dos Surdos e Libras em contexto de política linguístico-educacionais. (12 horas)

As principais metodologias utilizadas na educação dos surdos no Brasil;
 Aquisição da linguagem por meio da Libras para surdos;
 Educação bilíngue para surdos: os novos desafios das escolas inclusivas;

Campus JK e Reitoria: Rua da Glória, nº 187 – Centro – CEP 39100-000 – Diamantina/MG – Brasil
 Campus I: Rodovia MGT 367 – km 583, nº 5000 – Alto da Jacuba – CEP 39100-000 – Diamantina/MG – Brasil
 Campus do Mucuri: Rua do Cruzeiro, nº 01 – Jardim São Paulo – CEP 39.803-371 – Teófilo Otoni/MG – Brasil
 Campus Janaúba: Avenida Um, nº 4.050 – Cidade Universitária – CEP 39447-814 – Janaúba/MG – Brasil
 Campus Unai: Avenida Universitária, nº 1.000 – Universitários – CEP 39610-000 – Unai/MG – Brasil

Telefone: +55 (38) 3532-6024
 Telefones: +55 (38) 3532-1200 / 6800
 Telefone: +55 (33) 3529-2700
 Telefones: +55 (38) 3532-6812 / 6808
 Telefone: +55 (38) 3532-6822 / 6821

Bloco I e II: Introdução, conhecendo a Libras e suas noções básicas através de alguns sinais (aprender a se apresentar e cumprimentos). Discutir teoricamente sobre as perspectivas biomédicas e socioantropológica da surdez, sobre as noções culturais, identitárias e linguísticas envolvendo a educação de surdos e refletir sobre a perspectiva bilíngue e inclusiva como um direito da criança surda.

UE3: Ensino e aspectos linguísticos da Libras; (12 horas)

Introdução aos estudos linguísticos: Língua de Sinais Brasileira e Língua Portuguesa em Foco.

Aspectos fonológicos da Libras;

Aspectos morfológicos da Libras;

Aspectos sintáticos da Libras;

UE4: O contexto comunicativo da fundamentos, didática e metodologias de ensino-aprendizagem para alunos surdos. (12 horas)

O papel do profissional tradutor/intérprete da Libras;

Multimodalidade, práticas metodologias e estratégias de ensino para Surdos;

Processo de inclusão das pessoas surdas ou educação bilíngue para Surdos: proposição e elaboração de atividades práticas (12 horas);

Bloco III e IV: Discussão e aprofundamento teórico-prático com base nos estudos da primeira parte da disciplina. Nesta parte iremos refletir e estudar as metodologias e estratégias de ensino para o ensino de surdos/as, bem como também, observar alguns exemplos e experiências práticas envolvendo a construção de materiais didáticos bilíngues adaptados multi-letramento, pedagogia visual e Libras.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS:

Leitura e discussão de artigos no fóruns; atividades práticas de ensino e aprendizagem da língua; produção gêneros visuais.

CRITÉRIOS

Sobre os acompanhamentos da avaliação serão divididos em três principais notas, sendo elas :

As avaliações serão presenciais e no ambiente virtual.

As avaliações presenciais terão valor de 70,0 (setenta pontos), sendo:

Primeira avaliação presencial no valor de 35,0 (trinta e cinco pontos)

Segunda avaliação presencial no valor de 35,0 (trinta e cinco pontos)

As avaliações no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) terão valor de 30,0 (trinta pontos) sendo distribuídos:

Sendo que terá subdivisão de notas, descrita em cada bloco a seguir:

Bloco I: uma atividade de vídeo no AVA, com o valor de 7 pontos

Bloco II: uma atividade no AVA, com o valor de 7 pontos

Bloco III: uma atividade no AVA, com o valor de 7 pontos

Bloco IV: Pesquisa elaboração de atividades práticas, com o valor de 9 pontos

Bibliografia Básica:

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2001. v.1, v.2.

FELIPE, Tanya A; MONTEIRO, Myrna S. Libras em contexto: curso básico, livro do estudante. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2007. Disponível para download na página: www.scribd.com/doc/95562107/Livro-Estudante-2007.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.

Campus JK e Reitoria: Rua da Glória, nº 187 – Centro – CEP 39100-000 – Diamantina/MG – Brasil
 Campus I: Rodovia MGT 367 – km 563, nº 5000 – Alto da Jacuba – CEP 39100-000 – Diamantina/MG – Brasil
 Campus do Cruzeiro: Rua do Cruzeiro, nº 01 – Jardim São Paulo – CEP 39.803-371 – Teófilo Otoni/MG – Brasil
 Campus Janaúba: Avenida Um, nº 4.050 – Cidade Universitária – CEP 39447-814 – Janaúba/MG – Brasil
 Campus Unai: Avenida Universitária, nº 1.000 – Universitários – CEP 38610-000 – Unai/MG – Brasil


Telefone: +55 (38) 3532-6024
 Telefones: +55 (38) 3532-1200 / 6800
 Telefone: +55 (33) 3529-2700
 Telefones: +55 (38) 3532-6812 / 6808
 Telefone: +55 (38) 3532-6822 / 6821

ANEXO G – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Departamento que oferta /Instituto: Departamento de Linguística e Língua Portuguesa/IELACHS

<p>LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) – 30 h/a – 2 créditos – Teórica – VII período</p>
<p>Comum aos seguintes cursos: História, Geografia, Letras, Ciências Biológicas, Física, Matemática e Química</p>
<p>Utiliza nota ou conceito: Nota</p>
<p>EMENTA Introdução a linguagem brasileira de sinais. Inclusão social das pessoas com deficiência na escola regular.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>BRITO, L. F. <i>Por uma gramática de Língua de Sinais</i>. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1995.</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Secretaria de Educação Especial. Ensino da Língua Portuguesa para surdos. Caminhos para a prática pedagógica – Brasília, 2002.</p> <p>FERNANDES, E. <i>Linguagem e Surdez</i>. Porto Alegre: Artmed, 2003.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</p> <p>COUTINHO, D. <i>Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa</i>. Semelhanças e Diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2001.</p> <p>QUADROS, R. M. de. <i>Educação de Surdos: a aquisição da linguagem</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.</p> <p>SACKS, O. <i>Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos</i>. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.</p> <p>SILVA, A. C. e NEMBRI, A. G. <i>Ouvindo o silêncio: educação, linguagem e surdez</i>. Porto Alegre: Mediação: 2008.</p> <p>SKLIAR, C. (org). <i>Atualidade da educação bilíngue para surdos</i>. Porto Alegre: Mediação, 1999, volumes 1 e 2.</p>

ANEXO H – Universidade Federal de Uberlândia

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA		
FICHA DE COMPONENTE CURRICULAR		
CÓDIGO: LIBRAS01	COMPONENTE CURRICULAR: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS I	
UNIDADE ACADÊMICA OFERTANTE: FACULDADE DE EDUCAÇÃO		SIGLA: FACED
CH TOTAL TEÓRICA: 30 HORAS	CH TOTAL PRÁTICA: 30 HORAS	CH TOTAL: 60 HORAS
OBJETIVOS		
<p>Compreender os principais aspectos da Língua Brasileira de Sinais – Libras, língua oficial da comunidade surda brasileira, contribuindo para a inclusão educacionais dos alunos surdos.</p> <p>Utilizar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos escolares e não escolares.</p> <p>Reconhecer a importância, utilização e organização gramatical da Libras nos processos educacionais dos surdos;</p> <p>Compreender os fundamentos da educação de surdos;</p> <p>Estabelecer a comparação entre Libras e Língua Portuguesa, buscando semelhanças e diferenças;</p> <p>Utilizar metodologias de ensino destinadas à educação de alunos surdos, tendo a Libras como elemento de comunicação, ensino e aprendizagem.</p>		
EMENTA		
<p>Conceito de Libras, Fundamentos históricos da educação de surdos. Legislação específica. Aspectos Linguísticos da Libras.</p>		
PROGRAMA		

<p>1. A Língua Brasileira de Sinais e a constituição dos sujeitos surdos.</p> <p>1.1 História das línguas de sinais</p> <p>1.2 As línguas de sinais como instrumentos de comunicação, ensino e avaliação da aprendizagem em contexto educacional dos sujeitos surdos</p> <p>1.3 A língua de sinais na constituição da identidade e cultura surdas</p> <p>1.4 Legislação específica: a Lei nº 10.436, de 24/04/2002 e o Decreto nº 5.626, de 22/12/2005</p> <p>2. Introdução a Libras</p> <p>2.1 Características da língua, seu uso e variações regionais</p> <p>2.2 Noções básicas da Libras: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não-manuais, números; expressões socioculturais positivas: cumprimento, agradecimento, desculpas, expressões socioculturais negativas: desagrado, verbos e pronomes, noções de tempo e de horas.</p> <p>3. Prática introdutória em Libras</p> <p>3.1 Diálogo e conversação com frases simples</p> <p>3.2 Expressão viso-espacial</p>
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>FALCÃO, L. A. Aprendendo a Libras e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão: estabelecendo novos diálogos. 2. ed. Recife: Ed. do Autor, 2007.</p> <p>LIBRAS: conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson, 15. ed. 2011.</p> <p>LODI, A. C. B. (Org.) Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2014.</p> <p>SÁ, N. R. L. Cultura, poder e educação de surdos. Manaus: Ed. da UFAM, 2002.</p> <p>SKLIAR, C. (Org.) Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.</p>
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte (Ed.). **Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras**. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus editora, 2002.

MOURA, Débora Rodrigues. **Libras e leitura de língua portuguesa para surdos**. Curitiba: Appris, 2015.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SACKS, O. W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SKLIAR, C. (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SKLIAR, C. (Org). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**. 4.ed. Porto Alegre, Mediação, 2013.

APROVAÇÃO

[Nome]
Coordenador/a do Curso
Portaria

Geovana Ferreira Melo
Diretora da Faculdade de Educação

ANEXO I – Universidade Federal de Lavras

Código: GPE106
Revisão: 1
Emissão: 04/10/2022
Página: 1/1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

EMENTA E CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

CÓDIGO	DENOMINAÇÃO	CR.	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
GPE106	Língua Brasileira de Sinais (libras)	2	34	0	34

EMENTA

LIBRAS Língua Brasileira de Sinais. Critérios diferenciados da Língua Brasileira de Sinais. Conhecer a Cultura Surda. Conhecimento teórico e prático para a comunicação com os surdos, utilizando-se para isso de diferentes sinais e do Alfabeto Manual, bem como apresentar os aspectos diferentes entre Cultura Surda e Ouvinte

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

"Unidade I A linguagem através dos sinais. Nesta unidade apresentamos informações referentes aos surdos e sua organização social, cultural e lingüística. Falamos sobre questões comuns às sociedades de surdos. Unidade II A unidade terá como ponto culminante as atividades que envolvem a compreensão e produção em sinais. Os alunos sempre terão a oportunidade de passar por níveis diferenciados de compreensão para se sentirem mais seguros no momento da Produção. Unidade III A conversação é um exercício de compreensão e produção que os alunos ivenciam no espaço da sala de aula. São momentos em que os alunos praticam o que aprenderam nas unidades que já foram trabalhadas, com ênfase especial aos conteúdos desenvolvidos na unidade presente. Unidade IV Envolve atividades recreativas que desenvolvem aspectos que foram estudados na própria unidade e em unidades anteriores. O objetivo é de fixar o conhecimento e, ao mesmo tempo, proporcionar momentos prazerosos de uso dos aspectos da língua que foram estudados."

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HOEMANN, HARRY W. e Oates, Eugênio, Linguagem de Sinais do Brasil. Porto Alegre: Centro Educacional para Deficientes Auditivos.

QUADROS, R. M. (1995). As categorias vazias pronominais: Uma análise Alternativa com Base nas LIBRAS e Reflexos no Processo de Aquisição. Dissertação de Mestrado. PUC: Porto Alegre. RS. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas ? 1997.

STROBEL, Karin Lillian et alii. Falando com as Mãos. Curitiba: Secretaria de Estado de Educação.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Revista Espaço: Informativo Técnico ? Científico do INES. (1999 ? 2001).

Revista Integração. MEC ? SEE/SP.

CORRÉA, J. M. Surdez e os Fatores que compõem o método áudio visual de linguagem oral para crianças com perdas auditivas ? São Paulo: Ed. Atheneu 1999;

BRASÍLIA, Decreto nº 5.296 de 02 de Dezembro de 2004. Senado Federal ? 2005.



Esse documento foi gerado em 26/04/2023 às 11:39:13

Para verificar a autenticidade desse documento, basta acessar o link abaixo e localizar a referida disciplina.

https://sig.ufla.br/modulos/publico/matrizs_curriculares/index.php